

nick farewell

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Aos meus pais e a todos aqueles que têm talento para a vida.
Nick Farewell GO

“Nego-me a aceitar o fim do homem. Eu acredito que o homem não apenas resistirá, como prevalecerá... Ele é imortal, não porque apenas dentre as criaturas seja dotado de uma voz inexaurível, mas por possuir uma alma, um espírito capaz de compaixão, de sacrifício, de suportar o sofrimento... A voz do poeta não deve servir apenas de testemunho do homem: ela deverá ser também uma das estacas, um dos pilares que o ajudarão a resistir e a vencer.”

William Faulkner

“Se você for tentar, tente de verdade. Caso contrário nem comece. Isso pode significar perder namoradas, esposas, parentes e empregos. E talvez a sua cabeça. Isso pode significar não comer nada por três ou quatro dias. Isso pode significar congelar num banco de praça. Isso pode significar gozação. Isso pode significar escárnio, isolamento. Isolamento é uma dádiva. Todo o resto é teste de sua resistência. De quanto você realmente quer fazer isso. E você vai fazer isso, enfrentando rejeições das piores espécies. E isso será melhor do que qualquer coisa que você já imaginou. Se você for tentar, tente de verdade. Não há outro sentimento melhor que isso. Você estará sozinho com os deuses. E as noites vão arder em chamas. Você levará sua vida direto para a risada perfeita. Esta é a única boa briga que existe.”

Charles Bukowski

P reciso encontrar alguém que me traga de volta para a vida. Penso enquanto subo a escada rolante. Sabe, sou uma daquelas pessoas que nasceram com um buraco no peito. Por isso, sempre me pergunto se existe um lugar neste mundo para pessoas como eu.

Sensação de posse não é um dos sentimentos mais frequentes para mim. No momento, não tenho emprego, não tenho namorada e, muito menos, amigos. Moro num *apertamento* alugado (desculpe o trocadilho) de 40 m^2, e para quem não sabe o que isso significa basta dizer que, se entram três pessoas na minha casa, alguém tem que estender a conversa no banheiro. Ou melhor, se alguém entra de frente no banheiro, precisa sair de costas. Mas é um lugar para mim. Ao menos posso colocar o meu pôster de *Os Incompreendidos* na parede. Se bem que já estou de saco cheio de ter que responder a pergunta: “Quem é?”, sempre acompanhada daquela cara de interrogação imbecil que eu odeio. Tenho que confessar a você que eu já tive mais saco. Mas quer saber? Agora não me importo mais. Se eu digo: “É de um filme”, você pode ter certeza de que estou de excelente humor.

Quer que descreva o que tenho no meu apê? Vamos ver. Tenho um punhado de fitas de vídeo, discos, livros, um sofá velho, um armário, uma escrivaninha com

um computador velho com função “máquina de escrever”, uma mesa de centro, uma mesa de jantar e um colchão disfarçado de cama. Mas o que é importante aí são meus filmes e livros. As pessoas se enganam achando que, por causa do meu jeito, devo ser fã de Tarantino e escritores *Beat*. Bip! Errado. Gosto dos filmes do Tarantino. Mas isso é pura diversão. Gosto de escritores *Beat*. Mas eles não têm perspectiva. Sim. Por incrível que pareça, eu tenho uma perspectiva. Está certo que eu bebo tanto quanto eles (ou, se bobear, todos eles juntos), mas eu tenho um objetivo. Mesmo porque, aprendi que a única maneira de controlar a minha melancolia é continuar sonhando.

Eu conto para você qual é o meu objetivo e como vou chegar lá. Mais tarde. Agora, vamos aos filmes. Eu poderia começar falando de muitos, mas não sei por que me lembro de *Paris, Texas* primeiro. A última cena do filme não sai da minha cabeça. Aquela conversa telefônica na cabine de strip-tease. Para mim, é a prova definitiva de que somos incomunicáveis. A grande maldição que carregaremos para o resto de nossas vidas. Talvez o título também seja uma grande metáfora da inexistência do espaço e das associações improváveis. Um lugar onde Paris e Texas poderiam se encontrar. Ou melhor, esse lugar existe, muito mais perto do que imaginamos. Não sei se você sabe, mas realmente existe uma cidade chamada Paris, no estado de Texas. Sim. Wim Wenders é genial. O cara consegue resolver todos os filmes nos dez minutos finais. Você viu *Asas do Desejo*, não viu? Vamos continuar. O filme da minha vida, *Cinema Paradiso*. Sim, eu tenho sentimentos. Muitos amigos — mais para conhecidos do que amigos na minha definição — estranham essa minha resposta. Mas é que nós vivemos num mundo onde as pessoas não sabem mais diferenciar sentimento de sentimentalismo. Para quem entende, sim, eu também tive uma Helena e agora persigo os sonhos. Outros filmes? Acho que agora você já tem uma ideia do meu gosto. Vamos ver outros exemplos que dão mais dimensão às minhas preferências. *Despedida em Las Vegas*. *O Caminho para Casa*. Ah, sim, *Clube da Luta*, *Matrix*. É isso. O resto tente adivinhar. Agora, os livros são um capítulo à parte. Mesmo porque isso tem a ver diretamente com o meu sonho. Já disse que não gosto de escritores *Beat*, apesar de ter lido muitos. Aliás, eu já li muito. Pretensioso? Alguém poderia me questionar: “Você só tem 29 anos. Como alguém com essa idade pode dizer que leu muito? Você é muito convencido”. Não. Eu li desde os 19 até uns três anos atrás. “Sim, e daí?”, você pode continuar. Nesse caso, eu preciso dizer que sou um leitor compulsivo. Eu li, simplesmente, quase um livro por dia. Faça suas contas. Eu li bastante.

Mas o que eu faço agora é andar pelas ruas. A vida está nas ruas. Já tentei encontrar dentro de escritórios, mas não consegui. Se você um dia conseguir encontrar, por favor, me conte, porque isso realmente mudaria a minha vida.

Por exemplo, eu adoro andar de metrô. Observar as pessoas dentro do metrô é o meu passatempo favorito. Você não imagina como eu aprendo observando as pessoas. De tanto olhar, eu tenho uma leve desconfiança de que já tenha nascido com esse dom — como o superpoder dos super-heróis, consigo ler no rosto das pessoas o histórico de cada um. Não raro, eu consigo adivinhar o timbre de voz, o assunto da próxima conversa e, muitas vezes, o que se passa na cabeça deles. Provavelmente, de tanto gostar de metrô, quando eu tiver meu Porsche vou parar no estacionamento de qualquer estação, ficar passeando de metrô, pegar de volta o meu carro e retornar para casa. Depois eu volto para a história do Porsche, acho que você vai gostar, mas depois.

Mas essa não é a história do homem que lia pensamentos. Acredite, qualquer um pode fazer. O que eu quero contar para você é como um homem comum pode ser, ou, se você preferir, ter o que quiser. Afinal, o que eu quero da vida? A resposta é a mais estúpida e genial possível: eu quero viver.

Bom, agora eu estou diante de um manuscrito de umas trinta páginas e não estou muito seguro se o que escrevi é realmente bom. O que empaca a minha vida não é a insegurança em si, mas, sim, o excesso de autocrítica. Uma vez, numa entrevista com um homem inteligente (outros poderiam chamar de empresário bem-sucedido), ele me disse: “Sabe qual é o seu problema? Você é exigente demais”. Acho que poderia ter trabalhado com ele. Eu duraria uns cinco meses. Aí, a rua me chamaria de volta. Como já disse, a vida está nas ruas.

Quer saber? Eu tenho um plano. Vou publicar o meu livro de poemas até o fim do ano. Em seguida, vou publicar o primeiro romance, *Kubikova*, sobre uma mulher que inventei, inclusive o nome. Legal, não acha? Ela poderia ser de um daqueles países do Leste Europeu, como a República Tcheca, a Polônia ou a Ucrânia. Uma mulher misteriosa, cheia de vida e, mais uma vez, um perdido na vida como eu a encontraria. O resto é, literalmente, história.

As pessoas me perguntavam, quando eu era adolescente, por que tudo que eu escrevia era triste. Agora eu respondo: porque eu era um imbecil. Agora eu acredito em finais felizes. Você vai ver. É como na vida. Se o fim não é feliz,

ainda não é o fim. Por isso, será um livro com final feliz. Ou, pensando bem, será trágico? Há muito entendimento nas tragédias. Será que vou ceder em nome da arte? Arte. Isso é besteira. Sempre acreditei que a maior das artes é quando você transforma a sua própria vida em arte. Ser artista da sua própria vida deveria ser o objetivo de todos os artistas ou, pelo menos, dos que se intitulam assim. Queria muito dizer que sou artista quando alguém me pergunta o que eu faço. Eu ainda não tenho essa convicção. Ou segurança. Pensando bem, artista soa pretensioso. Mas você vai ver, um dia vou responder: “Sou poeta. Eu escrevo poemas. Sou um artista”.

Uma vez encontrei uma garota. Era garçonete. Ela sugeriu que fôssemos a um lugar. Eu, como de costume, estava completamente bêbado. E, quando ela me perguntou o que eu fazia, eu disse para tentar adivinhar. Ela me olhou fixamente por uns três segundos e respondeu: “Você é poeta!”. Mas ela não conta. Era completamente doida.

Trinta páginas. É tudo que consegui escrever em dois meses. Mas, claro, você tem que me dar um desconto de um ano, porque nesse intervalo de tempo vivi o máximo que pude. Se não, não teria história para contar. No momento, estou tentando me disciplinar para continuar escrevendo. Mas não é muito fácil escrever sobre uma garota que não existe. A garota dos meus sonhos. Ela poderia se comunicar com as pessoas em inglês, já que personagem falando tcheco vai ser muito difícil, claro. Hum... O motivo da vinda para este país. Uma desilusão amorosa. Perfeito. Uma garota do Leste Europeu com o coração partido. Vou me concentrar nisso.

É noite. As noites são sempre um problema para mim. Aliás, o jantar é um problema. Como odeio cozinhar, mas adoro comer bem (apesar de estar quase sempre duro), isso é realmente um grande problema. Uma vez inventei que estava fazendo um curta e jantei por dois meses de graça num restaurante italiano com amigos que convenientemente arranjei. Nós nos encontrávamos no restaurante e combinávamos falar sobre o filme, claro, com o roteiro inventado. Terminávamos o jantar e seguíamos cada um para o seu destino. Mas resolvi acabar com a farsa para não abusar da boa vontade do dono e também sair limpo dessa história. Pensando bem, eu poderia filmar essa história de verdade. Nunca se sabe.

Mas essa noite não tem filme nem restaurante italiano. Tenho treze reais e

sessenta centavos. Não quero McDonald's. Também não quero cachorro quente. Resta recorrer a alguns amigos. Mas como assim, amigos, se eu não tenho? Ah, sim, conhecidos. Em noites como essa eu costumo jantar na casa do Roberto. Apanho o casaco. Eu já disse que adoro andar pelas ruas? É claro, você já está aprendendo. A vida está nas ruas. Leva uns 25 minutos até a casa do Roberto. Ele é publicitário. Responsável pelas campanhas geniais para o refrigerante *X* e o sabonete *Y*. É o que outros poderiam chamar de um homem bem-sucedido. O que eu tenho em comum com esse cara? Estudamos juntos.

Chego ao apartamento. Droga, ele não está. A mulher dele também é publicitária. Eu adoro jantar com eles, são divertidos. Carol, a mulher dele, é uma daquelas garotas que adoram conversar. Fala sobre tudo, desde *chakras* indianos até a última tendência do *drum and bass*. Isso é bom, ajuda a me manter inteirado do mundo moderno. Mas confesso, às vezes me enche o saco. Bom, vou falar um pouco do Roberto. Ele é um homem calado, desconfio que não é muito feliz com o que faz. Deve ser esse o meu elo de ligação com ele. Na verdade, esse meu jeito desbocado de viver é tudo o que ele gostaria. Mas quer saber? Enche o saco não ter dinheiro para pagar as contas. A preocupação que isso gera em mim é digna de causar qualquer úlcera. Assim, ficamos com apenas a complacência mútua entre dois amigos (por que eu nunca consigo me acostumar com essa palavra?) numa sala de jantar pipocando de assuntos aleatórios. Eu devo ser uma espécie curiosa, eles devem pensar: "Por que esse cara formado em uma ótima faculdade não consegue um emprego decente? Conversando assim até que não parece tão sociopata". Eles não sabem. Eu só quero viver.

Infelizmente, hoje não tem jantar. Acho que o jeito é ir até a casa do Charlie Brown. Eu o chamo assim porque ele tem uma cabeça (acho mais apropriado dizer abóbora) igualzinha ao personagem do Snoopy. Mas o que é mais interessante é como ele vive. A "profissão" dele é fascinante. Charlie acorda às dez, veste-se calmamente, em geral de maneira clássica — terno, gravata, essas coisas. E olha que o cara mora num barraco caindo aos pedaços. Eu não sou fresco, mas pode-se dizer que onde o Charlie mora é um verdadeiro representante do que chamamos pulgueiro. A geladeira já deveria ter sido despachada para o museu faz tempo. O chão mal cimentado tem terríveis falhas que acumulam sujeira. Os móveis nem as Casas André Luiz aceitariam. A lâmpada incandescente deve ter potência negativa, menos 50 watts. Não ilumina

porcaria nenhuma. Melhor, assim não enxergo direito o que estou comendo. É isso. A minha vida de oito ou oitenta, do apartamento chique dos Jardins até uma casinha caindo aos pedaços do Jardim Tremembé. Mas Charlie é um filósofo. Ele ganha dinheiro suficiente para sustentar seus vícios, como ele mesmo diz. Toda vez que estou lá, o Charlie começa a divagar sobre todas as metáforas da vida, as suas incongruências, o sentido da vida, mistura tudo com religião, ciência, cinema, histórias em quadrinhos e muita maconha. Não. Não estou falando da "viagem" dele. Charlie fuma muito. Como eu não gosto disso, mas sou visita, tento acompanhar. Mas confesso que não faz a minha cabeça (hahahaha). Fico muito lesado, como sempre digo. Mas, com a quantidade que o Charlie fuma, permanecer ali sem fumar daria na mesma que fumar. Vamos voltar à "profissão" do Charlie. Ele é o que chamo de gravador de bilhete. É isso mesmo. A "profissão" do Charlie é tão viagem quanto o que ele fuma. Às dez e meia ele chega na estação Tucuruvi do metrô. Agora você está começando a entender onde eu conheci essa figura. Ele chega até a catraca e calmamente coloca o seu bilhete na entrada indicada. Pega-o de volta quando ele salta pela saída de cima e caminha lentamente até a plataforma. Você está estranhando por que estou descrevendo essa cena banal, certo? Mas aí é que está. Essa é a profissão do Charlie. Vamos voltar à cena. Charlie saca do bolso um bilhete desmagnetizado com uma fita magnética de uma fita cassete colada. O bilhete entra na máquina e sai. Pouco antes de sair, Charlie posiciona sua mão para pegar de volta o bilhete com a fita grudada. Por que ele tem que esperar o bilhete sair para escondê-lo, se a fita magnética é imperceptível? É verdade. Mas, quando prepara o bilhete, ele estica ao máximo a fita, de modo que o bilhete fica arqueado, em forma de sorriso. A fita fica estendida entre este arco. Convém esconder rapidamente para não ser pego. Mas é óbvio que você não entendeu ainda. Que diabo é isso? Vou explicar. Será que você já ouviu falar em indução eletromagnética? Se a resposta for positiva, ajuda muito na explicação. Senão, tente acompanhar o raciocínio. O objetivo dessa operação toda é fabricar bilhetes falsificados. Imagine que você compra um bilhete de dez e coloca a fita. Quando o recebe de volta na saída da catraca você tem um bilhete com nove unidades e uma fita magnética com as mesmas informações do bilhete. Agora é só comprar uns bilhetes desmagnetizados no mercado negro, colar essa fita no bilhete e passar de novo na catraca. *Voilà*! Você tem um legítimo bilhete falsificado. O que você faz com isso? Simples. Você volta para o mercado negro e vende por um real cada unidade de passagem. Sabendo que o Charlie grava uns trinta ou quarenta bilhetes (sim, Charlie é um trabalhador sério), vamos dizer que ele tem

uma renda mensal de mais ou menos seis mil reais. Isso porque em alguns dias ele não trabalha, mas não é porque ele é preguiçoso. Charlie adora trabalhar. É que ele precisa dar um tempo, caso contrário fica marcado pelos funcionários do metrô. E você, que estava todo orgulhoso porque tem um emprego bom, porque se formou numa faculdade bacana, que azar se você ganha menos que ele.

Mas não pense que sou a favor do trabalho dele. Não sou moralista, mas eu sei que isso é crime. Não sei precisar, mas acho que gosto muito da ideia de que essa história de alguma maneira subverte o conceito que as pessoas têm de sobrevivência. Errado, eu sei. Mas de alguma maneira perversa e poética mostra que este mundo não é tudo do jeito como você pensa. *Matrix*? Pode ser. Mas é como eu digo: “Preconceito é uma coisa que você deve deixar na gaveta de casa”. Ou melhor, deve ser incendiado. Completamente.

Chego à casa do Charlie por volta das oito horas. Como não vejo nenhuma luz, provavelmente, ele não chegou ainda do trabalho (tudo bem, da próxima vez eu retiro a palavra “trabalho”). Eu abro o portão e retiro um tijolo do degrau na entrada. Precisamente o segundo à direita do terceiro degrau. Uma chave. Entro na casa. Cheiro forte de fumo e outras coisas desagradáveis atingem com tudo a minha narina. Preciso controlar a minha respiração. Está bem. Daqui a pouco isso passa. Dou uma olhada. Como já disse, isso aqui é uma pocilga. Não, isso é um elogio. Nem uma bomba atômica faria um estrago desses. Eu junto umas roupas aqui, pratos ali, revistas acolá e jogo tudo no quarto ao lado. Finalmente surge um espaço mínimo onde posso me sentar. Agora é só esperar. Enquanto eu espero vejo um punhado de livros espalhados no chão. É Kerouac, Burroughs, Ginsberg e toda a companhia de *Beats*. Sim, a maioria dos meus amigos (cacete, conhecidos) é fã. Não, eles veneram escritores *Beats*. Junte-se a isso um pouco de Bukowski e Blake, e teremos um quase retrato falado de todos eles. Puxa, na pressa esqueci de falar sobre as minhas preferências literárias. Eu apresento: “Aventuras de verdade não acontecem às pessoas que ficam dentro de casa. Devem ser buscadas mundo afora”. A vida está nas ruas, James Joyce. Já sei. Você achava que Joyce era uma daquelas vacas sagradas da literatura, intocáveis. Se você conheceu Joyce através de um daqueles típicos adoradores de Joyce, metidos ou, sei lá, genuínos intelectuais, e ganhou uma repulsa do tamanho da quantidade de páginas de *Ulisses*, está na hora de você repensar. Eu disse que a vida estava nas ruas. Pensando bem, existe um outro lugar onde você pode encontrá-la. Sim. Ela está nos livros de Joyce. A opinião perfeita sobre Joyce

ainda é a de Peter Milligan, através de um dos personagens irlandeses. Ele diz: “Esse negócio de vida é muito complicado. Eu deixo para Deus e James Joyce” (de onde é isso? É da HQ *Skreemer*. O quê? Você não gosta de quadrinhos? Hum, o que eu disse sobre preconceito? Algumas vezes penso que certas pessoas deviam ser incendiadas junto com os seus preconceitos. Mas deixa pra lá).

Deus. Mas Deus vem em número de três. Quem será o segundo? O segundo é o senhor “Deus é amor” (hum, que péssimo trocadilho) Thomas Mann. Aí está um homem que falava a língua dos anjos. Não tem como conter as lágrimas na passagem final de *A Montanha Mágica*. Somente Mann pode invocar e suscitar a nossa dúvida diante da única pergunta universal pertinente do nosso tempo: “Será que também da festa universal da morte, da perniciosa febre que ao nosso redor inflama o céu desta noite chuvosa, surgirá um dia o amor?”. Não vou mais falar dele.

O terceiro, mais mundano, representante quase caricatural da nossa condição moderna de hedonismo é o grande Ernest Hemingway. Sem filosofia, sem conversa fiada, instinto puro. Agora me ocorre uma comparação interessante. Esses três representam Deus (Joyce), Homem (Hemingway) e Sacerdote (Mann). Enfim, são meus Deuses. Portanto, não venham com literatura *junky* ou *underground* para cima de mim. Talvez eu possa escrever como algum dos escritores moderninhos influenciados até o subcutâneo pela geração *Beat*, mas, me desculpe, eu bebi de outras fontes. Mas isso não é preconceito. É que geralmente quem gosta de *Beat* é intolerante. A intolerância é tanta que, se eu digo que gosto “mais ou menos”, são capazes de me ameaçar de morte. Dizem: “Como assim, mais ou menos? Você está brincando, né? Logo você que me parecia tão culto. Nem Bukowski? Que droga. Pessoas interessantes são realmente difíceis de encontrar hoje em dia”.

Ai, meu saco. Mas geralmente a minha resposta é polida. Digo, diretamente proporcional à beleza da garota. A minha favorita é: “Olha, eu li todos os que você está mencionando. E você, já leu os meus?”.

Bom, infelizmente tive que jantar. Digerir coisas mais precisamente. A fome foi mais forte do que eu. Eu nunca ia saber a que horas a nossa criatura de Charles Schulz vai chegar. No meu bolso, agora, tenho nove reais e alguma coisa. Um cachorro quente e a passagem de metrô foram meus gastos. Assim, a minha ideia de ter um jantar decente hoje já se foi. Mas, vejamos o que teremos como

passatempo. Espero que a digestão seja muito melhor do que a comida. E, desculpe desapontar, mas não estou falando de coisa ilegal que faz fumaça. Não. Você está novamente equivocado. Não sou contra drogas. Pelo contrário. Eu acho que cada um deve fazer o que bem entende. Só não consigo entender desde quando se subverteu a ideia do uso de drogas. Antigamente, escritores falavam das suas experiências, uso consciente (essa é boa) ou, no mínimo, inteligente. Agora só vejo um bando de bicho grilo dizendo: “Só, só, pode crer, issa, só, pode crer. Que merda. Mandaí. Curtiu? É da boa, né? Sabe, o meu cunhado comprou uma casa que é da hora (aliás, aqui eu preciso dizer, eu odeio gírias). Tem carro do ano...”. Por aí vai. Se bem que, para aguentar esse papo todo, só drogado mesmo. Tudo bem, posso estar generalizando. Mas, algumas vezes, pode ser bem legal, como a bebida. A companhia faz toda a diferença. Em resumo, eu uso drogas.

Uma vez conheci uma garota que era bem bacana, louca (como eu gosto), de olhos verdes e, acreditem, especialista em filosofia indiana. Ela usava cocaína. Acho que foi um dos usos de droga mais proveitosos que fiz em toda a minha vida. Ficamos discutindo sobre a cosmogonia indiana por umas oito horas. Entre beijos e passa a mão aqui e ali, realmente foi proveitoso. É uma pena que o dia seguinte seja literalmente uma droga. Aliás, para mim, dois dias seguidos. E sem contar que o dia anterior não foi 100% perfeito. Como a quantidade que inalamos foi cavalar — ou será elefantar? —, eu tive aquele efeito que só o Viagra pode curar. Pois é. Droga, definitivamente não é perfeita.

Finalmente a maçaneta gira. É Charlie. Eu levanto de súbito. “E aí, Charlie, beleza?” “E aí, meu irmão, como você está?”

O cara está com barba por fazer. Eu tinha dito da última vez que ele precisava fazer a barba, senão isso iria atrair a atenção dos funcionários do metrô. Mas o cara está fissurado em psicodelia e Los Hermanos. Não vai funcionar.

Ele abre a maleta 007 que comprou com as primeiras falsificações. Lá dentro tem um monte de maços de cigarros *Marlboro* com bilhetes falsos dentro. Como você vê, ele é prático e sabe manter o disfarce. Logo você vai ver que o Charlie não é um idiota contraventor, é até inteligente. Facilmente ele poderia ser gerente de uma empresa respeitada — se bobear, até seu chefe. Charlie tem uns trinta anos, morou na periferia por muito tempo. Ele costuma dizer que a oficina cultural o salvou. Ainda mostra orgulhoso *As Flores do Mal,* de Baudelaire, que

ele comprou no sebo como um atestado de idoneidade, ou melhor, uma certidão de nascimento. Se você tem alguma dúvida do tipo “para que os livros servem?”, aqui você tem um exemplo comovente. Eu não quero fazer melodrama e não sou impressionável. Mas os pais do Charlie morreram numa chacina e ele quase pirou. Um garoto de quinze anos morando na periferia sem um puto e sem ninguém. Dizem que depois de vagar como louco por uns tempos, foi atraído pela distribuição de comida da oficina cultural. Foi quando ouviu uma poesia de Baudelaire saindo de uma das salas. Aquela voz triste misturada com uma interpretação de suplício tocou o seu coração. Não me pergunte se as pessoas nascem sensíveis ou adquirem a sensibilidade. O fato é que esse garoto chorou copiosamente e resolveu voltar à vida. O resto da história pode ser resumido em ascensão e queda. Charlie está na fase da negação, já não sente mais culpa se está cometendo um crime, só está com uma ideia fixa de que o que está fazendo é um esforço para demolir o sistema. A merda do sistema, como diz Charlie. Eu sinceramente não sei se essa história do Baudelaire é verdade, mas, ao ver como ele segura com todas as forças esse livro e seus olhos enchendo de lágrimas, eu não tenho outra coisa a fazer senão acreditar. Somente resta duvidar da minha fenomenal capacidade de encontrar pessoas com histórias incríveis de vida.

— Cara, o meu dia foi fantástico. Sabe, estou melhorando o meu negócio. Contratei uns moleques, tipo carinha de oitava, sétima série, com pastinha, uniforme e livrinhos. Acredite, descobri um jeito de magnetizar também o bilhete escolar.

Sim, essa era a grande sacada. Ele costumava dizer que o único bilhete infalsificável era o escolar. Não se sabia o porquê, e não quis me contar em detalhes de “como”, mas estava eufórico.

— Só eu tenho bilhetes escolares falsificados. Já que ninguém sabe como, nem o pessoal do metrô, isso vale uma grana a mais no mercado negro. Eu tô faturando, meu amigo. Muita grana!

Não sei por que eu penso em como seria bom se esse cara aplicasse a sua inteligência em outra coisa, mas o mundo não é perfeito. Ele é simplesmente o melhor gravador de bilhete de São Paulo. Ele diz e eu acredito.

— Vamos comemorar. É por minha conta.

Ele fala como se tivesse existido alguma vez por *minha* conta. Mas, na verdade, eu gosto disso.
Primeiro, porque ele foi educado; segundo, porque eu tenho certeza de que um dia vai ser por minha conta. Como no passado, aconteceu algumas vezes. Não com o Charlie, mas com outros. Hoje só quero me divertir. Ele sabe, um dia eu vou pagar. E muito.

Mas o que o Charlie chama de diversão é realmente coisa de criminoso que ganha algum dinheiro. Às vezes, penso que ele levou a sério demais Baudelaire. Sim, nós vamos em direção à boca do lixo.

A minha impressão sobre esse lugar? Depende do que aparece. Às vezes, é um infindável espetáculo da degradação humana. Muitas vezes me dá vontade de vomitar. Mas, outras, dá vontade de chorar... de alegria! Acredite. Você pode encontrar vida neste lugar.

Como de costume, o porteiro nos cumprimenta efusivamente. Charlie é um cliente VIP. Ele tem esse jeito de quem sabe cativar todas as pessoas que fazem o gênero popular. Confesso que também não sou antipático. Até acredito que as pessoas percebam que sou legal. Pode acreditar. As pessoas sentem isso, por mais ignorantes que elas possam parecer.

Sentamos à mesa de costume. Todos os puteiros do Centro são iguais. Têm muito espelho, um palquinho para o manjado show de strip-tease, mesas distribuídas circundando o salão, bancos inteiriços, alguns de veludo e, claro, muitas garotas. Aqui convém confessar: tenho simpatia pelas prostitutas. Mas não gosto de fazer programa. Mesmo porque não tenho dinheiro. Mas confesso que não tenho essa antipatia latente que até os clientes assíduos têm pelas prostitutas (ops, garota de programa). Essa relação cliente-garota de programa é, muitas vezes, estranha. Tem caras que fazem programa, mas acham as garotas o fim de tudo. Batem, xingam e maltratam. Segundo as garotas, a maioria é assim. Agora, tem um tipo curioso que vai interessar mais a você. São aqueles que têm um caso com as garotas. Aqui cabe uma observação filosófica. Sempre achei que garotas de programa são as únicas mulheres capazes de entender o verdadeiro significado do amor. Por quê? Simples. São as únicas que sabem a diferença entre o amor e o sexo.

Charlie está feliz. Ele pede uma garrafa de *black*. Pronto. Vai chover garota. Eu

sempre fico incomodado com isso. Por um lado, o tratamento VIP está garantido, mas o assédio das garotas vai ser para cima de mim também. Eu fico sem graça de ser durão e não vou ficar pedindo dinheiro emprestado para isso. E, o pior, eu sempre vou ter esse jeito e cara de jornalista. Sinceramente, não sei o que e nem como conversar com essas garotas. Algumas acham graça, outras já vão logo esculhambando. Tudo que lembro nessa hora é a frase de um amigo (conhecido) meu: “Mulher gosta de bunda de homem porque fica perto da carteira”. É isso aí.

As primeiras a sentarem ao nosso lado são as mais barangas. É sempre assim. Depois melhora. É uma espécie de hierarquia. Ou grau de desinibição (chega a ser cômico, em se tratando de garota de programa). A morena chama-se Shirley (será que se escreve assim? Isso sim é nome de garota de programa) e a loira oxigenada é a Marta. Que nojo. É o tipo de garota burra insistente. Explico. É aquela que, apesar de você não dar a mínima, porque ela já deu aquele fora, continua insistindo em manter a conversa. Mas isso é questão de tempo. É só fingir que está olhando para outra garota que logo ela vai dizer: “Você gostou da outra, né? Eu odeio caras como você. Ficam me fazendo perder tempo”.

Charlie parece que gostou da garota. Aliás, senso estético não é o forte dele. Eu não tenho dinheiro para pagar, mas não vou ficar de *conversê* com baranga. Isso aqui, pelo menos, tem que render algumas histórias.

Avisto uma morena bonita. Olhos verdes. Provavelmente ela herdou da farmácia. Eu a convido para um drinque. Como se chama? Mariana. Bom, pelo menos o nome ela soube escolher. E o seu? Roberto. Charlie me olha e sorri. Se ela pode inventar um nome, eu também posso. De súbito, lembro do refrão: *Could find my way to Mariana?*. Belíssima metáfora dos *Pixies*. Para quem não sabe, Mariana é o nome da maior fossa oceânica. Não sei se teve realmente a intenção de *linkar* amor com sofrimento. Eu quero acreditar que sim.

Ela é bonita. Daquelas com quem eu facilmente gastaria o dinheiro do Charlie. Mas hoje estou meio azedo e filosofando muito. Não vou conseguir. No fim, a conversa é a mesma. Dinheiro. Mas que imbecil eu sou. O que estou querendo? Encontrar resquício de amor neste lugar? Eu passo a mão na perna dela. Por um instante uma chave gira. Eu vou é esquecer. “Sabe que você é linda?” Foda-se. Não estou participando de concurso de cantadas. “Deixe-me ver o seu peitinho.” Passo a mão. Ela resiste afastando a minha mão aos poucos. Sabe aquela “não faz assim, mas faz?” “Vamos subir?” Ela fala tão manhosa que me dá arrepio.

Ou melhor, ânsia de vômito. Por que ela não ficou de boca fechada? Um dia vou chegar e não perguntar nada à garota que me interessar. Simplesmente vou pegar na mão e subir. Será muito melhor.

Hoje, tudo isso me entediou. Eu cutuco o Charlie: “Vamos embora?”. “O quê? Acabamos de chegar!” Eu digo: “Charlie, todo dia é a mesma merda, as mesmas garotas estúpidas. Vamos a um lugar onde possamos encontrar alguém mais decente?”. Ops! Consegui irritar todas as garotas com apenas uma frase. Agora somos obrigados a cair fora. Charlie não é burro. Ele pega o seu casaco. “Ok. Vamos embora. Mas eu quero ir onde tem mulher. Entendeu?” “Ok. A gente vai sempre para os mesmos puteiros fuleiros. Conheço um lugar que tem mulheres melhores. Você tem dinheiro aí, não tem?” Charlie bate no peito: “Aqui tem dinheiro para comprar a mulher que eu quiser”.

Segunda chegada. Charlie fica assustado com a fachada. Segurança em tudo quanto é lado. “Quanto?” Charlie fica assustado pela segunda vez. “Paga.” Eu digo: “Charlie, paga”. Ele resmunga: “Você não vai se arrepender”.

Sabe, existem certos lugares que do nada você começa a achar que é familiar, mesmo que você nunca tenha estado lá. Definitivamente, este é um desses. Mas, que droga. O meu coração começa a me apertar. Que porra é essa? Bom, eu já disse que sou daquelas pessoas que nasceram com um buraco no peito. E, acredite, isso não é simples metáfora. Às vezes, dói mesmo. Esse é o grande paradoxo. Se você nasce com um único dom que é para a vida, essa vida vai ser extremamente difícil. Esse sou eu. Não pense que o poder criativo vem da alegria. Alegria é sensação de plenitude. Você não poderá criar nada com isso. Agora, a tristeza, o desespero e a miséria, isso sim é a verdadeira fonte de inspiração. No momento em que coloco o meu pé nesse salão imenso, tudo em que penso é na ilusão da identidade. Os espelhos confirmam isso. Na verdade, eu também me traio. Eu quero encontrar alguém que me confirme a maldita premissa divina de que sou à semelhança de quem criou tudo isso. Isso não é um plano. Não é um desejo. É simplesmente uma esperança latente de uma miserável criatura que só consegue conceber a identidade a partir do duplo. A maldição do espelho. Você não consegue se ver sem um espelho. E eu sou imune a toda a minha tentativa de transcendência, ou melhor, sou assumidamente incompetente para conseguir isso sozinho. Eu tento me desvencilhar do mito de Adão e Eva. Mas não consigo. E será que nesse lugar, onde tem milhares de maçãs e cobras por toda parte (isso quase parece uma piada infame), consigo

encontrar a minha Eva? Por que tudo isso parece extremamente de mau gosto e cafona? A você, que está acompanhando a minha jornada, sei que tudo isso parece extremamente óbvio. Mas, digamos assim, se a gente abriu juntos essa maldita caixa de Pandora, tem que segurar até o fim para enxergar a esperança. É brega. É infame e é cafona. Mas você está comigo. Vamos encontrar uma saída.

O salão está cheio. Muita gente com terno e gravata. Fumaça. Bebida e, lógico, muitas mulheres. O que me agrada e intriga nesse lugar é um certo tipo de anonimato. Tem milionário, advogado, os que fingem ser ricos, garotos mimados de pai rico e tem até pessoas como Charlie e, claro, eu. Sento no sofá de veludo vermelho. Charlie ainda parece atordoado. Eu observo. Fico pensando. Acho que gosto de loiras. Como aqui posso escolher até a cor dos olhos, eu quero uma de verde ou azul. Agora vamos viajar. Seria legal se ela pudesse falar de Nietzsche, Shakespeare, que tenha lido alguns escritores da geração perdida, Fitzgerald, Hemingway. Não. Ezra Pound ia ser demais. Você sabia que Hemingway contrabandeava o livro de Joyce, *Ulisses*? Eu particularmente duvido do talento literário de Hemingway (isso não o exclui de ser um dos meus escritores favoritos), mas como você poderia não se comover com o esforço desse cara fantástico? Eu sei exatamente o que fez esse homem levar escondido esses livros. Se eu tivesse vivido na época faria exatamente o mesmo. Olha, eu posso não escrever livro nenhum. Nem quero chegar a ser um Hemingway. Mas, se eu tivesse vivido naquela época, contrabandiaria *Ulisses*, sem pestanejar. Mesmo que isso fosse a única coisa que fizesse na minha vida. Bom, estou divagando muito. Talvez eu esteja com medo. Eu confesso. Muitas vezes as mulheres me intimidam. Se bem que, depois do conselho do Brunão, no colegial, as coisas mudaram um pouco. Ele disse: “O máximo que pode acontecer é ouvir um não”. Simples. E funcionou muito comigo. Mas aqui é um território estranho. Elas não estão interessadas se você é inteligente ou não. Às vezes, a beleza pode contar. Mas elas estão se lixando se você sabe recitar Whitman de cor ou que você tenha lido Lorca. O que estou dizendo? A maioria das mulheres não liga para isso. Caramba. Será que o mundo lá fora também é um grande puteiro? Brincadeira. Mas achei esse pensamento infame, no mínimo, divertido. Loira. Escolhi aquela loira de olhos verdes. Eu digo: “Charlie, compra uma garrafa”. Ele pega o cardápio. Se assusta pela terceira vez. “Porra! Vou ter que usar cheque.” “Use”, digo sem pestanejar. Ele compra a garrafa. Eu levanto um brinde à loira. Ela deve ter uns 1,65m. Acho que não é silicone, tem uns seios bonitos. Ora, o que eu poderia dizer sem parecer completamente machista e vulgar? Ela é linda. Mas

o que me chamou mais a atenção é que ela tem um certo ar de abandonada, triste e incompreendida. Incompreendida? Isso com certeza deve ser um conceito relativo para pessoas que trabalham neste lugar. Eu me levanto. Vou em direção a ela. Tenho dois copos na minha mão. Ela está sozinha. Engraçado, o olhar dela tem algo que não consigo ler. Há mais amargura do que eu consigo compreender. Ela exala melancolia como uma corrente de ar, a cada passo meu ela circula dentro de mim e me deixa angustiado. Mas, como ela é bonita. Eu paro de respirar. Mesmo porque não consigo.

— Você aceita um drinque?
— Não. Obrigada. Eu não bebo.
— ...

Eu juro que nessas horas eu constato a existência da possibilidade de suspensão do tempo. É uma lacuna. Entre total surpresa, imobilidade e sem qualquer possibilidade de reação. Eu já não sabia o que dizer, agora esqueci até o meu nome.

— Mas aceito a sua companhia — ela me salva, mas já estou completamente desnorteado.
— Vou ser sincero. Eu não levo o menor jeito com essas coisas. E, para piorar, sou um duro. Não tenho um tostão.
— Está vendo aquele cara com blazer risca de giz? Também não tem dinheiro. Mas faz questão de estar aqui duas vezes por mês.
— Você não entendeu. Eu não tenho dinheiro nem para estar aqui meia vez por mês.
Ela sorri. É linda. Tem algo que me conforta no seu sorriso. Eu queria me estender no seu sorriso. Armar uma rede ali e me deitar. Eu tenho certeza de que eu seria muito, muito feliz. Mas eu me levanto.
— Desculpe ter te incomodado.
— Você vai me incomodar se sair assim.
Acho que eu devia pedi-la em casamento agora. Eu me sento mais rápido do que naquela brincadeira das cadeiras da Xuxa.
— Mas... por quê?
— Mesmo nesse lugar existem coisas que o dinheiro não pode comprar. A sinceridade é uma delas.
Eu fico sem resposta. De repente, pipocam na minha cabeça milhares de perguntas. Como se chama, o que faz aqui, como veio parar neste lugar, como é

possível uma pessoa como você neste lugar, e seus pais, de onde você vem... Mas nenhuma palavra sai da minha boca. Tomo mais um gole. Coff... Porra. Quase cuspi na menina.
— Meu nome é Vanessa.
— Err... me chamo Charlie (mais um nome falso? Talvez eu tenha uma vergonha maior do que essas garotas).
— Que nem o Snoopy? Eu adoro esse desenho. Tem a Lucy, que sempre puxa a bola na hora do Charlie Brown chutar. E aquele episódio da garota da escola? Esse desenho é fantástico.
Meu Deus. O que devo esperar agora? Musiquinha com anjos tocando harpas? Eu tô fodido. Será que vou me apaixonar por uma garota de programa?
— Você... não está aqui para se divertir, não é? Jornalista disfarçada, nem pensar, né?
— É... Desculpe destruir a sua ilusão. Mas eu trabalho aqui.
— Pois é. Também adoro Charlie Brown. Gosto do Lino, aquele com cobertorzinho. Acho que eu tenho uma coisa em comum com Charlie Brown. Também não me dou bem com as mulheres.
Nesse instante, além de tentar ser o mais natural possível, penso em ter um montão de dinheiro. Não, não é para transar com ela, é para tirá-la daqui. Está bem, eu sei que é loucura. Mas você não está aqui, exatamente com essa garota. Se estivesse, entenderia meus pensamentos para lá de idiotas.
— Acho que não. Você até que é bonito. O que pode ser é que talvez você espere demais das garotas. No fundo, elas não querem muita coisa.
— O que elas querem?
— Um pouco de carinho, compreensão. Que esteja com elas na hora em que mais precisam.

Ah, quero ficar com você o tempo todo. Assim, eu sempre vou estar quando precisar e não precisar. Eu não queria perguntar, mas “o que você está fazendo aqui” não sai da minha cabeça.

— Desculpe, é que não consigo parar de pensar o que uma garota como você faz aqui...
— Tudo bem. Ganhando dinheiro. Eu sei. Não é uma vida fácil.
— Você nem bebe. Como aguenta?
Errei... errei... não queria ter dito isso.
— Eu consigo me abstrair. É como se eu não estivesse lá, como se eu saísse do

meu corpo.
É uma das coisas mais tristes que já ouvi na minha vida. Eu penso antes de julgar a escolha dela, penso nesse mundo insano. Tudo está fora de ordem. Nada faz sentido. Essas ordens edificadas com trilha de dinheiro me deixam completamente sem direção. Não consigo compreender a lógica disso. Quando criança pensei que classificar as pessoas em boas ou más era o suficiente. Agora percebo que não.
— Não é fácil, não é? — Droga! Por que só falo coisas idiotas?
— Não...
Nunca me senti tão impotente em toda a minha vida. Será que eu poderia rezar para que alguma força divina consertasse tudo? A minha vida fodida e a dessa garota de coração triturado? Nunca desejei tanto ter asas. Quero fugir desse lugar o mais rápido possível. Gostaria de levá-la junto. Deus, o que eu faço?
— Vamos sair daqui? — ela diz.
— Era o que eu estava querendo te dizer... Mas pra onde?
— Deixa comigo.
— Tem certeza?
— Tenho.
Eu acho que tenho um talento para conhecer pessoas interessantes. Ou encontro pessoas que ainda confiam nas outras. O fato é que eu precisava de alguém que me trouxesse de volta à vida. Talvez seja esta a minha chance.
— Eu só preciso avisar o amigo que está aqui. Charlie! — ela me olha estranho
— Eu vou sair com ela. Você não se importa, né?
Charlie está cercado por garotas. Muito bêbado. Ele faz sinal positivo. Eu empurro a porta de entrada.
— Você disse: “Charlie”?
Eu esclareço tudo enquanto entro no táxi. Ela sorri. É o sorriso mais triste que já vi na minha vida. Mas de alguma maneira me conforta. Eu saberia descrever exatamente de onde vem esse sorriso. Como se forma, quais são os músculos que se mexem e como desfazer, descendo lentamente o canto inferior dos lábios. Eu sei de onde vem a infelicidade dela. Eu também vim de lá.
Aqui convém filosofar um pouco. Ou melhor, falar um pouco do que me deixa angustiado nesta vida. Primeiro, esta sensação de vazio que sinto que nunca passa. É como se fosse aquele dilema filosófico. Sou uma garrafa que nunca fica cheia. Por mais água que eu coloque, ela nunca enche. Mesmo esvaziando, nunca fica completamente vazia. Ou seja, eu estou eternamente na metade. Nem vazio e nem cheio. Sou meio vazio e meio cheio. Será que você me entende? A

minha última esperança de entendimento está bem aqui do meu lado. Última, no sentido de tentativa e não no sentido derradeiro. Porque, se não der certo aqui, torço para que eu ainda tenha outras chances para acertar. Porque, como já disse, estou aqui para ser feliz. Essa lição eu já aprendi. Ingênuo é você, se acha que tudo está perdido.

E a esperança veste roupa cara. Possivelmente, tudo que eu poderia ganhar no ano com todos os meus bicos. Ok. Depois eu conto como eu sobrevivo. O cinto com duas letras entrega tudo. D e G. "D" de Duro e, ah, sei lá. Por que é que sempre vêm piadas infames na minha pequena cabecinha? A sua blusa escandalosamente estampada é provavelmente Versace. Bolsa Gucci e sapato Prada. E para completar perfume Issao Miyazaki. Impressionado? Eu poderia ser um repórter da *Caras*? Não subestime os que não têm onde cair morto. Eu faço aula de vida. E aula de vida inclui essas coisas também. Como eu poderia ter a pretensão de entender a vida, se eu não entendo o estilo de vida das pessoas, sejam elas ricas ou pobres?

— Pra onde estamos indo?

— Você vai ver.

No trajeto eu fico sabendo que ela é do Sul. Ela diz em um tom amargo que garota de programa é na verdade uma mulher endividada. Diz que faz isso para pagar as contas. E manter o seu estilo de vida, é claro. Eu me desapaixono um pouco no caminho de não sei para onde, mas, afinal, o que eu procuro? A mulher perfeita? A que possa preencher este maldito buraco no meu peito? Sim, parece que não, mas estou desesperado. Pode parecer por pouca coisa, mas não estou bem. Aquela sensação de falta de posse, às vezes, acaba comigo. Tenho 29 anos e não possuo nada. Além dessa terrível aptidão para pensamentos obscuros, não tenho nada do que me orgulhar. Nem sequer relações afetivas que possam justificar algum elo com a vida que as pessoas chamam de realidade. Eu estou à deriva. De repente, tudo fica patético. Eu, neste táxi, ao lado de uma garota de programa que eu desejo, desesperadamente, que seja a garota da minha vida, indo para algum lugar que eu desconheço. Mas de repente ela coloca a mão no meu ombro e diz:

— Tudo bem? Já estamos chegando.

Deus, você não imagina como eu quero chegar a algum lugar. Eu preciso chegar a algum lugar. Eu, definitivamente, quero muito chegar a algum lugar. Pense no livro. *Kubikova*. Ela tem que existir. O meu livro tem que existir. O meu lugar tem que existir.

— Aqui é o lugar.

O quê? Onde? Ah, é só uma danceteria. “Vamos dançar até o dia amanhecer”, ela diz. Ok. Estou disposto. Mas juro que quando amanhecer vou bater os meus sapatos e dizer: “Não há lugar melhor do que o meu lar. Não há lugar melhor do que o meu lar”. E pronto. Vou parar diretamente no meu colchão disfarçado de cama no meu apê de 40 m^2. O lugar é imenso. Cinco ambientes (se bem que não sei para que servem tantos ambientes, se tudo isso me parece uma coisa inventada para mera distração). Será que as pessoas não percebem que cada coisa aqui grita: “Olha, eu me fiz assim, para você esquecer das coisas, da vida. Esqueça. Isso é grandioso, é legal, veja como sou imponente. Você é imponente, você é legal. A sua vida medíocre ficou do lado de fora”. Definitivamente, depois de pensar assim não consigo olhar nem para os rostos das pessoas daqui. Parecem todos idiotas. Anestesiados. Ludibriados. Hedonistas transitórios. Sei lá. Será que consigo me divertir? A resposta é sim. Não, não apertei o botão “foda-se”. Mas, quando você está acompanhado de uma deusa grega que dança agarrada ao seu pescoço e todos os machos e os que parecem ser e as mulheres (mas é claro) param para ver o que acontece com você, é muito melhor do que qualquer afrodisíaco.
E ela dança divinamente. Sempre gostei de ver mulheres dançando. Na minha opinião, não há nada mais sexy do que mulher dançando. Eu realmente gosto disso. E a Vanessa dança muito bem. Ela gira graciosamente usando os seus pés como alavanca. Balança a sua cabeça de uma maneira que o movimento do quadril sincroniza com o ricochete do cabelo na cintura. Ela passa a mão na sua perna para finalizar. Eu estou no céu.
E, provavelmente, amanhã vou estar no inferno por causa da ressaca. Será que essa é a alegria do alcoólatra? Esse torpor estranho que vai invadindo a gente e fazendo achar que está tudo muito bem, flutuando? Ou será que estou babando naquele sofá sujo do primeiro puteiro e vou acordar na casa do Charlie com cheiro de marofa? De repente tudo começa a rodar. Ah, meu Deus. Preciso bater nos sapatos. Preciso voltar para casa. Preciso voltar para casa. Preciso...

Eu acordo. Graças a Deus, tudo não passou de um sonho. É só me recompor e voltar para casa. Está tudo bem, O sonho foi muito bom. Eu me apaixonei por uma garota linda, é isso aí. Espera. Cheiro de marofa. Ufa! Estou na casa do Charlie. Não sei como, mas... Eu me levanto de súbito. É a garota de ontem sentada na mesa acendendo um fumo. Meu Deus, não foi um sonho.

— E aí, quer um?

Eu só consigo acenar com o dedo em negativo. Meu Deus, como vim parar aqui? Não me lembro de nada.
— Como vim parar aqui?
— Você apagou.
— Quer dizer que você e eu...
Ela sorri maliciosa.
— Eu diria que você se divertiu.
Por um momento fico muito feliz. Eu e esse mulherão. Mas esperaí. Não adianta nada. Eu não me lembro de nada.
— Eu preciso sair. Você pode ficar mais um pouco. Viu, vou deixar a ponta aqui. Quando sair deixe a chave na portaria.
Ela me manda um beijo fechando a porta. É um quarto simples. Parece de hotel. Mas acho que é um flat. Cozinha americana, armário grande (claro, para guardar os instrumentos de trabalho dela). Mas uma pergunta não sai da minha cabeça. Como é que ela consegue confiar tanto assim em mim? Sei lá, acho que essa gente deve entender muito de pessoas. Eu consigo imaginar. De repente me sinto muito sozinho. Vazio. Aconteceu o que eu temia. A garrafa esvaziou. O quarto vazio e completamente estranho me deixa ainda mais desnorteado. Se antes eu não sabia o caminho de volta para casa, agora perdi de vez o rumo. Tento me concentrar no que eu quero. Eu quero uma caneta. Preciso escrever. Preciso me concentrar para não me perder aqui. Procuro desesperadamente papel e caneta. Encontro uma lista telefônica. Começo a rabiscar tudo que vem à minha mente. As letras se confundem com um monte de outras letras e números da lista. Cacete. É a minha vida. Letras embaralhadas, frases e palavras sobrepostas umas às outras. Escrevo como um alucinado. A pressão é tanta que eu furo as páginas. Esse livro tem que existir. Mesmo que eu fure todas as páginas, mesmo que fique cunhado, cravado e dilacerado, tem que existir.
E o quarto não conversa comigo. Esse quarto que já veio mobiliado não conversa comigo. Esse é o problema da minha vida. Não tenho diálogos. Ultimamente só tenho tido monólogos. Eu sempre só converso comigo mesmo. São intermináveis monólogos com personagens inventados por mim mesmo. No fim, eu sempre converso comigo mesmo. Embora ela seja tão triste quanto eu, não poderei conversar com ela. Nunca poderei ter um diálogo. É como uma travessia no deserto que nunca poderá se completar. Eu rasgo as páginas da lista. Me visto o mais rápido possível. Antes de sair eu ainda avisto a “ponta” que ficou no cinzeiro. Eu não quero mais sentir nada artificial. Que seja dor ou prazer, percebi que tudo que eu quero é sentir emoções reais. De modo que eu não uso mais

drogas.

Chego em casa quase em desespero. Procuro papel e caneta e começo a escrever como um alucinado. Mas não antes de colocar Chet Baker para tocar. Nada melhor do que Chet Baker quando você quer escrever ou encher a cara. Pelo menos para mim. Esses acordes melancólicos me deixam obsessivo. Assim eu não consigo parar de escrever e nem consigo parar de beber. Quando terminar esse vou colocar Nina Simone para tocar. E quando eu terminar o livro, com certeza, vou tocar *Mississipi Goddamn* para comemorar. Mas hoje tenho a estranha sensação de que nem todos os CDs da Nina Simone vão me salvar. É melancolia demais, mais do que propriamente a vontade de escrever. Acho que é melhor beber. Abro uma garrafa de vinho. Começo a me encharcar e a encharcar as folhas do meu manuscrito também. A garota dos meus sonhos está chorando. Ela sente que desta vez ele não vai aguentar. Ela começa a pensar no vazio da vida. A sua insignificância diante do grande mistério. Quer ir embora, quer começar uma vida nova e acabar de vez com aquele velho sentimento de que não pertence a este lugar. Enquanto Joe Cocker sussurra dizendo que ninguém aqui pode amar ou entendê-la, decide ir para o lugar mais inusitado do mundo. É assim. Enquanto eu bebo o meu vinho no gargalo, ela bebe também no distante País de Kafka. Eu tomo um gole e ela toma também. Na certa, ela vai deixar cair um gole no mapa-múndi estendido em sua cama. São Paulo. Brasil. É este o lugar. Nina Simone começa a ficar distante. Em algum lugar deste mundo uma outra pessoa vai dormir bêbada de vinho como eu, sonhando com encontros. Eu vou para lá. Eu preciso ir. Este é o meu mundo dos sonhos. Alguém me espera. Eu vou para lá. Adormeço.

Acordo de manhã e estão na minha frente umas sessenta páginas do meu livro. Por um momento fico orgulhoso. Mas vem junto uma sensação estranha de saudade. É possível sentir saudade de alguém que eu não conheci? Um encontro no mundo dos sonhos pode ser contado como um encontro? Seus olhos parecem ainda me fitar insistentemente apesar de a luz do Sol ofuscar os meus. Preciso de um café forte, penso. Quarta-feira. Hoje é o dia de contar para você o que eu faço para ganhar a vida. Ou melhor, ganhar uns trocados. A grana que garante esta dor de cabeça que estou sentindo de vez em quando. Na verdade, eu faço de tudo um pouco, mas hoje é o dia de fazer o que mais gosto: ser DJ. Não ria. É sério. Sou bom nisso. Modestamente, eu toco bem. Eu conheço bastante as músicas dos anos 80 e as bandas de rock moderninhos. Posso dizer que eu faço

relativo sucesso. Apesar de achar que ser DJ é expor ao extremo o seu julgamento de gosto, ser convencido a ponto de achar que uma determinada música é melhor que a outra, que essa música é mais dançante que a outra, vou tocar primeiro essa e depois outra, essa sim, essa não, que vou esvaziar a pista... Enfim, você precisa confiar no seu gosto. Por isso a minha frase favorita para o que eu faço é: “Deus é DJ”. Brincamos um pouco de Deus quando selecionamos as músicas. Mas, vamos lá. Já devem ter percebido que não sou daquele tipo de DJ que faz malabarismos, truques, *scratchs* e mil técnicas. Eu simplesmente seleciono as músicas e toco. Sou DJ de bar de rock alternativo.

Ganho R$ 200,00. Nada mal por um dia de trabalho. Mas tenho certeza de que vou torrar tudo isso num dia também. Tenho uma relação estranha com o dinheiro. Não consigo perceber o seu valor. Tem pessoas que juntam e compram coisas. Eu simplesmente não consigo. Dinheiro, para mim, é um conceito abstrato, ficou mais abstrato quando uma amiga (cacete, eu mal a conhecia, que amiga?) contou uma história. Antes de contar essa história, você não acha que o dinheiro é a maior das invenções do homem? Não estou falando em engenhosidade não. É que para mim o dinheiro inventou a fé. Imagine, o dinheiro só tem valor porque as pessoas acreditam nele. Dinheiro é nada mais do que um pedaço de papel. Ele tem valor porque as pessoas acreditam que tem valor. Se um dia todas as pessoas deixarem de acreditar no dinheiro, ele não irá valer absolutamente nada. Parece *Matrix*? E é. Ah, a história. Você conhece a Disneylândia, certo? Imagine que lá todos pagam com dinheiro, certo? Ninguém vai à Disneylândia com seus filhos e crianças sem levar seus trocados em dinheiro. É planejado. Eles sabem que vão gastar dinheiro e levam dinheiro. Simples. Agora, imagine milhares de visitantes. Gastando seus dólares e mais dólares. Mas, esperaí. Assim vai ter muito dinheiro no fim do dia. O montante vai ser enorme. Se bobear, dezenas ou centenas de milhões de dólares. Todos os dias. Onde eles vão guardar todo esse dinheiro? Como vão transportar essa quantidade? Bom, pensou em um cofre como o do Tio Patinhas? Legal. É isso mesmo. Imagine uma caixa-forte como a do Tio Patinhas, para ficar no universo Disney. Eles levam todo o dinheiro que recebem para um galpão gigantesco. Depois vem a contagem acompanhada de um auditor do *Federal Reserve*. Você vai entender o porquê da presença dessa pessoa, logo, logo. Terminada a contagem, o homem registra a quantia e autoriza o depósito da mesma quantia na conta bancária do parque de diversões mais famoso do mundo. Em seguida entram outras pessoas e incineram o dinheiro. O quê? Você perdeu a última

linha? Vou repetir. Eles incineram o dinheiro. É isso mesmo. Eles queimam o dinheiro. O auditor acreditou, ou melhor, conferiu que ali tem a quantidade de dinheiro que ele verificou e manda queimar. Problema do transporte resolvido. Mas para onde vai o dinheiro que queimou? Vira fumaça. Literalmente. Eu sei. Provavelmente você vai levar uma semana para entender isso. Ou mais. Ou não vai entender. Portanto não me venha com essa história de valor do dinheiro. Ele não vale nada. Ah, esqueci de dizer aos economistas de plantão: dólar não tem lastro em ouro. Ok. Essa história pode não ser verdade. Parece impossível, não é? Será? Você decide.

O telefone toca. É o Paulão. Digo que vou às nove. Ele pede para que eu toque mais bandas moderninhas. A maldição dos The Strokes, eu costumo brincar, pegou mesmo. Lá vou eu procurar bandas moderninhas no meu compartimento secreto. Muitos CDs gravados. Aqui e ali, está feita a seleção. O telefone toca de novo. É o Paulão, de novo. Pede para que eu não toque mais bandas obscuras que ninguém conhece. Como aquele sueco *Kent*. Eu me irrito e disparo: “Paulão, essa é a melhor banda dos últimos tempos. Você ainda vai me implorar para tocar essa. The Strokes perto dessa é jardim de infância. E daí, se eles cantam em sueco? A música é universal. Sabe disso, não sabe? Tá, tá bom. Não toco mais”. Ele ainda termina dizendo para parar de gritar o nome da banda no intervalo das músicas. Eu quase desligo na cara dele. Porra. Por que eu não tenho dinheiro? Se tivesse apostaria tudo nessa banda. Ou, na pior das hipóteses, poderia ter o meu próprio bar de rock e tocar Kent. Eu tenho certeza de que as pessoas iam adorar. Eles são sofisticados e líricos como o Radiohead e *cools* como o próprio The Strokes. Faz assim: grava um CD com as músicas do Kent, bota no carro e dê uma volta. Mesmo que você não goste, faz cara de quem está gostando. Você pode parar no farol ou nesses clubinhos moderninhos ou até mesmo num boteco. Você vai parecer o cara mais *cool* deste planeta. O telefone toca de novo. Eu grito: “Porra, Paulão, o que é agora?”.

— Dani... Quanto tempo... O que foi?

É a minha ex-namorada. A garota que tornou a minha vida miserável ainda mais miserável.
— Como vai você? Eu... estou bem e você? Eu vou tocar hoje no bar do Paulão. Você não quer ir lá? Sei... então a gente podia se ver depois, né?
Cacete. Como sou idiota. Essa garota me mandou umas cinquenta vezes para o inferno e eu continuo quase implorando pela sua companhia (Tá bom, quase,

não, implorando.). Quando é que eu vou aprender? É assim. Eu fico com raiva dela por uns dois ou três meses e depois eu esqueço tudo. Memória seletiva ao contrário? Ou será que ela exerce uma estranha obsessão da qual não consigo me livrar? É o meu carma pessoal? Sou um completo imbecil? Sou masoquista de primeira? Sei lá. Deve ser porque não tenho muito amigos. Que amigos? Conhecidos.
— Descobri um restaurante ótimo.
Lá se vão meus R$ 200,00.
— Tá legal. Eu pego você aí. Não. Não tem problema. O Paulão me empresta o carro.
Ufa. Ela topou. Mas que grande idiota eu sou. Sabe, Tennessee Williams dizia que é preferível sentir dor do que não sentir nada. Tudo bem, já entendi. Eu sei, é uma desculpa.

Eu arrumo tudo direitinho. O meu *set list* cuidadosamente elaborado, discos, CDs e mais um, em especial, que vou tocar enquanto estiver a caminho do restaurante.

Chego cedo no bar. Oito horas. Mesmo porque não aguento mais ficar sozinho naquele apartamento. O bar se chama *The Passenger*, homenagem à música homônima de Iggy Pop. Eu costumo brincar que, se Deus quiser, vou ser *Passenger* daqui também. Estou de saco cheio do Paulão já há um tempão. Eu abro a minha mochila e ajeito o *CDJ* (aparelho para tocar os CDs). É quando a Patrícia me atropela. Literalmente.

— Ei, toca Strokes hoje pra mim?
Como se eu não tocasse todos os dias.
— Tá legal.
— Dedica pra mim?
— O Paulão me proibiu de falar.
— Sério?
Deus, porque inventaram essas pessoas insistentemente

burras? Ou será que sou insistentemente intolerante? — Sério. Ele tá com a macaca.
Mas, afinal, por que sou insistentemente educado? Ela sai

resmungando, mas não antes de dizer:

— Mas você vai tocar, certo?

Chego no balcão. É o Dimitri. — Me vê uma cerveja?
— Tá na mão.

Dimitri é gente boníssima. Se um dia tiver uma grana para montar um bar, vou chamá-lo para trabalhar comigo.
— Como está o movimento?
— Tá ficando fraco. Só na sexta e sábado que fica lotado.
Estranhamente, eu não consigo desenvolver uma conversa. Embora nós tenhamos uma simpatia mútua, os nossos assuntos não costumam durar muito. Aliás, para ser sincero, sou, na maioria das vezes, lacônico.
— Sei.
Viro em direção à pista levando a cerveja à boca. Que saco! Como sou completamente miserável. Vou tocar The Smiths para começar. Mudo o *set list* na minha cabeça. Você está entendendo por que eu insisto tanto com a minha ex? Bem ou mal, eu consigo conversar com ela. Isso é sério. São poucas as pessoas, e em poucas ocasiões, com quem eu consigo manter uma conversa. E eu consigo fazer isso com a Dani. É desgastante na certa, mas já começo a ficar ansioso. Tento me concentrar na discotecagem. É o jeito.

Dez horas. Eu entro em cena. Meia dúzia de pessoas na pista. A coisa só começa a pegar lá pela meia noite. Toco em volume baixo até umas onze e meia. E depois, o bicho pega. Abro mais uma cerveja. O Paulão faz cara de reprovação do outro lado da pista. Que saco! Eu mando uma seleção dos anos 80 que vou repetir depois quando acabarem os rocks moderninhos. Sempre costuma funcionar. Hoje não vai ser diferente. Mas agora estou ficando um pouco deprimido. Apesar de estar fazendo uma das coisas de que eu mais gosto, esse negócio da Dani me pega. Ser completamente solitário não é fácil. Nunca tinha percebido como era pequena essa cabine. Parece que adquiri uma claustrofobia instantânea. De repente, sinto dificuldade de respirar. Tiro o meu fone. Preciso respirar. Abro a cabine.

— Ei, você não vai tocar Kant hoje?
— O quê?
— Você tocou na semana passada. Até gritou o nome da

banda.

Eu estou passando mal. Esse New Order só vai durar quatro minutos e vinte.
— Ah, sei, Kent — respondo completamente atordoado, o que me deixaria completamente eufórico em outras ocasiões.
— Você não vai tocar?
— Acho que não.
— Você está bem?
— Acho que não.
Eu respiro fundo. Fecho os olhos. Tudo parece girar. Abaixo a cabeça. Não. É melhor levantar a cabeça. Escuto *everytime I see you falling*.
— Toma.
É a garota que me perguntou se eu ia tocar Kent hoje. Ela me estende uma garrafa d'água.
Fico emocionado. Tento esboçar um sorriso. Por incrível que pareça, esse gesto de gentileza me faz sentir melhor do que a água.
— Obrigado. Como você se chama?
— Ginger.
— Como Ginger Rogers? Do Fred Astaire?
— É.
— Ora, todo mundo deve dizer isso, né?
— Sem problema. É por isso mesmo.
Toca *Wisdom of the fool won't set you free*.
— Preciso voltar pra cabine.
— Você não vai tocar Kent? — ela grita para mim.
Entro na cabine. Toca *You say the words that I can't say*.
— Não — respondo.

Só penso em terminar a noite. Tento me concentrar no CD que eu trouxe para a Dani. Acho que vou tocar uma faixa para me animar. Ufa, me sinto um pouco melhor. Esperaí. O Paulão me acena desesperadamente, fazendo o gesto para parar de tocar. Eu agito a cabeça em negativo. O gesto seguinte me assusta. Ele leva a sua mão direita ao pescoço e faz um movimento transversal. Volto rapidinho ao mundo terrestre. Espera, não posso perder esse emprego. Procuro desesperadamente a minha sequência matadora. Achei.

Está escrito na etiquetinha.
"Emergência ou clímax."
(ultimamente, emergência)

Porra, ando tendo esses humores negros, agora?

Are you gonna be my girl — The Jet *Ride* — The Vines
Reptilia — The Strokes

Rápido. *Play*. Gritos. A pista de repente se transforma em colmeia. Enche de pessoas. Ufa, estou salvo. O Paulão encosta na parede e cruza os braços.

Duas da manhã. Fim. A noite terminou. Sou substituído por Bang. Agora vem a parte difícil. O meu encontro com a Dani. Será que vou pedir pateticamente para ela voltar para mim pela sei lá quantas zilhões de vezes? Isso nunca vai acabar? Mas, antes disso, uma missão impossível.

— Paulão. Me empresta o seu carro?
— O quê?
— É que vou jantar com a minha namorada e queria que

você me emprestasse o seu carro.
— Na boa. Você não sabe comandar nem *pick-up*, vai saber dirigir um carro?
Eu juro que nessas horas eu penso em matar. Estou furioso.
Paulão continua me encarando. Não sei por que, eu aperto forte a minha garrafa de cerveja.
— Ei, eu empresto o meu — diz Dimitri, segurando a minha cerveja discretamente.
— Estou de carro hoje. Não é grande coisa, mas anda.
Acho que só preciso que você traga de volta umas seis. Tá legal?
Tem pessoas que salvam o dia. E existem pessoas que salvam a vida. Dimitri é uma dessas pessoas que salvam a galáxia inteira. Você vai ver. Um dia vou lhe agradecer apropriadamente.
— Valeu. Dimi. Te devo essa.
— Me deve sim. Tem que trazer o carro de volta — ele sorri. — Pode deixar.

Já estou a caminho da casa da Dani. Ela agora mora com a mãe. A gente morou junto há um tempão. É claro que a gente sempre brigava e voltava, brigava e voltava, brigava e voltava. Mas, para ser sincero, acho que estou caindo na real

de que isso já está chegando ao fim. Enquanto dirijo, raciocino. A minha vida com a Dani não tem mais futuro. Será e continua sendo um inferno sem fim. É preciso parar. É triste. Mas é verdade. Eu preciso parar de vê-la. Falar com ela e colocar um ponto final nessa história. E no exato momento em que olho para o retrovisor penso na minha vida com a Dani. Traições, ciúmes, inconstâncias, suspiro enquanto elaboro o meu pensamento mais óbvio e brilhante dos últimos tempos: eu preciso parar com isso.

Chego na casa dela e já estou bastante melancólico. Ela está usando um vestido leve e está linda como sempre. Entra no carro e nem pergunta de quem é.

— Então, para onde vamos?
— Que tal um japonês? — Lá se vão os meus R$ 200,00. O bom de morar em São Paulo é que você pode encontrar

um restaurante às duas da manhã. E dos bons, é claro. — Andei pensando em você.
É armadilha. Armadilha. Cai fora.
— É mesmo?
Puta merda. Por que não consigo sair?
— Aliás, em nós.
— A gente vive pensando em nós — tento ser taxativo. — Será que não tem mais solução pra gente?
— Sinceramente? Acho que não.
— Nem podemos ser amigos?
— ...
— A gente está tentando isso há quanto tempo? — pergunto. — Uns dez anos?
— Pois é. É uma vida, Dani. Acho que está na hora de acabar — até me surpreendo comigo por ter dito isso.

— Você não acha que já acabou faz tempo?

Isso me desaba de uma maneira que, por um instante, vejo o farol de trânsito embaçado.
— É. Você tem razão. A gente tem tentado prolongar isso muito além do tempo. “O amor nos tempos da geladeira.” É como se nós quiséssemos congelar os nossos sentimentos para que durassem mais.
— Eu sinto saudade do tempo em que éramos só nós. Nada e ninguém mais —

ela baixa a cabeça.
— Eu sinto saudade do tempo em que nós éramos nós mesmos. Agora, o que restou são esses papéis patéticos de exnamorados tentando fazer uma força sobre-humana para não se magoarem.
— Não precisa ser assim, não é mesmo?
Eu juro por tudo que é mais sagrado que eu queria saber responder essa pergunta. Embora eu saiba a obviedade da resposta, nunca poderei ter segurança suficiente para poder afirmá-la. Mas de que maneira as coisas poderiam ser? O que mais poderia acontecer, a não ser uma dolorosa e amarga separação? O que poderia reavivar esse amor que já virou água? A minha voz embargada, que vira eco sem fim, em que madrugada poderia dizer que despertarei da minha infinita insônia? E, embriagado de sono, sem saber se estava sonhando ou dormindo, eu ainda procuraria por seu rosto por muitos, mas muitos anos, mas desta vez sabendo que não é mais possível.
— Eu queria que não existissem impossibilidades nas nossas vidas.
— Mas há, não é?
— É…
Eu amei essa garota mais do que qualquer coisa neste mundo. Eu vivi, morri com ela mais de uma vez, perdoei e fui perdoado milhares de vezes e me despedacei e me juntei milhões e milhões de vezes. Eu não sei por que chega a hora de dizer adeus. Não sei se é porque nós não somos capazes de outras soluções. Só sei que é triste, triste, muito triste.
— É o fim da estrada, Dani.
— Acho que devemos voltar para casa.
— Quero te mostrar uma música. É a última coisa que ando escutando.
Eu coloco o CD que trouxe. Eu costumava mostrar as músicas para a Dani. Ela era a única pessoa com sensibilidade para entender por que eu achava uma música boa. Nem precisava dizer por quê. Ela simplesmente entendia. Começam os primeiros acordes e, enquanto Tim Fletcher entoa melancolicamente a música, eu começo a traduzir. Sempre faço isso. E a Dani adorava.
— Olha essa parte. Veja como é poética. “Será que você pode me levar de volta para onde as estrelas crescem?” Não é poético?
Eu viro para olhar para a Dani procurando aprovação. Ela está chorando. Chorando copiosamente. Eu olho de novo para frente. Não sei o que fazer.
“E ver os cometas voando através da janela”, continuo traduzindo a letra.

Volto para casa mais triste do que nunca. Só quero saber por que Deus coloca em

nossas vidas as impossibilidades. Eu pego a caneta. Quero escrever. Preciso escrever. De novo. Escrevo como um alucinado. Letra por letra, palavra por palavra, sentença por sentença, parágrafo por parágrafo, página por página, capítulo por capítulo. Mas nada que preste. Eu rasgo, escrevo de novo. Rasgo e escrevo de novo. Rasgo, rasgo, rasgo... Quero rasgar a minha vida e escrever de novo. Letra por letra, palavra por palavra, sentença por sentença, parágrafo por parágrafo, página por página, capítulo por capítulo. Mas não posso. Não consigo.

Onde foi que eu errei? Quando as coisas começaram a dar errado? Por que é que a única coisa que sobrou foi essa minha imagem patética? Abro a garrafa. Quero entrar dentro dessa garrafa e nunca mais sair. Bebo no gargalo. O whisky desce queimando a minha garganta. Nunca essa bebida me pareceu tão amarga.

Estou molhando os meus originais. Para que servem essas porcarias, se eu nem consigo dar rumo à minha vida? A quem estou querendo enganar? Sou um fracassado megalomaníaco. Nada do que eu toco dá certo. Para que serve esse monte de baboseiras escritas com convicção dissimulada? O que me dá aval para isso? Não conheci nenhuma posse em minha vida que não fosse a dor. É só isso que resta no fim? Onde estão meus sonhos? Onde está a verdade que sempre me escapa? Onde está a vida quando eu preciso? Por que tudo se resume agora neste quarto vazio com meia dúzia de certezas empoeiradas nas estantes e a solidão do tamanho do mundo? Eu risco o fósforo. Aproximo dos papéis. Vou testar a consistência deste whisky. Será que pega fogo? Para que essa merda de vida, se eu nem consigo me comunicar com as pessoas que eu amo? A dor da impossibilidade e a minha impotência diante das coisas. Não preciso mais disso. Quem estou querendo enganar? Eu nunca vou ser um escritor de sucesso. Ideias mirabolantes de um fracassado. Mas não pode ser. O que vou fazer depois? Como vou viver? Uma vida de mediocridade? Vou servir cafezinho atrás do balcão? Anotar pedidos? Atender telefone? Fazer relatórios no escritório? Será que tenho que aceitar a minha condição? É só isso que eu sou? Estou mal. Muito mal. Se no começo eu precisava de alguém que me trouxesse para a vida, agora preciso de alguém que remova os meus pensamentos suicidas. Eu risco o fósforo e não é para acender o cigarro. Quero dar um fim nisso. Não aguento mais ter esperança. Na minha atual situação, ter esperança me magoa muito mais do que não ter. Boto os papéis no balde de latão. Jogo o fósforo lá dentro. Eu bebo ainda mais. A trilha sonora de *Despedida em Las Vegas* parece ainda mais melancólica. Adeus. Parei de escrever. Resolvi colocar o ponto final na minha pequena e

medíocre vida de escritor. Antes que eu possa continuar, eu adormeço outra vez.

Estou segurando um classificado de empregos nas mãos. Não sei o que procurar. Sinceramente estou mais desesperado do que ontem, quando botei fogo na minha vida. Faço círculos no anúncio de “assistente administrativo”. Faço outro círculo em “assistente de marketing”. Outro círculo em “analista de alguma coisa”. Quer saber? Nada mudou. A minha vida de círculo continua. Mas será que não consigo usar minha inteligência para encontrar algo que pelo menos não me deixe ficar de saco cheio tão rápido? Será que eu invisto na minha carreira de DJ de bar alternativo? Meu Deus. O que vou fazer da minha vida? E por que é que não consigo parar de fazer perguntas? Chega. Resolvi não questionar mais. Vou fazer entrevistas. Vou ver o que acontece.

É quarta. *The Passenger, again*. Mas hoje não vou tocar. Estou de folga. Graças à minha escorregada da semana passada. Ou melhor, estou querendo saber como eu me comportaria longe da cabine de DJ.

— Ei, Dimi, me dá um *Red*?
— Tá na mão.
— Você não vai marcar na comanda?
— Deixaí. Essa é por minha conta. Eu começo a marcar na

terceira, valeu?

Esse Dimi é gente boa mesmo. Quando eu ficar rico com meus livr… Ah, que merda. Não tenho mais livros. Eu engulo seco o resto da dose.

— Toma.

É a garota da semana passada. Como era o nome dela mesmo? Ah, Ginger. Ginger Rogers.
— Mas o que é isso? — ela me entrega um pacotinho.
— É um CD virgem. Para você gravar pra mim aquela banda, Kent.
Juro que se eu não estivesse tão mal, teria me apaixonado instantaneamente por essa garota.
— É sério? Você gostou mesmo?
— Claro que sim. Eu quero para mim.
A garota não é nada mau. Tem olhos verdes, ei, é uma gata.

— Vou… vou gravar pra você. Pode deixar. Você sempre vem aqui?
Pronto. Basta eu ficar interessado em alguém que só passo cantada ruim.
— Venho. Tô com uns amigos. Quer conhecer?
— Quero…
Puta merda. Por que fui dizer isso? Sou um sociopata de primeira.
Logo avisto um grupo animado. São dois garotos por volta de vinte anos e mais três garotas vestidas na moda. Eu costumava apelidar esse tipo de turma de "garotos de Moema". Explico. Moema é um bairro bacana onde todos são bem-nascidos. Classe média para cima. Como todos são bem educados, bonitos e cresceram em ambientes familiares estáveis, todos costumam ser gente boa. Irritantemente.
— Esse é João, Marco, Marina, Sandrinha e Ana.
— Este é…
Xi, o meu nome.
— Sou Mr. Fahrenheit. DJ. Fahrenheit, se preferir — escapei.
— Ah, é você que toca nas quartas, não é? — diz a garota simpática de pintinhas na cara.
— É… sou eu.
— Cara, gosto da sequência que você manda de *indie* que começa com *Are you gonna be my girl*.
Eu disse. Não disse?
— Eu também gosto — sorrio.
— Por que você não está tocando? — pergunta a garota de minissaia.
— Estou de folga. Mas posso tocar umas músicas pra vocês.
— Legal!!! — A aprovação é geral.
Eu sento no sofá para conversar com a Ginger. Gosto do nome da garota.
— E aí? O que você faz da vida? Deixe-me adivinhar. Você estuda publicidade.
— Não.
— Já sei. Administração?
— Não.
— Artes cênicas?
— Não. Fiz mestrado em antropologia.
— … Sério?
— É.
— Quantos anos você tem?
— Vinte e quatro.
Estou surpreso, e você? Uma garota linda com mestrado em antropologia. Só

podia acontecer comigo, não? Olha, a maior parte da minha vida fico reclamando que sou azarado, mas para outras coisas não posso reclamar.
— Você tem namorado? — faço gesto indicando os garotos que ela me apresentou.
— Tenho.
Esquece o negócio da sorte.
— É… Quem é?
— Ele não está aqui. Aliás, nunca está.
Bom. Tá melhorando.
— É. Esse negócio de relacionamento é complicado.
— Você tem namorada?
— Tinha. Não deu certo.
Não gosto quando começa logo cedo com esse papo de namorados. Nunca dá certo.
— E o que está estudando agora? — quero mudar de assunto.
— Ando interessada em moda. Principalmente aplicada à vida. A maioria das pessoas que eu conheço costuma acusar moda como uma expressão superficial da vida. Mas estou interessada em saber o que acontece quando ultrapassa esse limite. Moda como expressão da vida. Quero entender e depois fazer roupas que contem histórias, que sejam a materialização da sua personalidade. Ainda estou formulando o pensamento.
Eu definitivamente gosto das pessoas decididas. Mesmo porque demorei muito para decidir o que eu quero fazer. Aliás, sabia… De repente fico tomado por uma melancolia infinita (acho que vou tocar *Today* do Smashing Pumpkins). Eu aqui, reduzido a nada, me sentindo o mais desinteressante dos seres, completamente perdido e, pior, agora assumidamente fracassado.
— O que você faz, além de ser DJ?
Eu quero muito responder que eu escrevo. Que eu vou ser um escritor de sucesso, que vou vender muitos livros. Quero dizer que a minha literatura é sobre gente comum, simples. Apesar de os meus ídolos serem grandes escritores, tudo que eu quero é escrever simples e ajudar as pessoas como eu a terem algo para sonhar. Quero dizer muito que eu tenho um plano. Mas não tenho mais. Por isso, fico calado.
— Você não faz mais nada fora discotecar?
— Eu… bebo.
Tá. Tá bom. É uma resposta imbecil. Mas é tudo que eu consegui lembrar. Tá legal?

— Como assim? “Eu bebo”?
— Beber. Ingerir coisas com teor alcoólico. Encher a cara. — falo um pouco irritado, mas continuo. — É como a sua roupa, quero contar a minha história bebendo. Se eu bebo cerveja, quer dizer que estou duro e um tanto quanto feliz. Se eu bebo vinho, eu estou sensível, possivelmente poético, e se eu bebo whisky é porque estou completamente fodido. Muito triste. — … Você está amargurado com alguma coisa? Está triste? Mas o que essa garota tem? Estudou psicologia por correspondência? Faz leitura de alma?
— Que resposta você quer? Quer cavar algo interessante na minha miserável vida? Quer que eu diga que faço algo interessante? Algum projeto de vida? Algo que faça me identificar com você? Quer que eu diga que eu fotografo, que tenho uma banda de rock ou que estou preparando a minha exposição individual? Não, garota, sou um fodido sem perspectiva nenhuma. Não sou como você. Quer saber a verdade? A minha vida toda nunca consegui encontrar o que eu realmente quisesse fazer. Achei que tivesse encontrado, eu tentei tudo para levar adiante, mas também não consegui. Essa patética figura que você vê sou eu. Eu não sei fazer nada na vida. Não acredito em nada. Não tenho talento para nada. A não ser essa infinita capacidade de ter pena de mim mesmo.
Tudo silencia à minha volta. Eu peço licença para chorar no banheiro para combinar com meu melodrama.
— Espera.
Eu viro, instintivamente, e percebo que estou realmente prestes a chorar.
— Eu também não sei fazer nada. A minha vida é um completo fracasso. Embora todos achem que eu sei muito bem o que eu quero.
O que é isso? Reunião de fracassados anônimos? Mas tenho que confessar. Ao dizer isso, a garota despertou uma espécie de compaixão em mim que nem eu sabia que existia. Quero abraçá-la.
— Está tudo bem. Somos dois perdidos. Mas parece que nós encontramos um ao outro. Isso deve ser alguma coisa. Podemos passar a noite inteira tentando descobrir quem é mais fracassado do que o outro. Que tal?
Ela sorri. Então, descubro que ela também perdia adoidado as borrachas no tempo do ginásio. E que adora ler e ouvir jazz. Seu escritor favorito é Dostoiévski e ultimamente anda ouvindo muito Norah Jones. Eu digo que sempre fui um tanto quanto tímido e nunca tive muitos amigos. Ela diz que sempre se sentiu deslocada, embora sempre estivesse rodeada de pessoas. Enquanto isso, eu justifico a minha atual ocupação e bebo adoidado. Ela diz que está falando que nem doida, e eu penso que essa vida é realmente muito doida.

— Quer dançar?
Ela me convida de súbito. Pode ser uma boa ideia. Você sabe como eu gosto de mulheres que dançam bem. Eu aceito. Uma garota com o nome Ginger não pode dançar mal.

Pista de dança. Estou ansioso para ver a Ginger dançar. Toca a música. E… Ela dança mal, dança mal pra cacete. É de dar dó. Sem ritmo. Braços desengonçados, pernas desordenadas. Eu não consigo disfarçar a minha decepção. Mas, pela primeira vez, isso não parece me importar. Ela olha para a minha cara de decepcionado e começa a rir. Gargalha. Parece não se aguentar.
— O que foi?
— Te peguei. Estava fingindo. Para ver a sua reação. Você

disse que adorava garotas que dançavam bem.
Eu sorrio sem jeito.
— Fiz nove anos de balé e também aula de *street*. Olha só. Ela parece mais imitar coreografia de *Flash Dance*. Abre

até *spaccato*. Agora quem está rindo sou eu. Dou gargalhadas. A pista para e todos ficam olhando para Ginger.

— Gostou? — ela me pergunta, abrindo os braços, dobrando as pernas e inclinando o corpo para frente como uma saudação. Eu aplaudo sem reservas.

— Você é demais. É perfeita.

Ela se aproxima. Eu engulo a saliva. Eu a beijo como não faço há muito tempo. Chego a pensar se esse será um encontro de verdade. Para ser sincero, não quero pensar nisso agora. Só consigo pensar que quando perdi um motivo para viver apareceu um outro. Afinal, guardadas as devidas proporções, o amor continua a mover a minha vida.

— Eu não devia ter feito isso — ela diz desapontada consigo mesma.
— Sei. Você tem namorado.
— Vou ter que resolver isso.
O que isso quer dizer? Quer dizer que ela vai me levar a sério? Quer dizer que isso não foi só uma ficada? Quer dizer que eu tenho chance?
— Espera. Espera aqui.

Eu corro até a cabine. Ginger me vê dizendo alguma coisa para o Bang e eu coloco o fone de ouvido. Começa a tocar *Revolt III* do *Kent*. Consigo ver da cabine a Ginger sorrindo, levando a mão à boca. Ela está emocionada. Também consigo ver o Paulão se aproximando da cabine. Eu tranco a porta. Paulão bate na porta. Consigo ver a Ginger através do vidro da frente no espaço entre o ombro e o braço do Paulão. Ela está sorrindo, sorrindo, sorrindo. É isso que importa. Ela está sorrindo. E eu fico feliz.

A grande coisa em se apaixonar é que você parece que toma um outro fôlego para a vida. Você pensa na pessoa o tempo todo, espera encontrá-la o mais rápido possível, sente falta, essas coisas. De repente, um estranho torna-se uma pessoa essencial na sua vida. Mal consegue imaginar a vida sem ela. Mas o mais engraçado é que você não a conhecia umas 48 horas atrás. Você tenta imaginar a vida antes dela ou uma vida sem ela a partir daí, e não consegue. É estranho. Muito estranho.

— Você não faz nada mesmo? — ela pergunta desconfiada olhando para os livros e filmes da minha estante.
— Eu costumava escrever — digo, querendo evitar de vez as investigações.
— Costumava? Não escreve mais?
— Não.
— Por quê?
— Porque não.
— Odeio esse tipo de resposta. Sempre odiei desde criança. Dá pra responder direito? Expressar, pelo menos, você sabe.
— Tá, tá. Fiquei completamente transtornado com o meu último encontro com a minha ex-namorada, pensei na vida mais do que deveria e botei fogo no que escrevi.
— Hahahahahaha — ela ri, e isso me irrita muito.
— Do que você está rindo?
— É típico de poetas românticos. Desilusão amorosa e bota fogo no manuscrito.
— Olha como você fala do que você não entende.
— Aposto que encheu a cara.
Essa garota está me deixando muito irritado. O que ela tem? Visão de raio X para a vida? Será que sou assim tão transparente?
— Acho que está na hora de você ir.
— Você acha que eu não posso entender você, não é? Acha que seus problemas

metafísicos são insolúveis. Enche a cara, coloca para tocar um *blues* de cortar os pulsos e deixa sua alma morrer aos poucos, lentamente, completamente estarrecido, remoendo sem parar as dores da vida.
— O que te dá o direito de falar assim de mim? — Não estou falando de você. Estou falando de mim. — …
— Meus pais se separaram quando eu tinha nove anos. Eles tinham se casado porque minha mãe ficou grávida de mim. Eles brigavam sem parar. Vivia me sentindo culpada. Aliás, a minha vida é movida pelo sentimento de culpa. Eu sei exatamente como se sente.
— Mas… não é sobre culpa.
— É sobre dor. Eu sei.
— "Aquele perfume que outrora evocava lembranças de promessas e sentimentos de espera ansiosa agora irritaria a sua narina como uma acetona de quem apaga um esmalte velho. Passaria milhares e milhares de vezes o algodão umedecido tentando apagá-lo da memória, mas tudo que conseguiria seria uma morna sensação de álcool evaporado vagando entre o sublime e o risível. Assim, sem nunca ter entrado em contato de fato, desprenderia da mão como uma luva e se perderia na inexistente intenção de carinho e no gesto indeciso de adeus. Mas, invariavelmente, sempre se lembraria em despedidas, em todas as despedidas, pelo resto da sua vida."
— De quem é?
— É meu. Quer dizer, era. Do livro que estava escrevendo.
— É lindo…

Estou olhando para o meu balde de latão já faz meia hora. Provavelmente vou ficar olhando por mais meia hora. Depois mais meia hora, e assim por diante. Até tomar coragem de revirar para ver se sobrou alguma coisa. Será que queimou tudo? Não restou nada por onde eu possa recomeçar? Terá algum pedaço de papel que eu possa aproveitar e puxar o resto da minha memória para poder reconstruir? Mas por que recomeçar? Por que recomeçar? Por quê?

Espero por uma resposta e ela vem antes da próxima meia hora. Porque estou disposto a viver de novo. Tentar de novo e acreditar de novo. Porque sei que eu posso e vou fazer. Porque lembrei que tinha um plano. Lá vou eu. Mãos à obra.

Pego o balde um tanto quanto receoso. Demoro para olhar para o conteúdo. Mas, vamos lá. Surpresa! Nunca fiquei tão feliz em tomar whisky barato. Acho que a bebida evitou que queimasse tudo. Mas, mesmo assim, queimou uma boa parte.

A sorte é que as primeiras páginas estão intactas. De modo que acho que consigo reescrever seguindo a minha memória. Sempre tive uma boa memória. Eu lembrei um trecho inteiro, não lembrei? Agora dá licença, que eu tenho muito a fazer.

Alguém bate à porta. É a Ginger. Acho que o porteiro já se acostumou com ela. Também, estou escrevendo sem parar por quase uma semana. A Ginger era a minha única ligação com o mundo exterior.

— Eu trouxe uma coisa para você.
Ela me entrega um outro pacotinho.
— Vou chamar você de "a garota do pacotinho". — Não enche. Abre.
Obedeço.
— O que é isso?
— Um CD da Norah Jones.
— Ei, eu não gosto de Norah Jones. Sou roqueiro. — Mas você gosta de jazz.
— Isso aí não é jazz. Jazz é aquilo ali — indico os CDs de

Miles Davis e Chet Baker.
— Não reclama. Vê se escuta, ok?
— Tá.

Está faltando pouco para chegar ao ponto onde estava antes de queimar os originais. Acho que só mais algumas páginas.
— Eu preciso de mais alguma coisa.
— O quê?
— Um beijo.
— Só quando terminar de escrever.
— Você tá brincando, né?
— É claro que sim, bobinho.
Ela me beija. Toda vez que ela me beija eu fico feliz. Há muito tempo que não me sinto tão feliz. Uma vez, quando eu ainda estava com a Dani, um amigo meu disse: "Só existem dois tipos de mulher. Uma que levanta e outra que derruba". Dizia que a Dani era do tipo que derruba. Acho que pela primeira vez estou com uma que me levanta. De repente, comecei a olhar para trás e percebi que todas as mulheres pelas quais me apaixonei tinham esse traço em comum — serem completamente indecisas. Exaurir-me completamente e sempre me deixar na situação de desespero total. Ficava sempre me culpando por que é que as coisas

não deram certo e, se ela era tão inteligente, por que não percebia as besteiras que fazia e não entendia por que é que sempre ficava com a impressão de que a qualquer momento ela compreenderia tudo e que, a partir daí, teríamos um novo patamar de relacionamento. Mas, hoje, eu percebi. Eu não quero mais isso na minha vida. Por mais que isso me faça dependente ou que suscite sentimento de paixão incontrolável, decidi que, de hoje em diante, não quero mais esse tipo de relacionamento. No momento em que percebi que isso é uma reação emocional típica, ou quase congênita da minha deformação de personalidade, ou uma resposta instintiva da minha inabilidade emocional, e um *mea culpa,* às avessas, pelo meu fracasso sentimental, resolvi usar todo o meu intelecto para não cair novamente nessa besteira de ficar com pessoas erradas. Parece frio ou calculista, mas eu descobri a certeza óbvia de que não quero mais saber das coisas que não vão dar certo.
— E o seu namorado, aliás, o ex, como está reagindo?
— Ele ainda é o meu namorado.
— O quê? Você não terminou com ele?
De repente tenho uma vertigem do tipo *déjà vu*.
— São quatro anos de convivência. Não consigo terminar assim tão rápido.
— Esperaí. Quer dizer que você está traindo o seu namorado?
— Ei, você está falando de você.
— Espera, quer dizer, se eu fosse seu namorado e tivesse encontrado alguém, faria a mesma coisa comigo?
— Não faça suposições generalizantes.
— Suposições generalizantes? Mas que diferença faz? — A diferença é que eu sou eu e você é você.
— Tá legal... Vou confiar em você.
Resolvi apostar nisso. Vou confiar no que eu decidi. — Eu encontrei uma coisa para você fazer — ela fala quase murmurando.
— O quê?
Essa interjeição está ficando muito repetitiva. Mas será que essa garota não está levando muito a sério esse negócio de me levantar?
Como assim, o que fazer? Quer dizer emprego?
— Não diria bem um emprego. Mas acho que vai te fazer bem. E fazer bem aos outros.
— Espera. Quem disse que eu preciso de ajuda?
— Você. Está na sua testa que você precisa, desesperadamente, de ajuda.
Ai, que saco. Garotas inteligentes, às vezes, dão no saco. Mas resolvo ouvir.

— O que é?
— É um trabalho quase voluntário. Oficina de leitura e redação. Ensinar os garotos da periferia a escrever seus livros.
— Mas eu não publiquei nenhum livro ainda.
— Mas você é formado em comunicação e escreve muito bem. Além do mais, a oficina vai te pagar por dois dias por semana um total de R$ 700,00 por mês.
Não sei o que mais me deixa feliz. “Você escreve muito bem” ou “R$ 700,00 por mês”. Juntando a minha grana de DJ, eu consigo até me sentir confortável financeiramente.
— Mas, Gui (apelido carinhoso da infância), sou um sociopata. Além do mais, não tenho muito saco para isso. Vou abandonar as aulas no primeiro dia.
— Por que não tenta?
— Tentar?
Não é o que estou querendo? Tentar?
— O que eu tenho que fazer? — digo ainda sem muita convicção. — Aliás, como você conseguiu essa?
— Uma amiga minha é coordenadora da oficina e pediu uma indicação de um jovem escritor. Aí me lembrei de você.
— Jovem escritor. Essa é boa. Mas como vai ser esse curso?
— Ora, fácil. Você monta como seria escrever um livro. Na verdade, é sobre dicas. Você pode usar a sua maneira peculiar de falar com as pessoas. Acho que eles vão gostar.
— Maneira peculiar?
— Você nunca percebeu? Você não tem papas na língua. Sempre fala o que pensa.
É. Nessa eu não tinha pensado ainda. Bom, assim eu me transformei, instantaneamente, em professor. Conferencista. Sei lá, instrutor, bedel. Vamos ver no que vai dar.

Estou com a impressão de que a minha vida, de repente, está andando rápido demais. Movimentada demais. Com gente demais. O meu desvio de personalidade deve ser muito grande. Eu finalmente encontro uma pessoa que está me trazendo de volta para a vida, penso em desistir, cair fora. Você não tem, algumas vezes, a impressão de que está sabotando o seu próprio plano? Preciso afastar esse pensamento. Eu quero que isso dê certo. Mais do que a minha própria vontade. Preciso vencer os meus próprios pensamentos. Afinal, eu já decidi que vou me consertar. Quero ser um homem melhor. Eu vou melhorar.

O meu primeiro dia de aula. A coordenadora diz que eu vou ter uns quinze alunos. Todos de escola pública, idade entre quinze a dezoito anos. Preparei algumas coisas sobre criação de personagens, forma de narração, entre outras coisas. De repente lembro um monte de filmes com professor que chega na escola para mudar a vida das pessoas. No momento, tudo que eu quero é sobreviver.

Entro com medo na sala. Tem um monte de adolescentes; aparentemente, mais assustados do que eu. Estou com a lista na mão. Mas eu me lembro das palavras da Ginger e resolvo ser eu mesmo.

— Eu estou com a lista com os nomes de vocês. Mas algo me diz que esse papel com um monte de nomes não representa o que vocês são de verdade — rasgo o papel lentamente. Todos fazem cara de ainda mais assustados.

Por que vocês não me dizem quem vocês são? Podem inventar. Isso aqui é sobre como inventar histórias. Pensem um pouco e se apresentem.

Parece que demora uma eternidade. Eu penso em apontar para alguém, mas um garoto se antecipa. Usa óculos, magro, veste camiseta surrada e calça jeans mais do que desbotada. Acho que se tirasse os tênis eles sairiam andando sozinhos.

— Meu nome é Juliano. Estou aqui porque gosto muito de escrever. Quero ser escritor.
Pronto. Esse é o caxias da turma. Eu quero indagar por que ele quer ser escritor, mas resolvo ir em frente.
— Ok. Juliano. Mas, pessoal, falem mais de vocês. Sei lá. Se gostam de andar na chuva, cabular aula, namorar, chutar cachorro, qualquer coisa.
Todos soltam um riso contido.
— Você. O que acha? — aponto para uma garota aparentemente extrovertida.
— Sou Mariana. Eu adoro andar na chuva
Todos riem.
— Adoro dançar. Também adoro escrever. Também gosto de namorar quando tem namorado — todos riem. — Enfim, eu adoro viver.
— Isso. É isso aí. É por aí. É isso que eu quero. Falem de suas manias. Falem para mim o que vocês fazem que ninguém mais faz. Mostrem-me quem são vocês. Digam o que faz de cada um de vocês uma pessoa única. O que faz você ser o que você é.

— Meu nome é Luciano. Eu moro com a minha mãe, muito chata. Ela nunca entende o que eu digo. Ela mal sabe escrever. Eu tento ensinar, mas ela diz que não vai conseguir aprender nunca. Às vezes, tenho dó dela. Mas, muitas vezes, tenho dó de mim mesmo. Todos ao redor parecem que nunca me entendem. Esse é o poeta. Esse tem grande potencial para ser como eu. Se não cuidar, será um suicida em potencial, um maníaco depressivo. Por que estou me projetando nesses garotos?
— Meu nome é Rafael e sou do morro do Borel.
Ele fala como se tivesse cantando rap. Todos dão gargalhadas.
— Eu quero é ser que nem o Eminem e não para ficar na Febem. E aí, sangue bom, guarde o meu nome bem. É MC Canastra. Eu não falo, eu dou palestra. Guarde meu nome. Um MC do bem.
Todos aplaudem. É isso. Aqui tem vida. A vida que não encontrei nos escritórios eu encontrei aqui. Tenho que contar isso para a Gui. A apresentação continua com mais demonstrações de entusiasmo, intercaladas com murmúrios de garotos tímidos. Alguns só conseguem dizer o nome. Chega a minha hora de retomar.
— Bom, todos estão aqui por um motivo. Escrever. Mesmo sendo tão diferentes entre si, como vocês viram, estamos aqui por um único motivo. Escrever. Será esse o nosso único objetivo. Escrever. Não importa se bem ou não, o que nós vamos fazer é simplesmente escrever. E, a partir de hoje, lembrem-se de uma coisa. Nunca, jamais, não deixem que ninguém diga que o que você escreve é ruim. Isso não importa. O importante é que você continue escrevendo. Apenas escreva.
Eles estão concentrados. Sei que estão ouvindo cada palavra que estou dizendo. Gravando no coração, aliás, melhor, escrevendo no coração. Essa foi a carta de intenção que herdei da vida e estou repassando a eles. Mesmo que nossos caminhos não voltem a se cruzar, a partir de hoje estaremos na mesma estrada. Custe o que custar. Até o fim. É isso que espero, mesmo que ingenuamente.
— Para terminar, eu quero falar sobre como escrever melhor.
— Já sei. É escrevendo — diz o nosso rapper.
Todos riem.
— Não, MC Canastra. É lendo. E não escrevendo. Se você não ler, nunca será um bom escritor. Isso posso afirmar a vocês. Se você não puder escrever, leia. Será um exercício muito melhor do que escrever. Tente vivenciar o que o autor está escrevendo. Encontre o sentimento ali. As intenções. Deixe que tudo isso seja seu. Vocês vão perceber que aos poucos tudo isso vai fazer parte de cada um de vocês. Como se fossem as suas próprias palavras.

— Mas o que devemos ler? — pergunta o Juliano.
— O que vocês gostarem. Cada um tem um gosto. Mas, se um dia você encontrar um escritor de que você gosta muito, leia tudo dele. No fim, vocês verão que chegarão no mesmo lugar.
Acho que essas minhas palavras estão soando proféticas demais.
— Mas você pode fazer uma lista? — é a Mariana.
— Claro, claro que sim — eu respondo sorrindo.
— E, nesses dois meses de curso, cada um vai escrever alguma coisa. De qualquer gênero. Pode ser poesia, romance, ficção científica. Inclusive, eu também estou escrevendo um livro. Taí. Vamos escrever juntos os livros de cada um. Combinado?
Todos querem saber sobre o que estou escrevendo. Eu digo que é um romance e que depois vou explicar melhor do que se trata.
Assim acaba a minha primeira aula. Ainda tenho que responder milhares de perguntas de cada um. O Luciano entrega o livro de poemas dele. Digo que vou ler com calma. Quando atravesso o portão, indo embora, não sei por que eu tenho a estranha sensação de ter nascido para fazer isso.

— E aí, como foi lá? — Ginger me pergunta afobada no telefone.
— Foi um desastre. Eu disse que esse negócio de professor não ia dar certo. Eu me irritei com perguntas dos moleques e mandei-os para aquele lugar.
— Você está brincando…
— Não estou não. Será que a Ana vai ficar muito puta?
— Não acredito que você fez isso.
Eu não consigo evitar a risada.
— Estou brincando. Eu fui bem. Os moleques são ótimos. Fui um *gentleman*. Acho que eles gostaram de mim também.
— Ufa. Você quase me matou de susto.
— E outra coisa.
— O quê?
— Estou com saudades. — Eu também.

Dia seguinte, acordo com o ânimo renovado de quem acha que viver vale a pena. Estou feliz, de verdade, como poucas vezes estive e desejo que isso dure por bastante tempo. Sinto até medo de que algo ruim possa vir ainda. Não. Desta vez não vou me deixar estragar. Vou viver e fazer isso dar certo.

Agora estou em dia com o *Kubikova*. Só preciso de mais inspiração para poder

continuar. Se bem que a disciplina também dá um jeito nisso. Adotei o seguinte processo: eu escrevo em média três páginas por dia. Quando encontro um problema, eu paro. E vou fazer outras coisas. Deixo o meu subconsciente trabalhar. Aí, depois de algum tempo eu encontro uma saída. Volto a escrever e paro quando encontrar outro problema. Assim, sucessivamente.

Hora da pausa. Resolvo ligar para a Ginger.
— E aí? Como você está?
— Oi. Estava um saco. Agora melhorou.
É. Dessas mentiras sinceras que a gente precisa nessa vida. — Quer sair comigo?
— Quero. Mas fazer o quê?
— Hum… Boa. Só pensei em sua companhia. Não pensei

em quê.
Ouço a risada do outro lado.
— Já sei. Vai passar um filme do Truffaut. Vamos ver? — Eu não conheço.
— Você está brincando. Como você nunca viu Truffaut? — Eu era uma CDF. Só li livros de antropologia, e os filmes

mais alternativos que vi foram russos.
É a minha vez de rir.
— Vamos. Você vai adorar.
— Tenho certeza.

Encontro a Ginger na porta do cinema. Acho que estou condicionado a sorrir toda vez que a vejo. A minha boca reage instantaneamente. Ela está usando uma calça jeans e um *top* verde. Simples. E linda. Algo me diz que ela tem muito de Kubikova e vice-versa. A vida imita a arte, ou eu, simplesmente, copio. A garota dos meus sonhos existe e está vindo ao meu encontro. Se eu fosse cineasta, colocaria a câmera bem onde eu estou. Assim, eu a veria, em câmera subjetiva, descer a rua apressada entre passos alternados, a sua bolsa balançando, sua mão se agitando, harmoniosamente, e o exato momento em que leva a mão para jogar o cabelo por trás da orelha. Em seguida, ela me enxergaria, sorriria e apertaria ainda mais o passo. Só cortaria quando ela entrasse em *close*, exatos dois segundos antes de me beijar.

— Demorei?
— Posso pedir uma coisa?

— O quê?
— Você poderia ir até a esquina e descer a rua de novo? — Por quê?
— Porque eu quero registrar isso.
— Onde? Como?
— Na minha memória.
Ela sorri. É um festival de sorrisos.
— Ok. Vou lá, então.
— Não se esqueça que você está descendo pela primeira

vez a rua — eu quase grito.
— Entendi — ela responde de costas.
Gui chega até a esquina. Faz pose e desce a rua como se

estivesse atuando. Eu ligo a minha câmera imaginária. Registro todos os movimentos. Penso em como vou me lembrar disso até o fim dos meus dias. Pensando em como a lembrança ainda é a melhor das máquinas fotográficas. Agora, cinematograficamente, eu gravo *frame* por *frame* na minha memória, expondo a luz e meus sentimentos, e projeto na minha retina as imagens que eu voltarei sempre a enxergar toda vez que sentir um dia nublado entre a ausência e o encontro da pessoa que, possivelmente, vai causar mais falta e mais completude, ao mesmo tempo, na minha vida.

Começa o filme. Eu assisto mais a Ginger do que ao filme que já vi várias vezes. Ela sorri, fica apreensiva, triste, se inclina para frente e se emociona. Enquanto passa essa história sobre desencontros na tela, eu penso em encontros na vida real. *Beijos Proibidos* é o filme. O personagem principal não consegue beijar. Nem garota de programa e muito menos a quem ele ama. Porque o beijo significa demonstração de amor e neste filme ninguém parece amar. As pessoas não compreendem o verdadeiro significado do amor e ninguém de fato parece estar interessado nisso. E no final, quando tudo parece se resolver, ainda tem um fim enigmático que sempre me deixa com um gosto amargo sobre a impossibilidade de encontros.

— Quem é esse Truffaut? — pergunta Ginger impressionadíssima.
— É um médico. De UTI.
— Sério?
— É. Ele salvou a minha vida muitas vezes.
— Entendo… Quero ver outros filmes dele. Aquela última fala. É o que deveria

ser um amor de verdade, não é?
— É…
— Fico com a estranha sensação de que, no fim, nunca estaremos aptos para captar as essências.
— Sei exatamente do que você está falando.
Há um silêncio constrangedor. Estamos pensando se nós não estamos vivendo também um grande engano.
— Nosso beijo também é proibido? — eu pergunto.
— Não mais. Não sou mais comprometida.
Ela me surpreende. Nós nos beijamos.
O beijo pode até ser proibido. O amor pode até ser proibido. Mas nada nessa vida impede você de tentar. Acreditar. Até que alguém mostre os letreiros finais, você pode tentar quantas vezes quiser. No meu filme, a única coisa proibida é desistir.
Volto para casa pensando em como estou feliz. A Ginger segura o meu ombro direito entrelaçando os braços, enquanto conta piadas infames que ouviu ontem. Ela sorri e eu retribuo. Tenho uma estranha mania de deixar os bons momentos escaparem. Ou melhor, achar que eu não mereço quando isso acontece.
— Para — digo.
— O que foi?
— Preciso dizer uma coisa.
— O quê?
— É que eu não sou bom nisso.
— Do que está falando?
— Demonstrar sentimentos.
— Como assim?
— Fique quieta e escute — respiro fundo e continuo. — Eu nunca estive tão feliz como estou agora. E devo tudo a você. Obrigado por tudo.
A Ginger sorri com ternura. Ela me abraça e diz baixinho: “Você me encontrou e deixou que eu encontrasse você. Você, ou nós estamos fazendo as nossas vidas valerem a pena. Obrigada por acreditar em mim. Você me prova todos os dias que um encontro de verdade é possível”.
Perdi. Ela se expressa muito melhor que eu. Não disse que eu não sei me expressar? Estou brincando. Ei, mas não fica com inveja não. No começo eu era um fracassado, lembra? Agora sou um fracassado com uma garota dos sonhos e com esperança do tamanho do mundo. Pode acontecer com você também. Tenho certeza.

Antes de adormecer, penso em como é bom fazer sexo com alguém que você gosta. Existem conquistas e outras fantasias, mas, pensando bem, nada melhor do que com alguém de quem você realmente gosta. Enquanto olho para a Ginger, que dorme, tirando o meu braço com cuidado para não acordá-la, desejo que esse momento dure para sempre. Eu tenho uma técnica. Fecho meus olhos e fragmento o tempo em milhões e milhões de pedaços e depois eu estico, estendo cada fragmento. Assim, consigo ter a impressão e o sentimento de que o momento dura uma eternidade. Dessa maneira, aconteça o que acontecer, vou lembrar esse dia, essa noite, essa transa, essa respiração, essa história de amores improváveis sussurrados à luz de velas. De modo que já começo a sentir saudades.

Acordo cedo. Despeço-me da Ginger e vou para minha aula. Ela me deseja sorte. Mal sabe que a minha sorte começou quando a encontrei. Faço um discurso imitando jogador de futebol: “É… vamos dar o melhor de si e seguindo as instruções do professor…”, por aí afora, e arranco sorrisos dela. Eu adoro fazê-la rir. Eu fico feliz com isso. Meu Deus, mas quantos “felizes” eu estou usando…

Segundo dia de aula. Eu respiro fundo antes de entrar na sala. Todos estão aqui. Estava esperando alguma falta, mas a molecada me surpreendeu. Os olhos do Luciano, Mariana, Juliano, Rafael e os outros estão ainda mais inquisidores. Eles querem saber o que eu vou dizer. Eu tiro da minha mochila uma fita.

— Hoje eu trouxe algo.
— Xi, não temos vídeo aqui — lamenta o Luciano. — Calma. Já falei com a Ana e a chave da sala de vídeo

está comigo. Vamos lá pegar o vídeo e a TV.
— Deixa comigo — Rafael, ou melhor, MC Canastra se adianta.
Logo, o Rafael e o Rodrigo, um outro garoto alto, vêm empurrando o carrinho com os aparelhos.
— O que é? — pergunta a Mariana.
— Um filme.
— Que filme?
— Um filme de amor.
— Hum… Acho que vou gostar.
— Mas quando é que vamos começar a escrever? — indaga o Luciano.

Eu ignoro a pergunta.
— Este filme é o que vocês poderiam chamar de ficção científica. O filme chama-se *Fahrenheit 451* — recorro mais uma vez a Truffaut. — No futuro, os bombeiros não apagam mais fogo e sim queimam livros, porque acham que os livros deixam as pessoas infelizes. Vocês sabem o que é Fahrenheit? Demora um pouco, mas um garoto levanta a mão. — Agnaldo, não? — ao mesmo tempo em que pergunto o nome dele, um garoto me deixa inquieto. Ele senta sozinho e não fala com ninguém. Às vezes, nem parece que está me ouvindo. Acho que o nome dele é João.
— Sou. É a escala de temperatura usada nos Estados Unidos. — Isso. O filme chama-se *Fahrenheit 451* porque essa é a temperatura em que os livros começam a queimar. Todos ficam em silêncio.
— Vamos lá, então.
Nos 112 minutos que seguem não consegui ver ninguém desviar a atenção. Exceto o comentário da Mariana no comecinho dizendo que o filme não é de amor. A reclamação é logo abafada por vários “xis”. Tenho que confessar, toda vez que eu vejo esse filme, principalmente quando as pessoas andam em volta do lago decorando seus livros favoritos, não consigo evitar lágrimas. É uma genuína declaração de amor aos livros. Todos ficam surpresos.
— É isso que vocês precisam fazer. Lutar por isso. Lembrar em cada momento da vida de vocês o que realmente vale a pena. O que faz você respirar e ter vontade de escrever. Saiba que quando você escreve, qualquer coisa que escreva, tem que ter fogo. Lembre-se de que *Fahrenheit 451* é também a temperatura que você precisa sentir por dentro para escrever suas coisas. De dentro para fora, de fora para dentro. Tem que entender que ali há uma mistura bruta de vida. Tem que me fazer sentir, fazer outros sentirem e ser capaz de incendiar tudo que está a sua volta. Isso é sobre a vida. Isso é sobre a arte que tanto queremos alcançar. Isso é sobre a nossa sobrevivência. Nunca pensei que eu fosse tão profético. Mas sabe o que é pior? Eu acredito em cada palavra que disse.
— Acabou a aula — digo ainda decidido.
Os garotos demoram um pouco para reagir, mas aos poucos vão saindo da sala.

Todos me olham estranho, mas tenho certeza de que, quando estiverem voltando para casa, nas últimas esquinas antes de chegarem em casa ou alguns pontos antes de descerem do ônibus, eles vão começar a entender. Se é que alguns já não entenderam. E, quando isso acontecer, teremos mais alguns homens-livros. Juntos, talvez possamos escrever uma biblioteca inteira. Um mundo inteiro. Espero
sinceramente que um dia isso aconteça.
— Ah, não se esqueçam de trazer, na semana que vem,
um livro de que vocês gostem muito.
Ainda fico mais um pouco e converso com os garotos. A
Mariana finalmente se levanta e me diz:
— Entendi. É um filme de amor.
Eu abro um sorriso do tamanho do mundo.

Outro trabalho. O bar do Paulão está indo melhor agora. Acho que esse negócio de *indie* pegou mesmo. Ele até me pediu desculpas pelo outro dia. E disse que agora posso ser DJ residente. DJ residente. Essa é boa. Eu recuso gentilmente (essa é boa também), dizendo que preciso de tempo para escrever. Chego no *The Passenger* mais cedo do que de costume. Penso em tomar algum trago antes de começar. Cumprimento Jonas, o porteiro com nome bíblico, aliás, você não acha esse nome muito adequado? É o guardião do estômago da baleia. A decoração vermelha reforça ainda mais a minha ideia. Vou direto para o balcão.

— Paty, me vê uma cerveja?
— Como?
A garota vira de costas e epa. Não é a Paty.
— Ué? Cadê a Paty?
— Ah, a Paty saiu. Entrei no lugar dela.
Graças a Deus. Aquela garota com a inteligência da madeira que segura a maçaneta, já estava me dando no saco. Ei, essa garota não é nada mau. Pelo contrário. Não é lá muito bonita mas… Esse Paulão não é bobo não.
— Hum… — Tento desviar o meu olhar dos… você sabe

de onde. — Cadê o Dimi?
— Ele deve estar lá atrás. Preciso ir lá também — ela sai
em direção ao depósito.
— Hum… — Tento desviar o meu olhar da… você sabe de
onde também.

Dimi volta com caixas de cerveja.
— E aí? Resolveu chegar mais cedo?
— É. Quem é essa…
— Gostosa?
Caímos na gargalhada juntos.
— Sei lá. O Paulão arranjou não sei onde. É boa, né? — Muito. E aí? Quem…
Ela volta.
— Me dá uma cerveja? — eu não consigo tirar os meus
olhos dos…
— Tá na mão. — Dimi não consegue tirar os olhos da… — Valeu — eu não consigo tirar os olhos dos e da… — Ei, este é o nosso DJ, Mr. Fahrenheit.
— Esta é…
— Oi, já nos conhecemos. Meu nome é Jaqueline. Você é DJ? — Ei, ei, pelo tom de voz da pergunta dela acho que ela
gosta de DJs.
— Lindo nome. Aliás tem uma música do *Franz Ferdinand*
com esse nome. Vou tocar para você.
— Jura? Que legal!
Hum. Acho que vou me dar bem. Aliás, para ser sincero, eu
nunca sei quando estou agradando. Mas, depois que a Ginger
apareceu na minha vida, acho que estou mais autoconfiante. Esperaí. Vou me dar bem? Tenho namorada agora. Aliás, de onde
veio esse pensamento? Como é que consigo pensar em outra garota tendo a Ginger como namorada? Mas quando ela disse: “que
legal”, que alguma coisa debaixo da minha calça mexeu, mexeu. Ela se afasta cantarolando. Eu e Dimi não conseguimos
tirar os olhos… chega. Você já sabe de onde.
— Malandrão. Se deu bem, hein?
— Que isso. Tenho namorada agora, esqueceu? — Namorada? Desde quando? Você tá falando daquela
loirinha?
— É. Estamos juntos.
— Puxa. Tá com a bola toda, hein? Melhor assim. Pelo
menos sobra alguma, né?
— Acho que ela vem hoje com os amigos.
— Ah é? Legal.
Dimi continua limpando o balcão.

— Soube que você está dando aulas.
— Como você soube?
É impressionante como as pessoas ficam sabendo da vida alheia. Acho que eu comentei com o Paulão.
— Pois é. Estou fazendo a minha versão de *A Sociedade dos Poetas Mortos*.
— Não consigo imaginar você como professor. — Nem eu. Mas quer saber? Estou me saindo bem. É quase uma terapia para mim. Para ser sincero, estou mais aprendendo do que ensinando.
Realmente estou gostando muito de fazer o papel de professor. Muito.
— Como está indo o livro?
— Está bem. Agora Kubikova resolveu tirar foto da bolsa dela todos os dias. Ela tira o conteúdo da bolsa, escreve num papel a data e tira a foto. Assim ela acredita que pode registrar o dia-a-dia num país completamente estranho. E depois… — Pode parar.
— Por quê? Não achou legal?
— Pelo contrário. Eu acho muito legal o seu livro. O problema é que você me conta em blocos. Desordenados. Nunca sei por que ela está assim ou assado. Eu prefiro ler tudo de uma vez quando você terminar. Eu fico querendo saber o que acontece e querendo ordenar as histórias. Sou ansioso, cara. E fico chateado em não saber o que acontece. Vou ler depois tudo junto. Não disse que o Dimi é um cara sensacional? Eu escrevo para pessoas como o Dimi. Na verdade escrevo para pessoas como eu. Tá legal, para pessoas como o Dimi, como eu e como você. No fim, somos todos iguais. Eu me encontro no Dimi, Dimi em mim, você em mim, eu em você. Talvez, só talvez no Paulão, com certeza na Ginger, até na Dani e em Kubikova, mesmo que ela não exista. Eu sei. Joyce escreveu muito melhor sobre isso. Mas eu não sou Joyce. Pelo menos eu entendi. Acho que isso basta.

Já estou na cabine. Hoje estou *light*. Acho que vou fazer um miniespecial com *Weezer*. *Weezer* sempre me deixa feliz. Mas essa Jaqueline fica passando toda hora aqui e fica me distraindo. Fico pensando. Será que ela sabe que desperta desejo nos homens? Será que ela tem consciência disso? Ou será que ela não sabe? Acho que realmente existem mulheres, que quando o homem olha, só

consegue pensar em sexo. Como isso acontece? Será que ela consegue distinguir, entre os homens, os que querem só sexo? Toco *Little baby nothing*. Só *Manic Street Preachers* pode me responder.

A Ginger chega com seus amigos. Ela me acena efusivamente. Também estou feliz em vê-la. Faço o sinal de espera. Toco *The Good Life* e saio da cabine. Tenho quatro minutos e dezessete segundos.

Eu a beijo. E reconheço alguns rostos da outra vez. Tem a bonitinha, acho que o nome dela é Sandra. A outra que estava de minissaia é a Ana. O João é o cara que gostou da minha sequência matadora.

— Isso aqui tá começando a ficar bem frequentado — digo olhando para o pessoal.
— Pois é. Vieram ver a performance do meu DJ particular.
Eu gosto disso. Termino dizendo que preciso voltar e prometo sair quando programar uma sequência mais longa. Antes de terminar a frase, a Jaqueline passa na nossa frente. Nem preciso dizer que todos os amigos da Ginger olham. Eu volto para a cabine, não sem antes olhar você sabe para onde.

Vejo da cabine a Ginger dançando. Ela é linda, dança do jeito que eu gosto. Enfim, sou um cara feliz. Mas a grande dúvida ainda continua. Por que é que não consigo parar de olhar para a Jaqueline? Taí. Acho que está hora de tocar a música que ela pediu. Logo em seguida eu programo a minha sequência matadora. Você sabe qual. Logo que saio da cabine, passo pela Jaqueline e digo: “Essa é a sua música”. Ela bate palmas e sussurra no meu ouvido: “Valeu”. Juro que desta vez uma coisa maior do que da outra vez mexeu dentro da minha calça.

— Quem é essa garota?
— É a Jaqueline. Ela entrou no lugar da Paty, a outra garçonete. — Ah, tá.
Será que as mulheres também percebem quando uma outra mulher exala sexo literalmente? Mas no momento estou muito interessado em entender por que é que eu, com uma garota perfeita, quero ir correndo até o banheiro com a Jaqueline e fazer sexo, quer dizer, putaria. Será que eu seria capaz de trair a Ginger? Será?

— Nossa. Você está com cara de assustado. O que foi? — Na… Nada. Preciso

voltar para a cabine.
Eu volto com uma sensação horrível. A minha cara deve estar péssima. Um simples questionamento mudou o meu humor. Porque constatei que esse pensamento pode ter uma resposta afirmativa. A sensação de que eu possa destruir tudo voltou e me deixou muito preocupado. Ao mesmo tempo, fiquei triste. Não sei se é porque nós nunca estamos satisfeitos. Acho que é por causa dessa nossa condição de eterna incerteza. Volátil, volúvel e violentamente instintivo às vezes. Acho que quero vomitar. Fiquei com nojo do gênero humano.

A minha hora termina. O Bang chega dizendo que está louco por *The Killers* e ameaça tocar o disco inteiro. Veja o comentário do Paulão:

— É o que me faltava. Outro Fahrenheit — acho que isso resume tudo.
O Bang é um cara bacana também. Um pouco desconexo. Quer dizer, confuso. Tá bom, Completamente louco. Dispara milhões de palavras por minuto e entre esses milhões de palavras proferidas, bilhões são incompreensíveis. Desconfio que o cara produz drogas na corrente sanguínea. Nunca consigo manter uma conversa decente.
— Cara, aquele livro que você me deu para entregar para o meu sobrinho ele ainda não leu. É que ele está sem dente. Saca?
— ?????????????????????? Ah, tá.
Saio de fininho e vou me juntar ao grupo da Ginger. Hoje estou estranhamente de saco cheio. Quero ir para casa e ficar sozinho. Nem a presença da Ginger me alegra. Não é que eu não goste mais dela, não é isso. Acho que a solidão é inerente à minha natureza. Talvez à sua natureza também. Talvez.
— Você gosta de som meio deprê, não? — um mané me pergunta. — Você fez uma seleção com músicas góticas meio pra baixo.
— Eu toco o que estou sentindo — puxa, estou educado.
— Vocês DJs alternativos têm um *dark side* muito forte.
— Como é que é? *Dark side* muito forte? — dou gargalhadas. — Essa é boa. O mané se safou.
— Você está bem? — é a Ginger.
— Pra ser sincero, não muito. Acho que quero ir para casa.
— Quer que eu vá com você?
— Não. Você está com os amigos. Fica. Amanhã, a gente se fala.
— Vou até a porta com você.

Eu atravesso o bar como um zumbi que vai do cemitério até a cidade. Ainda dá tempo de olhar a Jaque pela última vez, o que me provoca uma estranha reação no meio das pernas, de modo que ando como um zumbi de verdade.
— O que você tem?
— Vou ao banheiro.
Lavo o rosto no banheiro e saio pela porta. Encontro a Jaque no corredor. Ela aproxima o seu rosto e diz:
— Adorei a música, viu? — ai que saco. Será que eu aguento?
Saio correndo até a porta. Beijo a Ginger o mais rápido possível, ajeito o meu casaco e dou o fora.
Ando pelas ruas sem destino. Está começando a esfriar, mas acho que gosto disso. Frio combina muito bem com a solidão. Acho que vou tomar uma para esquentar. Quer saber, vou até entrar naquele bar bacana por onde sempre passo antes de ir para o *Passenger*. Penso em sentar no balcão, mas eu sempre preferi a mesa.
Sento-me sozinho. É um bar bacana, cheio de gente moderninha, rica ou que aparenta. Será uma democracia às avessas? Eu não sou rico, mas hoje me dou o luxo de poder pagar uns drinks aqui. Quer dizer que se eu tiver sempre o dinheiro, contado, mas dinheiro suficiente para pagar minhas bebidas, eu posso me sentir como se eu pertencesse ao mundo deles? Mas, afinal, o que são mundos? O que é essa estratificação social invisível? Para ser sincero, eu nunca me senti deslocado em nenhum lugar. O meu avô me disse uma vez: “Todos são iguais. São pessoas. Tenham dinheiro ou não. Nunca fique intimidado com isso. Um dia você poderá ter dinheiro ou não. Dinheiro não é a medida de um homem. Portanto, não tente ser rico. Tente ser bom”. Ele era sábio. Pena que eu não lembro muita coisa dele. Pego o cardápio no exato momento em que lembro o meu paradoxo desse pensamento. É que na verdade eu me sinto deslocado sim. Mas isso em qualquer lugar. O que quero dizer é que não me sinto intimidado aqui.
Eu procuro por companhia no cardápio. Fundador. Um dos personagens do livro de Hemingway tomava esse conhaque o livro inteiro. É isso. É uma companhia.
— Quero um Fundador, por favor.
A linda garçonete sorri para mim. Provavelmente deve ser alguma estudante de teatro. Ou uma garota bonita sem nenhum outro talento aparente. Acho que fui cruel. Mas o fato é que eu adoro garçonetes, recepcionistas, promotoras e vendedoras de shopping. Não sei por quê. Acho que gosto de encontrar simpatia além da beleza.

Estamos assim. Eu e meu copo de Fundador na mesa. Entre ter uma ideia que continue o meu livro e a minha inevitável e inesgotável solidão.
Quero ir para um lugar da infância. Com tempo ameno e aquela sensação agradável de cair da tarde. Eu queria reproduzir aquele sentimento vago e morno de fazer parte da paisagem, um lugar que antecede o sentimento de felicidade, porque assim eu teria a esperança e a expectativa de ser feliz ao mesmo tempo. Tudo o que eu queria era me sentir assim. Por isso, procuro lentamente na minha memória um lugar da infância.
Do outro lado do rio entre as árvores. Deve ser por aí. Bebo na companhia de Hemingway. Na verdade, sozinho. Não sinto a presença de Hemingway aqui. Muito menos de felicidade. Só quero entender porque não quero companhia se me sinto tão sozinho.
Peço outro Fundador. O terceiro vai ser uma extravagância. Queria ter dinheiro para tomar a garrafa inteira.
Chamo a linda garçonete.
— Quanto custa a garrafa?
Ela faz cara de espanto.
— Preciso perguntar. É que nunca ninguém pediu uma garrafa de conhaque antes.
Ela volta.
— São R$ 120,00 — ela faz mais cara de solidária do que desconfiada.
— Eu quero a garrafa — tenho R$ 200,00 da discotecagem do dia.
— Tem certeza? Você pretende beber tudo?
— Não. Só até ficar bêbado.
A linda garçonete sorri.
— Renata — leio o seu nome no broche. — Na verdade, eu não tenho dinheiro. Não para gastar assim. Mas estou com vontade de encher a cara. Acho que as pessoas deviam sempre fazer o que têm vontade. Independente de terem dinheiro ou não. A linda garçonete sorri de novo.
— Entendi. Quer mais alguma coisa?
Quero pedir salvação instantânea. Que alguém conserte esse meu coração todo errado. Que alguém transforme o meu mundo indizível em uma fonte inesgotável de palavras. Queria poder dialogar com as pessoas. Mas a minha vida é um eterno monólogo. Eu só converso comigo mesmo. — Não. Obrigado. Agora tenho minha companhia — levanto a garrafa.
Começo a beber lentamente. Sorvendo cada gole bem devagar. Olho em volta e penso. Por que não consigo ser como eles? Mas talvez seja pretensão minha

também achar que sou diferente deles. Talvez aqui também esteja alguém com o coração partido como eu. Mas onde? Como? Queria que Deus me mostrasse o sentido de tudo isso de vez em quando. Só de lampejo. Poderia até esquecer depois. Mas que me desse algum entendimento para parar de me doer tanto. Meia garrafa se foi. Acho que não estou bem. Pergunto o nome da linda garçonete depois de esquecer que eu li no broche. Acho que perdi toda a simpatia que consegui dela. A história do livro de Hemingway começa a me embaralhar. Eu começo a atravessar de fato o rio e parar entre as árvores. Será que tem uma rede lá? Queria ficar nesse bosque para sempre. Mas que diabo! Por que estou assim, se eu finalmente tenho a garota dos meus sonhos, escrevo um livro em que acredito muito e ainda por cima tenho para quem dizer sobre o que eu penso? Tento me concentrar. Eu faço mentalmente a minha piada de afastar a garrafa em vez do cálice e resolvo ir embora. — Guarda a garrafa pra mim?
— Vou marcar. Qual é o seu nome?
— … Hemingway. Meu nome é Hemingway.

Está frio. Ainda mais frio estou por dentro. Tudo parece congelar à minha volta. Aperto ainda mais o casaco. Eu queria que Deus me passasse para o lado quente da vida. Mas também retirar essa resposta estúpida de que eu estou reclamando de barriga cheia. Quem nunca teve, ou melhor, tem o coração partido como eu, sabe do que estou falando (eu acho). Tenho medo de dizer isso. Mas nunca poderemos preencher e nem aquecer o vazio que sentimos aqui dentro. Aperto o passo. Penso em ir para algum lugar onde ninguém me conheça pela milésima vez. Penso em mudar de identidade pela milésima vez. Penso em inventar uma nova personalidade. Uma nova história. Sem traumas e complexos. Alguém mais alegre e sem problemas metafísicos. Eu quase consigo imaginar isso de verdade. Fecho os olhos e crio uma história nova. Uma nova personalidade. Uma nova identidade e um novo lugar. Uma nova infância, uma nova adolescência, uma nova escola, uma nova vida, uma nova namora… Penso na Ginger. Penso em como ela acredita nessa vida. Penso em como ela acredita nas possibilidades. Mas infelizmente também penso em como isso ainda não faz parte de mim. Eu amaldiçoo todo demônio que conheço, mas não consigo mudar o meu maldito coração. Levanto o meu rosto, expirando fundo. Estou vazio. Sinto que deixei alguma coisa no bar. Alguma coisa no *Passenger*, alguma coisa em casa, outra coisa na infância, mais coisas na casa dos pais e provavelmente todas as coisas no berçário. Eu queria chorar. Queria lamentar sinceramente pela minha falta de

clareza. De não saber o que sinto. Eu queria derramar todas as minhas mágoas de não conseguir entender absolutamente nada. De ter nascido nessa condição precária. Tudo que está em mim me acompanha desde que eu nasci? Queria que a minha sombra me respondesse. Mas a minha sombra é como a minha dor. Aparece e desaparece dependendo do sol da minha vida.

Ando sem direção. Mesmo porque eu estou bêbado. Você ri? Eu estou começando a rir. Timidamente de início. Depois solto uma risada seca. Que logo se transforma em gargalhada. De repente não consigo mais parar. Fico rindo sozinho no meio da noite, na rua vazia, sem parar. Será que finalmente enlouqueci? Fiquei pinel? Doidão, essas coisas? Caramba, acho que acabaram todos os meus problemas.

Hahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahaha haha. Estou falando sério. Eu não consigo parar de rir. Hahaha hahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahaha. Que droga. Estou completamente fodido e não consigo parar de rir. “Excesso de alegria leva ao choro e excesso de tristeza leva ao riso.” Estou sentindo na pele. O ser humano é imperfeito. Ao me dar conta disso, eu paro de rir. Caminho por mais cinco quadras completamente cabisbaixo, sem me importar com a chuva que cai.

— Ei, acorda.

Alguém me sacode. O que será? Como fui parar na minha casa?
— Vamos. Acorda.
Eu acordo. É a Ginger.
— O quê…? Co… mo?
— Estava indo pra casa e vi você deitado na mesa pela vitrine.
O quê? Quer dizer que eu dormi? Foi um sonho? Espera. Sonhei literalmente o livro de Hemingway. Mas continuo me sentindo mal. Estou todo moído.
— É. Pa… rei… aquii praa to… ma… uma coisssa.
— Eu sei… Mas está na hora de voltar para casa.
Há compreensão na voz dela. A maneira como ela me ergue me comove. Eu choro. Mas desta vez é de felicidade.

Volto para casa e me sinto melhor. A Ginger me deitou no meu colchão disfarçado de cama e se deitou ao meu lado. Vou ser sincero. Nunca fui bom de relacionamentos. Vide meu exemplo com a Dani. Mas esse, sei lá o que eu tenho

com a Ginger, eu não queria estragar.

— O que anda sentindo? — Ginger me pergunta. — Não sei.
— Sente que nunca está satisfeito?
— Mais ou menos por aí.
— Dúvidas?
— Esse é o resumo da minha vida.
— Você acha que não tenho dúvidas?
— Você sempre me parece mais decidida do que eu, mais

madura que eu.
— Todos os dias eu tenho vontade de sair correndo. — … O que faz você desistir?
— A vontade de superar isso.
— Mas, às vezes, parece mais forte do que a gente. — E é.
— E se a gente não conseguir?
— Acho que é mais provável que a gente não consiga. — Mas o que vai nos fazer acreditar?
— O que você vê nos meus olhos? — ela se aproxima e

aponta para os olhos dela.
— Não sei.
— Vontade. Eu jurei que enquanto viver eu nunca vou desistir. É isso que está nos meus olhos. É isso que está na minha vida. Não vou desistir. Mesmo que eu morra tentando.

Fico em silêncio por um tempo.
— E nos meus, o que você vê?
— Não sei.
— Estão dizendo que eu amo você.
Eu escolhi essa mulher. A vida escolheu essa mulher para

mim. Ela entende sobre o buraco no meu peito. Ela sabe de uma estranha forma a lição que eu preciso aprender. De como preencher esse buraco com vontade de viver.

— Me ensina.
— O quê?

— Ter vontade de viver. Quero ter vontade nos meus olhos

como tem nos seus — respiro. — Já sei. Tenho que aprender sozinho.

Ela me beija. Eu sei. Oscilo muito. Embora eu tenha realmente a ideia de como fazer e não desistir, isso não está em mim cem por cento. Mas estou em busca. Quase decidido. Algo me diz que estou prestes a conseguir. Eu estou me esforçando. Querendo realmente que isso dê certo.

— Gostaria que você ficasse aqui, hoje à noite. — Ficarei o tempo que for preciso.

Estou parado um tempão em frente à estante. Tentando escolher o livro para levar para a aula. Um livro de que eu goste muito. Penso que Joyce seria óbvio demais. Para incentivar a leitura? *O Apanhador no Campo de Centeio*? Não. Sempre tive dúvida em relação a esse livro. Embora a cena que explica o título do livro seja simplesmente genial, o resto não me agrada muito. Penso em *As Cabeças Trocadas* de Mann. Muito pertinente com a minha situação Ginger-Jaqueline. Mas escolho *Hamlet* de Shakespeare. É a ilustração perfeita da minha situação de sempre. Tinha um professor na faculdade que dizia: “Se você não tiver tempo ou disposição para ler muitos livros, leia a Bíblia e todos de Shakespeare”. Ele estava certo.

Entro na sala. Todos estão ansiosos. Vejo que a maioria está com um livro na mão.
— Ok. Vamos começar. Cada um podia falar um pouco do livro que trouxe. O porquê deste livro. Eu também trouxe o meu. Eu comento depois de vocês. Quem quer começar? Juliano? — Vamos ver o que o nosso escritor *nerd* trouxe.
— Eu trouxe *Dom Quixote*. Como vocês já sabem, é sobre um cavaleiro que luta contra o impossível.
Que surpresa. Enquanto ele continua a explicação, eu penso: talvez esse garoto tenha chance. Talvez tenha no seu íntimo a loucura que falta.
— Muito bom. Que mais? Que tal você, Mariana?
— Eu trouxe *David Copperfield*. Na verdade, eu tenho outros livros que gosto. Mas fiquei curiosa por causa do filme da semana passada. E eu estou gostando muito.
Essa garota, essa garota, será um dos homens-livros. De repente fico orgulhoso.
— E você, Luciano, o que trouxe?

— *Conde de Monte Cristo* e *O Homem da Máscara de Ferro* de Alexandre Dumas. Eu gosto muito. Tem aventura, personagens ótimos, ótimas histórias. Eram do meu pai…
Por um momento o garoto me pegou. A ausência do pai será ainda um grande problema para este pobre menino. Mas será que também não foi para mim? Pai. Falamos disso mais tarde.
O Agnaldo trouxe Guimarães Rosa. Surpreendente. O João, aquele garoto que não diz nada, trouxe *Carrie, a Estranha*. Esse garoto me assusta.
— E aí, Rafael. E você?
— Ah, eu tenho um livro fantástico: *Nossa Vida Não Vale um Chevrolet* — todos dão risadas. — Não ri, não. É um livro sério. Até foi traduzido para o francês.
— De quem é? — alguém pergunta.
— É do meu ídolo. Esse é o cara. O nome dele é Mário Bortolotto. Guarde esse nome. Vai ser o maior dramaturgo do Brasil. Professor, você leu? Senão, posso emprestar — todos riem de novo.
— Vou querer. Mas espero que a minha vida valha um pouco mais do que um Chevrolet — eu pego o livro sorrindo.
— Na sua mão tem um livro também — diz a Andréa, uma garota que tem feito muitas perguntas depois da aula.
— Ah, sim. Eu trouxe um livro também. É *Hamlet* de Shakespeare.
— Já sei. Do famoso "ser ou não ser" — diz o MC Canastra, cantando.
— É isso mesmo. Eu escolhi este livro porque é sobre a nossa condição. A nossa eterna dúvida. É sobre a pergunta mais frequente das nossas vidas: "De onde viemos? Para onde vamos? Por que vivemos?". Toda vez que leio este livro, eu compartilho a angústia de Hamlet. A solidão em estado bruto. O indizível. Está tudo neste livro. É o meu livro favorito.
Há um silêncio na sala de aula. Acho que, às vezes, pego pesado. Mas, tenho certeza de que todos entenderam. Durante essa aula, durante discussões e risadas, eu tenho uma única certeza. Ainda é possível que a gente mude alguma coisa neste mundo. Aqui, apesar do frio lá fora, tem calor humano. Aqui, apesar de todos os problemas de cada um, falamos sobre o que é realmente importante. Eu consigo ver nitidamente os nossos heróis ao nosso redor escutando as nossas histórias. É David Copperfield, Dom Quixote, Ninhinha, Conde de Monte Cristo, Pequeno Príncipe, Bandini, Baudelaire, povoando as nossas histórias. Se alguém passasse do lado de fora da sala e nos visse, com certeza veria um monte de garotos felizes. E um homem que já foi muito triste, sorrindo. Todos veriam que ali há vida, indubitavelmente.

Volto para casa e escrevo mais alguns capítulos do meu livro. Acho que está indo tudo bem. Quando deito a minha caneta na mesa cai uma ficha. Eu tenho alguma coisa a dizer. Um conselho, mais precisamente. Conselho? Logo eu? Tudo bem. É que é algo urgente.
Você que me acompanha, temos alguma coisa em comum, certo? Achamos que não temos talento para nada, não é? Mesmo assim, não conseguimos parar de nos expressarmos de alguma maneira. Mesmo enchendo a cara. Então, lá vai. Dizem que a vida é cheia de altos e baixos. Mais baixos do que altos, como você pode ver pela minha própria vida. Mas quando tudo estiver ruim, lembre-se destas duas letras que formam uma palavra: GO. Vá. Vá em frente. Escreva, desenhe, pinte, fotografe, dance, costure, atue, cante. Portanto, quando tudo estiver ruim, lembre-se destas duas letras que formam uma palavra. GO. Vá. Vá em frente. Apenas faça.
— Como foi o dia? — Ginger me pergunta.
— Foi bem. E o seu?
— Bem… Bom… Preciso te contar uma coisa.
— O quê? — Xiii. Sinto gravidade na voz dela.
— Não vou poder ir ao *Passenger* hoje.
— Por quê?
— É que marquei com uma pessoa.
— Quem?
— Hum… Com o Flávio…
— Esperaí. O único Flávio que eu conheço é o seu ex-namorado.
— É ele mesmo.
— O quê? — eu dou um pulo. Estou puto. Muito puto. — Mas por quê?
— Ele me ligou esses dias, me pediu para conversar.
— Mas o que tem pra conversar?
— Olha, eu sei que você não gosta da ideia. Mas acho que eu devo isso a ele.
— Você não deve nada. Acabou, não acabou? O que tem pra conversar?
— Você sabe muito bem que, mesmo que relacionamentos terminem, alguma coisa ainda continua. Você sabe, eu convivi muito tempo com ele.
— Eu não gosto nada dessa história.
— Você já pensou que eu também não gosto muito dessa ideia?
Será que eu consigo fazer papel de namorado compreensivo?
— Tá. Entendi. Mas saiba que não gosto nada dessa história.
— Eu sei, bobinho. É só um encontro de ex-namorados.
— Sei. Onde é que vocês vão?

— Acho que vamos no *The View*.
— Ei. Isso aí não é romântico demais para um encontro de ex-namorados?
— Era um lugar aonde a gente ia bastante.
— Isso tá mais parecendo um *revival*.
— Desencana. Não vai acontecer nada. Juro.
— Tá. Tá. — Ela me beija.

Eu deveria ter deixado ela ir? Penso. Eu deveria ter deixado ela ir? Penso de novo. Será que eu realmente deveria ter deixado ela ir? Penso e penso de novo. Por que não consigo ser como aqueles caras metidos a machão, que dizem: "Não. Você não vai"? Acho que a Ginger teria aceitado a minha negativa. Eu me pergunto, por que na minha condição de alguém que sente ciúmes (mas não sou ciumento) permiti que ela fosse ao encontro do ex-namorado? Eu sei o motivo. É que eu quero que as pessoas vivam do jeito que acham que devam viver. Se eu não gosto que os outros digam como devo viver, por que eu teria que dizer a outras pessoas como devem viver?

Mas eu ainda fico remoendo a legitimidade da minha negativa que intensifica ainda mais a minha pergunta. "Por que eu deixei ela ir?"

— Traindo?
— O quê?
— Você está tomando *Ballantine*.
— Ah, é que a Jaque disse que o *Red* acabou.
— Tsc, tsc. Se ela pensasse com as suas formas avantajadas da frente e de trás, seria um gênio. Mas infelizmente ela pensa com o que tem dentro da cabecinha dela.

— Pô, você está sendo maldoso.
— É que eu organizei *Johnnie Walkers* nesse andaime móvel que eu montei. Veja só. Eu puxo aqui, a prateleira corre pelo ar e alcanço qualquer parte do bar. Engenhoso, não? Andaime. *Keep Walking*. Sacou? Sacou? — Ele faz o gesto da analogia com os dedos. Sou obrigado a rir. — E o pior é que eu avisei a ela. Tô até começando a sentir saudades da Paty.
Nos entreolhamos e dizemos em uníssono:
— Não!!!
— Mas, para que isso? O Paulão liberou o dinheiro para você fazer isso?
— Quem disse que ele me deu dinheiro?

Às vezes, quero perguntar ao Dimi se ele nunca pensou em deixar de ser *barman*. Fico pensando com um pouco de tristeza. Todo esse empenho despendido por nada. Fico imaginando se tudo isso é sincero ou é uma tentativa de tornar o seu trabalho interessante. Eu não tenho coragem de perguntar. Você sabe, confrontar-se com a verdade, às vezes, é uma das coisas mais dolorosas da vida.
— O que você tem? — Dimi me pergunta após alguns minutos de silêncio.
— O quê? Hã? O quê?
— Você, você não tá legal.
Vivo tentando evitar esse tipo de pergunta e escuto logo do Dimi.
— Como assim? Tô legal.
— Não está não, eu te conheço.
Ah, essa é boa. Alguém que me conhece. Porra, Dimi, a minha vida é assim do jeito que é porque ninguém me conhece e você me diz isso, assim?
— Tô dizendo que estou legal — digo irritado.
— Tá bom. Tá bom. Sou seu amigo, se quiser conversar estou aqui. Mais precisamente atrás do balcão. Bem aqui — tenta fazer graça para diminuir a minha irritação.
Amigos. Que merda. Já disse que não tenho amigos. Vou dizer uma coisa. Ninguém é suficientemente parecido comigo para me entender. E, quando alguém diz que é meu amigo, eu não acredito. Nunca sinto que ele (ou ela) seja. Eu não sinto que as pessoas me entendam a ponto de eu chamá-las de amigas. Alguma coisa sempre me escapa. Como Dimi, embora ele seja gente boa, sei que muitas coisas, especificamente as minhas angústias, não vão ser compreensíveis para ele. E melhor (ou pior), a maioria das coisas que sinto é indizível. Portanto, ele não pode ser meu amigo. Aliás, como já disse, não tenho amigos.
— No momento, este é o único amigo que preciso — eu levanto o copo.
Dimi resmunga um pouco e se afasta para atender um garoto de boné.
A bebida desce difícil. Começo a lembrar da Dani que me traiu, me fez sentir coisas terríveis. Penso que tudo na vida é repetição. De modo que o mantra do dia passa de “Por que deixei ela ir?” para “Ela vai me trair”.
— Ei, ei, vai com calma. Você vai tocar ainda.
Eu tento fuzilar o Dimi com os olhos.
— Calma, cara. Estou do seu lado.
— Tá legal. Ok, não estou legal. É coisa de mulher.
— Coisa de mulher? Quer dizer que você virou mulher?
Ambos rimos.

— Não. É por causa da Ginger.
— Entendi.
— Ela foi encontrar o ex no *The View*.
— Ei, isso aí não é muito romântico, não?
— É isso aí. Foi o que eu disse.
Acho que o Dimi percebeu que é tudo que eu consigo falar. Ele saca a meia garrafa de *Red* e coloca no balcão.
— Está vendo isso? Vou colocar isso atrás aqui na segunda prateleira desse canto. É sua. Pode tomar quando você quiser.
— Mas…
— Desencana. Contabilizo como doses promocionais do mês. O Paulão nem vai saber. Sem crise.
Ele se afasta de novo para atender duas garotas.
Eu juro que, se um dia pudesse chamar alguém de amigo, o Dimi seria o primeiro da lista.
Mas tudo que eu queria agora é ir até onde a Ginger está. Ela bem que podia passar aqui depois. Ninguém janta até às três da manhã. Ao pensar nisso, fico ainda mais ansioso. Agora fico olhando para a porta esperando que a Ginger entre. Mas a esperança esvazia junto com a minha garrafa. Tenho quase torcicolo de tanto virar a cabeça toda vez que uma loira de cabelos compridos entra pela porta.
Daqui a pouco preciso discotecar. O Paulão bate insistentemente com o dedo indicador no seu relógio. Sou obrigado a esconder o meu copo. Quer saber? Vou até lá.
Saio correndo pela porta e pego a Avenida Paulista. Continuo correndo pela Alameda Santos e entro no elevador. Trigésimo andar. Saio afobado atropelando a *hostess*. E… O que eu vejo?
O Paulão na minha frente, de braços cruzados.
— Você não vai discotecar hoje? Está pensando em virar cliente?
Será que ainda dá tempo de sair correndo de verdade?
Não estou a fim de tocar rocks moderninhos hoje. Os “indiotas” (trocadilho com *indie*. Sacou, sacou?) vão me desculpar. Mas vou tocar *electro* hoje. Algo estridente. Algo que eu não tocaria normalmente.
Começo com *T. Raumschmiere* na voz de Miss Kittin, *The Game is Not Over*. É a minha música de protesto. Ainda não acabou. Essa música me lembra noite EBM de antigamente. Com pegada. Perfeita para quem quer enlouquecer na pista. Ou na cabine, como eu.

Aos poucos parece funcionar. Já tem meia dúzia de pessoas se soltando. Chamo a Jaque.
— Vou tocar a próxima para você dançar.
— Vai tocar Jaqueline?
— Não. Você vai ver. Fica aqui perto. Você sabe dançar não sabe?
— Claro, sou atriz e dançarina.
Que medo.
— Quero que dance no ritmo da música. Dê um show. — Por quê?
— Porque não há nada mais sexy do que mulher dançando. Ela sorri maliciosa.
— E o Paulão?
— Foi ele que pediu. — Minto descaradamente. Miss Kittin acaba. Ligo o microfone.
— Hoje temos uma apresentação especial. Junto com a música mais dançante dos últimos tempos... — O Paulão se aproxima da cabine. — A nossa querida Jaque vai interpretar a música.
O Paulão aperta o passo. Tenho que ser ligeiro.
— Uma salva de palmas para o Paulão que sempre inova e antecipa tendências.
O Paulão para. Fica sem graça diante dos aplausos. Pronto. O *timing* é tudo. Acho.
— Goldfrapp, *Twist*.
Começam as primeiras batidas. Definitivamente essa é a música feita para ser dançada por mulheres como a Jaque.
Ela começa tímida, acompanhando a batida. Por sorte, ou como sempre, ela está usando uma calça justíssima. Fico com pena dos garotos que também vão ficar com calças justíssimas. E tenho ainda mais pena das namoradas que estão acompanhando os garotos. Ela se movimenta rápido. Jaque captou a ideia. Levanta as mãos e balança enquanto joga seus longos cabelos negros em movimentos de chicote arrancando suspiros.
Ela desliza pela pista. Por um instante, eu me apaixono por ela. Assim como sempre vou me apaixonar pelas indescritíveis belezas da vida. Aumento a música na batida eletrônica. Deixo ecoar o refrão *again and again*. Não quero que a música acabe. Há um silêncio de absoluta concentração. Ninguém consegue tirar os olhos da Jaque. E o meu humor vai junto com essa banda que só fazia música deprê e que agora alcança um estado de graça incomparável. Paro de pensar. Eu danço junto com a Jaque. Projeto uma sombra daqui da cabine e acompanho cada passo dela.
Você pode dizer que minhas músicas são datadas e que as minhas referências

estão com os dias contados. Mas eu duvido que você coloque as minhas músicas daqui a dez anos e consiga ficar impassível. Beatles da fase *yeah, yeah, yeah* foi dançante ontem, é dançante hoje e será dançante amanhã. Somente hoje, e no momento, não há mais nada dançante do que *Goldfrapp* e nada mais sexy do que Jaque na pista.
Eu dou sinal de que a música vai acabar. A Jaque entende e para na hora certa. A ovação é geral. Ela ainda será mais assediada do que de costume. Peço para ela dançar mais um pouco só que desta vez com outras pessoas na pista. Sigo discotecando. É a minha melhor seleção dos últimos tempos. Até o Paulão parece impressionado. Por um momento, eu até esqueço da Ginger. Mas só por um momento. Você sabe, apesar de parecer espontâneo, essa distração foi só para tentar afastar meus pensamentos.
A Jaque se aproxima da cabine e diz no meu ouvido um "obrigada" que arrepiaria até um prego. Mas isso só piora o meu estado. Quer saber? Que se foda. Saio batendo a porta da cabine. Cruzo a porta, o corredor, saio pela porta. Avenida Paulista, elevador, 30º andar. Procuro por Ginger e encontro…
De novo o Paulão na porta da cabine.
Cacete. É a hora da bronca.
— Manda — só o que me faltava. Ser traído e perder o emprego.
O Paulão está com uma cara péssima. Ele demora uma eternidade para mexer os lábios. Diz finalmente:
— Gostei. Você deu uma dentro, Fahrenheit. Vai até receber um bônus.
O quê? Às vezes, eu chego a pensar que o Paulão pode ser um bom sujeito. Bem no fundo, pode ser que seja.
Anuncio a última música.
É *Miss Lucifer*, de Primal Scream. É ela.

Saio da cabine com uma ideia fixa. Ligar para o celular da Gui. — Dimi? Me empresta o telefone?
— Por quê? Ah, já sei.
Eu disco desesperado. Um, dois, três toques.
Ela não atende. A cada toque o meu coração parece partir.

Finalmente cai na caixa postal. Ligo de novo. Um, dois, três toques. De novo?

Desligo e ligo de novo. Que droga. De repente toda a minha vida parece um tremendo mau gosto da repetição. Segundo toque.

— Alô, alô, é você, Gui?

Mais um toque. Saco. Era falha na chamada. Mais caixa postal. Eu tento e tento de novo.
— Toca aqui!
— O quê?
— Você foi demais nas músicas. Gostamos muito da sua seleção — o garoto com um grupo atrás oferece a mão.
— Ah, tá.
Continuo teclando sem dar a mínima para eles. Mais caixa postal. Acho que vou bater o recorde mundial de ligações perdidas.

Eu me canso um pouco. Pego a bebida atrás do balcão. Por que ela não me atende? A pergunta é muito mais amarga do que a bebida.

— Ei, você está ocupado?

— O que parece? — É uma garota. Uma patricinha. A gente reconhece esse tipo de garota fácil, fácil.
— Calma, você parecia mais simpático na cabine.
— Fazer o quê? A gente faz o que pode para ganhar a vida.
— Que mau humor. Brigou com a namorada?
É a segunda vez que eu fuzilo alguém com os olhos.
— Ok! Aceito seus cumprimentos. Fui o máximo. Agora volte para seus amiguinhos.
— Ainda por cima, é convencido. Que desagradável.
— O que você quer, garota? — o meu grito quase a intimida. — Er… eu só queria chamar você para tocar na minha festa de aniversário. Toma o meu cartão. Me liga, se quiser — ela se afasta.
Pego o cartão. Patrícia. Não podia ser outro nome. Eu tento jogar no lixo com toda a minha força. O Dimi me segura.
— Ei, qual é? Você tá louco? Pelo jeito que a menina estava se vestindo deve ser uma riquinha. Estamos nos tempos difíceis. Não fica recusando dinheiro fácil.
— Quem disse que é dinheiro fácil? — resmungo enquanto o Dimi enfia o cartão no bolso da minha camisa. — Me passa de novo o telefone?
Disco de novo. Chama, chama e nada. Mais uma vez, nada. Mais uma. Outra. Opa! Desta vez, após uma longa pausa, cai direto na caixa postal. Como pôde? Ela desligou o celular?

Fico branco. Como é que ela pôde? E o amor? Hahahahaha. Eu dou gargalhadas do meu pensamento infame. Amor? Que amor? Que pieguice foi essa? “Sentimento inventado para justificar depressão pós-coito.” Amor é isso. Nada mais que isso. Mas por que me dói tanto?
Enquanto eu penso em como fui imbecil, tento igualar a garrafa ao meu estado de espírito: vazio.
— Ei, ei, essa garrafa não!
— O Paulão disse que eu tenho um bônus. Manda descontar daqui.
Dimi olha para o Paulão encostado na parede que assente com a cabeça.
— E dá licença. Vou sentar no sofá. Já que o meu expediente acabou.
Sento no sofá segurando a garrafa como quem segura uma tábua de salvação ao contrário. Isso vai me afundar de vez.
Quero muito acreditar que o que escorre dos meus olhos não são lágrimas. Mas aqui vou ser sincero também, porque não tenho por que mentir para você. Eu não estou chorando. Não mesmo. É tudo que eu quero, mas não consigo. Isso não passa de uma manifestação do meu desejo íntimo. Sabe por que não estou chorando? Porque sabia que isso ia acontecer. O que me faz achar que sou diferente e que vou realizar o meu sonho?
Ok. Pareço repetitivo? Tem razão. No fundo, estou fadado a ser um perdedor. Só que a maior parte do tempo eu luto para não acreditar nisso. Mas no fundo, no fundo, quando acontece uma coisa dessas, não me resta dúvida de que eu nasci para perder. Tem dias em que a vida parece uma eterna derrota. E hoje é um desses dias.
Só me resta afundar no sofá. Entregar-me ao delírio perscrutante de que ainda pode haver um campo verde livre de preocupações. Tentar buscar, lá no fundo, algum tipo de esperança que me faça resgatar uma ideia de amor tão sublime, que me faça voltar no tempo, como quando eu a beijei pela primeira vez. Remover a ideia da maldição e me preparar para algum sentimento de perdão, algo que eu vergonhosamente rejeito e aceito em total desespero.
— Esperando por mim?
— O quê? O quê? — eu acordo de sobressalto. Graças a Deus, Ginger, graças a Deus. — Ginger?
— Parece assustado. Já acabou. Podemos ir embora — é a Jaque.
— Ah, claro...
Tento me erguer, mas estou muito bêbado.
É isso mesmo. Acabou.
— Você disse tudo. Acabou — desabo num tom misto de tristeza e conformismo

que para a maioria vai parecer balbúrdia de um bêbado.
— Me leva para casa. Para a sua casa — não sei como eu disse isso. Pode ser por causa da bebida, mas sei que não é. Só espero por uma negativa.
— É mesmo. Você está muito bêbado — ela diz olhando acima dos ombros para o Dimi.
— Jaque, pega os meus CDs, por favor.
Jaque tem um fusca. Uma graça. Verde limão com uma listra de flores lilás.
— Gostei do seu carro. Tem a sua cara.
— É. Fui eu mesma que fiz. Comprei com meu dinheiro. — ela enfatiza a última frase.
O carro vai sacolejando. Lembro dos *Pixies*. *Big shake on the box car moving. Big shake to the land that's falling down. A big, big stone fall and break my crown.*
Sinto a minha cabeça pesar. Depois de um tempo que não consigo precisar, o carro para.
É uma típica casa de periferia. Muito antiga. Tem ainda uma pequena roseira no quintal. Fico olhando por um tempo.
— Eram da minha mãe. Agora eu cuido.
Algo me diz que essa garota é sozinha no mundo como eu.
A casa cheira um tanto quanto a mofo. Tem móveis antigos misturados com coisas moderninhas. Eu me sento numa poltrona de vinil rosa.
— Quer uma bebida? — ela me pergunta e logo solta uma risada.
— Ei, por que não? Uma bebida não pode fazer mal, não é mesmo? — Ela ri de novo da minha resposta.
— Como você aguenta?
— É difícil me derrubar. — Que mentira. Estou caído desde que tomei o primeiro drink. — Cadê o aparelho de CD? Trouxe o CD que toquei hoje.
— Ah, coloca aquela música?
— Ah, sim.
Ela dança de novo, enquanto eu babo no copo.
Quando termina a música ela se aproxima. Pega o meu copo e coloca no chão. Em seguida, me beija como quem faz respiração boca a boca.
Só sei que isso vai me matar em vez de me salvar.
Mas eu gostei. Seguro nos cabelos dela. É a minha vez de beijar como quem precisa de respiração boca-a-boca.

Sim. É a minha queda. Agora já não me importa mais se ela me traiu ou não. Eu

já não me importo mais. Jaque coloca o dedo na minha boca, aperta o botão do controle remoto, tira os sapatos quase tropeçando e volta à música.

Ela dança novamente. Só que, desta vez, ameaça tirar a camiseta. E ela tira. O que deveria parecer um strip-tease sensual, a mim parece o mais triste dos espetáculos.

O que há algumas horas era a dança mais sexy do mundo, agora parece algum ritual de sepultamento.
— Chega, para! — Ensaio por um momento o meu papel de herói. Mas essas palavras não saem da minha boca. Mesmo porque a minha boca está colada na boca da Jaque, enquanto ouço *Kiss me like you, like me*. Seria algo como “me beija como se você gostasse de mim”?
A terrível beleza da coincidência quase me paralisa.
A inevitável repetição de trás para frente. Dois movimentos do mesmo gesto com significados diferentes.
Já sentada no meu colo, agora toca Miss Kittin. O que começou vai terminar a noite. Pelo menos o que vou lembrar. Miss Kittin grita *monster*, enquanto eu tiro o que resta da roupa da Jaque. *Monster*. Eu gosto disso. *Monster*.
O resto você já sabe. A obviedade da obviedade. De toda a minha fraqueza da fraqueza. De toda a minha imperfeição da imperfeição. Só sei que a luz começa a baixar.
The game is not over.
The game is not over.
De repente, o meu mantra muda timidamente de “ela vai me trair” para “se ela não tivesse me traído”.
“E se ela não tivesse me traído…”
Longe de estar extenuado, no castigo intenso da repetição, uma profusão de sons e sentimentos cada vez mais crescentes me preenche e esvazia ecoando sem parar no escuro da sala.

Estou no quarto, tentando eliminar toda e qualquer prova de existência da garota dos meus sonhos. Bilhete, foto, cartas e objetos. Quando estou prestes a jogar o CD da Norah Jones no lixo, a maçaneta gira.

— Olha só o que consegui. Um chapéu de esquilo empalhado. Na Segunda Guerra as pessoas não podiam usar roupas caras. Então faziam acessórios bizar… Ei, o que está fazendo?

— Como assim? O que está fazendo? Como tem coragem de me perguntar? Eu bati o recorde mundial de ligações perdidas ontem. Depois você desligou o celular.
— Não desliguei nada. Eu esqueci o celular em casa. Depois a bateria acabou.

— É isso aí. Acabou.
— O que está dizendo? Ah, você acha que aconteceu alguma coisa ontem, né? Pois é. Aconteceu mesmo. De lá, fomos para o motel e fizemos sexo a noite inteira.
É a terceira pessoa que eu fuzilo com os olhos em dois dias.
— Olha, você não está achando que aconteceu alguma coisa, né? Você não acha que eu…
— Você podia ter ido no *Passenger* depois. Podia ter ligado.
— Eu esqueci o celular em casa. E ficou meio tarde para ir pra lá. Além do mais, estava muito cansada. Achei melhor falar com você depois.
— … Quer dizer que não aconteceu nada?
— Nada.
— Eu não posso acreditar.
— Eu nunca menti para você. Se tivesse acontecido alguma coisa, eu contaria.
E agora? Eu sabia que a Ginger não ia me trair. Tá legal, tá legal, fui idiota. Aliás, sou idiota. E agora, o que eu faço?
— Jura?
— Juro.
Todo meu apartamento parece desabar. Fico branco. E agora, o que eu faço?
— O que foi? Você está estranho.
Como consigo enganar a garota que lê pensamentos? Mas é só ficar quieto. Não contar nada. Bico calado.
— Quer dizer que não aconteceu nada mesmo?
— Nada — ela me olha desconfiada.
Ela já sabe. Ela já sabe. Começo a tremer só de pensar na besteira que fiz. Não diga nada. Não diga nada.
— Eu preciso te contar uma coisa. — não!!!! Idiota, não fala!
— O que foi? — ela cruza os braços. Sua voz é grave.
— É que…
— Fala! — ela quase grita.
— Eu… Eu achei, eu achei que você tivesse me traído…
— Sei. Aí você foi dormir com a primeira vagabunda que encontrou pela frente.

Ah, não. Não. Eu até já sei com quem foi. Foi a Jaque, não foi?
Fico mudo.
— Não acredito. Como pôde? Como pôde?
Fico calado.
— Nunca… Nunca mais me procure. Nem pense em me ligar. Não vou atender.
— Na… Não tem como me perdoar?
— Perdoar? Seu… Você acha que você está preparado para viver? Você só sabe estragar, magoar e desistir. É só o que você sabe fazer. Adeus. — Ela dá as costas e ameaça sair, quando dá meia volta.
— Ah, esqueci uma coisa.
"*Slap*." Ela me dá um tapa que faz o apartamento desabar de fato. Fico sentindo. Mas, você sabe, o que me dói mais não é o meu rosto. Ela sai batendo a porta. Anda pelo corredor com passos apressados. Eu juraria que ouvi soluços.
Volto sem força. Sento no chão e levo a minha mão à cabeça. Fico olhando para esse chapéu estúpido com o esquilo empalhado, me sentindo muito mais morto que ele.
Tá legal. Estou sendo muito descritivo. Você quer saber como eu me sinto. Eu sinto…
— Ei, você!
— O quê? Quem?
— Sou eu. Olha para cá.
— Não! Não pode ser. Você? O que é isso? Eu pirei de vez. O esquilo empalhado? É comigo que você está falando?
— Você está vendo um outro idiota aqui?
— Não. Estou mal, mas me recuso a falar com um esquilo empalhado.
— Ah é? Com quem você acha que vai conversar nos próximos anos depois do que você fez? Vai ser muito se você conseguir conversar com objetos inanimados.
— Quer dizer que vou ser solitário para sempre?
— Putz, você é burro, hein? Depois ainda fazem piada do Tico e Teco. Ah, saquei uma boa. Agora entendi por que ela me deixou aqui. Você fez um belo enfeite na cabeça dela. Não precisa mais de mim. Qui, qui, qui, qui…
— Seu… — eu ameaço bater.
— Ei, ei, melhor parar. Esqueceu que já estou morto?
— E o que é que você quer?
— O mesmo que você. Quero ficar com a Ginger. Eu gostei dela.
— Ah, sinto muito. Você vai ficar que nem eu. Sem a Ginger.

— Puta merda. Que imbecil que você é. Estragou tudo.
— Escuta aqui. Eu posso estar completamente insano conversando com um esquilo. Mas ainda posso escolher se quero ouvir insultos ou não. Além do mais, foi involuntário.
— Involuntário? Involuntário? Quer dizer que foi involuntário dizer: “Me leva para casa, para a sua casa”. — O esquilo diz isso num tom de ironia que me irrita profundamente.
— Porra! Quer dizer que a minha consciência é um esquilo morto? Foi uma autodefesa, tá legal? Eu não estava a fim de sofrer de novo — falo gritando.
— Clap, Clap, Clap. Comovente, comovente. Olha, por um momento uma lágrima escorreu. Ah, não. Foi o seu cuspe.
— Desgraçado. Eu gostava de verdade dela.
— Deu para ver. Deu para ver.
— Se eu tivesse uma outra vida, continuaria gostando dela.
— É comigo isso?
— Você nunca vai entender.
— Idiota. Você ainda pode correr atrás dela. Já eu…
— Isso é uma dica?
— Dica? Você está louco? Só quero ver você sofrer mais um pouco. Tem coisa mais dolorosa do que a morte. Aliás, você vai ser rejeitado até a morte.
Eu pego o chapéu irritadíssimo.
— Já ouviu falar em esquilo voador? Não?
— O que você está falando?
— Experimente. Será que você pode morrer de novo?
— Não, não faça isso. Eu te mato — jogo o chapéu pela janela.
— Você não pode. Já está morto — grito enquanto o chapéu cai na calçada.
Inventivo? Você esqueceu que quero ser escritor? Ok. A situação parecia cômica, mas é trágica.
— Ginger. Olha, me desculpe. Foi um tremendo engano. Foi patético, você sabe. Foi uma reação infantil. De não querer sofrer. Uma antecipação. Vamos conversar. Vamos ser razoáveis.
Com este, são 25 recados. Ou melhor, 25 diferentes pedidos de perdão. O que o esquilo disse em forma de minha consciência não sai da minha cabeça: correr atrás dela.
Isso. Largo tudo e saio correndo. Ok. Pode rir. Pareço Forrest Gump. Só que azarado. O que muda a minha classificação de “patético” para “completamente retardado”. Após correr cinco quarteirões, me dou conta de que levo

aproximadamente uma hora de condução para chegar na casa dela. Paro imediatamente.
Mas o que fazer? Estou completamente desnorteado. O que fazer? Isso é um duplo pedido de socorro. Já não sabia o que fazer na vida. E agora, o que faço para resolver isso?

Acordo ainda bêbado. Estive bebendo a noite inteira na tentativa de conseguir dormir. Encharquei um pouco o colchão e me sinto péssimo. Droga. Hoje tem aula. Não sei se consigo. Penso nos garotos. Eu preciso ir. Tomo um banho. Visto-me o mais rápido possível e saio, não sem antes fazer mais uma tentativa de falar com a Ginger. Já estou ficando íntimo da secretária eletrônica do telefone dela.

Entro na sala abatido. Acho que todos notaram. — Professor, aconteceu alguma coisa?
Não sei o que mais me constrange. Ser chamado de professor ou alguém me perguntar se estou bem.

— Tu… Tudo bem. Só tive um dia ruim — noto a falta do

Luciano. — O Luciano faltou?
— É. Ele faltou na escola também. Vários dias — responde
Agnaldo.
— Entendi — tento continuar. — Bom, pessoal, hoje va
mos escrever.
Todos comemoram.
— Sobre o que vamos escrever? — Mariana pergunta curiosa. Aliás, é uma ótima pergunta. Porque não faço a menor
ideia.
— Vamos ver — penso na Ginger. Estranhamente penso na minha mãe, penso no meu pai. Talvez esteja na hora de falar dele. — Ausência — sentencio. — Vamos escrever sobre “ausência”. É. É isso que estou sentindo. Total e absoluta ausência.
Não gosto disso, mas hoje mais do que nunca sinto que não
tenho nada e ninguém. Posso ser piegas, mas nesse exato momento sinto falta da minha mãe. Sinto falta dos bolinhos e
sinto falta dos seus sorrisos. Sempre grandes e compreensivos. Eu prometi a mim mesmo que nunca mais pensaria nela,

por ser demasiadamente doloroso, mas hoje não consigo evitar. Gostaria que ela estivesse aqui. Daria tudo para ouvir a
máquina de costura funcionar na sala ao lado, enquanto leio
no meu quarto. Gostaria muito de ouvir mais uma vez a minha mãe dizer:
— Você é especial, meu filho. Não é como os outros. Você
entende o que os outros não entendem. Você é diferente. Do meu fracasso sinto o desespero da culpa.
Juro que tentei provar que ela estava certa. Fui um bom
aluno e bom filho até onde consegui ser. Provações e testes. É
nisso que tenho pensado e passado por todos esses anos. Mas
quando começou o meu desvio de conduta? Quando percebi que algumas coisas não são ensinadas na escola? Quando
percebi que nunca serei bom o suficiente para nada? Quando
percebi que ninguém me entendia? Foi quando a melancolia
me corroía? Como nasci com isso? Será que foi quando percebi a minha inaptidão para nada e por ninguém neste mundo?
Será que foi quando percebi que a única coisa que sei e quero
fazer é viver? Afinal, o que eu posso fazer, se o meu único
talento é para a vida?
— Que tema é esse?
— Ausência, Rafael. Pode ser um sentimento. Pode ser
uma lacuna. Algo que não existe. Algo que você sente falta.
Um vazio.
— Pode ser alguém?
— Pode — deve, penso.
Eu não queria pensar no meu pai. Inevitável, eu sei. Mas
não hoje. Porque a partir de hoje vou ter que carregar mais
uma ausência: a Ginger. Penso que posso até fazer um mural,
uma galeria de pessoas e coisas ausentes. Eu ficaria olhando
muitas e muitas horas parado em pé, pensando na ampliação
do espaço, porque a minha coleção é vasta. Mas algo me diz
que a Ginger vai ocupar o centro, ou melhor, o coração do
meu museu da ausência.
— Quem está ausente, é você. — É a Mariana. Todos riem.
— O quê? Ah, sim.
— Ausência? Assim? Vamos escrever por tempo indeterminado?
— Não. Vamos usar uma hora e meia. Depois lemos e comentamos.

Volto para o meu museu. Vejo a minha bola de estimação
que perdi, o chaveiro que a Dani me deu, a maldita bicicleta
vermelha que destruí e rostos e mais rostos que me doem.
Mas noto um quadro vazio num canto. Pode ser do meu pai.
Mas acho que não é. Mesmo porque o quadro dele removi há
muito tempo. Já não faz mais parte da ausência. Esse quadro
vazio é do meu livro. Talvez seja também sobre o meu medo.
De não conseguir concretizá-lo. Mas, de fato, isso diz respeito a todas as minhas ausências, de todos os meus defeitos.
De repente, percebi que todas as minhas ausências me doem.
Muito. Mas sei que isso está errado. Percebo subitamente que
preciso remover tudo que me faz mal. Resolver um a um. Remover um a um.
No fim, restará apenas o meu livro, que retirarei com todo
o cuidado, que será o livro de visitas do meu museu de ausências e guardarei
como as minhas memórias da não mais
ausente, minha vida.
O resto da aula eu escuto o retrato falado da ausência dos
garotos. À medida que o tempo passa, não sei se é por causa
da falta do Luciano, a imagem do mural do meu museu de
ausências, desta vez com o retrato gigante do meu pai, não sai
da minha cabeça.

Estou no metrô faz quatro horas. Não, não estou observando as pessoas. Estou esperando a Ginger. Mas quatro horas? É que eu não marquei com ela. Quando liguei, a mãe dela disse que ela fora até a faculdade e que voltaria logo. Como sei que ela vai de metrô até lá, resolvi esperar ela voltar. Você sabe, preciso falar com ela. Preciso começar tirando esse retrato do mural. Cinco horas. Nem percebi a hora passar na expectativa de encontrá-la. Penso em fazer uma espécie de tocaia na casa dela. Mas logo desisto. Provavelmente vou ser denunciado para algum manicômio. Volto para casa arrasado. Tão arrasado que até perco a vontade de ligar para ela. Tento me concentrar no livro. Pensando que o que sinto vai me ajudar a escrever. Acreditando que é como psicografar. Mas não é o que acontece. Nenhuma linha sai. Nada que preste. Sinto muito a falta dela. O meu dia é um tormento sem ela. Chego a cair no desespero. Deus, o que eu faço? Fico andando para lá e para cá na sala até avistar o CD da Norah Jones. É o que me faltava. Coloco o CD no aparelho quase hipnotizado. Enquanto o CD toca, fico tomado por um estranho sentimento de perda. Como se toda nossa história

estivesse resumida nesse CD. Cada faixa me faz lembrar da Ginger. Como se ela tivesse escrito, tocado e cantado. Uma em especial que me decifra. *I've got to see you again*. É assustador, doloroso e comovente. É exatamente o que sinto. Começo a escrever um capítulo sobre desencontros. Quando o meu personagem se separa da Kubikova. Guiado pela música e pelo sentimento, o texto flui, fazendo-me lembrar mais uma vez que a vida ainda é a melhor matéria-prima para a arte, enquanto a música faz círculos em modo *repeat*.
A mim só resta escrever. Nada me restou além disso. Escrevo sem parar. Tudo que quero é terminar este livro. Escrever agora é quase um *mea culpa* da minha inabilidade para a vida. Uma espécie de testamento de maturidade. Uma tentativa de compreensão. Na verdade, escrever é para mim uma tentativa de diálogo. Aliás, o papel é o meu intermediário. Acredito que o meu mundo seja indizível e incompreensível para todos. Eu escrevo no papel, na tentativa de que alguém leia e me compreenda. Como você vê, escrever é a minha mais genuína tentativa de diálogo. Mas o que mais quero neste mundo é um dia dispensar o papel e conseguir conversar com as pessoas. Porque, às vezes, a solidão dói. E bastante.

Ando pelas ruas sem destino. Fico imaginando um exército inteiro de solitários passando por mim. De fato, cidades grandes produzem muitos solitários. Aqueles que trabalham no que não gostam, têm que aturar pessoas com as quais não têm nenhuma afinidade, voltam para casa sem ter o que fazer, para onde ir, muito menos com quem conversar. Consomem coisas que supostamente provocam algum efeito de companhia, como livros, seriados, filmes, músicas, até mesmo comidas, bebidas ou guloseimas, e esquisitices pessoais que dão a impressão de que estamos acompanhados. Pensando bem, será que não estou fazendo de você a minha companhia, e vice-versa?

Só sei que ninguém gosta de admitir que é um solitário. Aliás, a gente foi educado para ter vergonha disso. O modelo de sucesso sempre inclui dinheiro, mulheres e uma roda de amigos (talvez tenha sido superficial e machista, mas acho que você me entendeu). Eu só queria encontrar pessoas que se preocupassem com as mesmas coisas que eu. Mas uma coisa é certa, o mundo fica muito melhor quando se tem companhia. Às vezes.

— Júnior, é você?

Eu olho de lado e tento seguir em frente. O cara segura o meu braço.

— É você sim. Fizemos o ginásio juntos.
— Ah, sim — tento despistá-lo. — Estou com pressa.
— Calma. Há quanto tempo não nos vemos. Espera.
Você precisa ver a minha cara de “quero ir embora”.
— Júnior, Júnior, você não mudou nada.
— Falei para você não me chamar de Júnior! — explodo.
— Ah, sim. Como era mesmo? Stephen. Stephen Dedalo. Era isso? Fez todo mundo chamar você de Stephen na oitava.
— Preciso ir mesmo. Me solta?
Vou andando.
— E agora, como se chama? — grita, zombando.
Me chamo solitário, mané. Por livre e espontânea vontade.

Não sei se fico puto ou completamente arrasado. Talvez um pouco de cada, mas no fim vou ficar completamente arrasado.
Ok. Não vou ser hipócrita nem dissimulado. Você já deve estar montando o quebra-cabeça. O meu grande problema de identidade. Deve estar com a impressão de que, quando descobrir isso, tudo vai ser esclarecido. Você vai poder me diagnosticar e sentenciar a minha cura. Mas desconfio que não é verdade.
Sinceramente, mesmo quando você descobrir o meu *Rosebud*, ou causa primeira, ou motivação, gatilho, todo o resto ainda vai permanecer incompreensível. Afinal, a gente já nasce com um buraco no peito, e a vida vai se encarregar de alargá-lo ou diminuí-lo. Mas o grande segredo, desculpe a grosseria da minha metáfora, a gente vai levar para o outro buraco quando tudo isso terminar. Disso tenho certeza.

Tive uma semana péssima. Fiz algumas tentativas de ligação para a Ginger e fui até a casa dela um dia. Após algumas horas de espera, quando percebi o quanto estava sendo idiota, esperei mais uma hora. (Ok. Pode rir. Nem ligo mais.). Dei meia-volta olhando para trás o tempo todo, na esperança de vê-la, enquanto descia a rua.

As aulas foram sem graça. O Luciano faltou a duas aulas e começou a me preocupar.

Dia de *Passenger*. A minha vida agora se resume à terça, quarta e quinta. Melhor, a minha semana começa na quarta. Os homens inventaram sete dias,

doze meses e cem anos, mas a gente pode subdividir ou ordenar do jeito que quiser. Tudo é ciclo. Tudo é repetição. Você pode montar o ciclo da sua vida a partir do copo que você deixou cair, até que isso se repita. Ou o beijo da sua namorada ou namorado no intervalo entre reconciliações. Ou deixe cair uma moeda e observe o que pode acontecer até a próxima queda de uma outra moeda. No fundo, tudo é cíclico. Pode ser superficial, mas a minha observação me agrada ao pensar que tudo tem volta. Você sabe por quê.

Assim, a minha semana se resume em duas aulas e uma discotecagem. Duas ausências e um encontro. Falo do Luciano e da Jaque. Como será que ela vai reagir? Vamos ver.

Ela passa por mim como se não tivesse acontecido nada. Dimi quer saber o que aconteceu, mas não dou a mínima. De repente, me sinto aliviado e ao mesmo tempo miserável. Solitário ao extremo. Como se algo escapasse. *Amor em fuga*. Ninguém me ama e ninguém me compreende.

Ela passa por mim como se não me conhecesse. Vou tocar *Ministry*, você sabe qual. Em seguida, *Prodigy*, você também sabe qual. Fico de olho na Jaque esperando que me lance algum olhar, sorriso, aceno ou qualquer outro sinal, mas nada acontece.

Só noto três mauricinhos, que destoam completamente, na pista. Dois de camisa enfiada na calça e outro com agasalho de moletom da marca que custaria o meu ganho do mês. O mais estranho é que eles ficam quietos num canto e não param de olhar para mim. Estranho, muito estranho.

Tudo começa a me incomodar. Os mauricinhos, Jaque, lembranças da Ginger, a falta de perspectiva, o término das minhas aulas, Luciano que faltou, Paulão de braços cruzados, pouca gente na pista, a incerteza do sucesso do meu livro, falta de motivação para escrever, meu pai, meu nome, a minha vida. Estou farto de tudo. Tudo que penso é em desistir. Ir para casa e só acordar no mês que vem, ou no ano que vem. Sei lá. Mas não antes de tentar falar com a Jaque.

— Jaque — seguro no braço dela.

— Ei, por que você não deixa ela em paz? — é um dos mauricinhos.
Epa. Esperaí. Será que a Jaque tinha namorado? Mauricinhos? Mas por que não

me contou? É por isso que ela está assim comigo?
— Calma. Eu conheço ela. Ela trabalha aqui.
— Não me interessa. Tipinho como você eu conheço de longe. Só fica enchendo o saco das mulheres.
Algo me diz que os caras estão a fim de brigar.
— Gosta de dar em cima de quem tem namorado?
Bingo. A Jaque tem namorado. Vou te dizer uma coisa. Eu odeio brigas. Mas confesso que quando tenho que brigar não fujo. Posso até apanhar, aliás na maioria das vezes eu apanho. Mas tem horas em que não se pode recuar.
— E depois botar chifres nela?
Opa. Não pode ser o namorado da Jaque. Espera. De repente o mauricinho me parece tremendamente familiar.
— Eu sei quem você é. Flávio, não é? Ex-namorado da Ginger.
A súbita revelação parece irritá-lo. Resolvo aproveitar.
— O que faz aqui? Veio ver o que faz de você um tremendo enfadonho?
(Enfadonho? Onde arrumei esse vocabulário? Coxinha seria melhor.) Mas esperaí. Se ela não está mais comigo, tinha que estar com você, não? E se ela está com você, o que você está fazendo aqui?
— Ela não está comigo. Você deve ter feito alguma coisa com ela. Éramos felizes.
Felizes? Felizes? Porra. Vou ter que brigar com um cego? Que mané.
— Felizes? Nós éramos felizes.
Ainda bem que a Ginger não voltou com esse bolha. Eu gosto dela mais um pouco.
— É por isso que você está com a sua capanguinha? Não se garante sozinho?
— Eu vou acabar com você.
— Puta clichê: “Eu vou acabar com você”. Não tinha outro melhor? “Eu vou te matar” soaria melhor.
Eu estou tentando ganhar tempo. Além do mais, quem está a fim de brigar não fica ameaçando. Vou confessar de novo. Não sou bom de briga. Ainda mais porque não tenho físico para isso. E o pior: o mauricinho está com mais dois.
Mas aprendi uma coisa. Quando alguém quer brigar, não fica ameaçando. Quando você quer brigar e tem que brigar, é melhor já começar batendo. Isso tira um pouco a vantagem física. Pode interpretar como fator surpresa também. Mas, na verdade, é também sobre a vida. Aprendi que precisa ser visceral. Se é hora de brigar, vou brigar. Não me importa muito se vou apanhar ou não. Vou partir para cima com intenção e *timing* que surpreendam inclusive a mim mesmo. Um

agravante. Estou com raiva. Muita raiva. Todas as frustrações acumuladas. Sabe, vou apanhar com certeza, mas nada me impede de pelo menos acertar um. Só um.
Acerto com tudo no rosto com a minha case de CDs, enquanto chuto o estômago com toda a minha força. Levo um soco do cara de agasalho, que me deixa caído no chão. Só vejo o Dimi pulando o balcão. Eu não contei antes, mas o Dimi é do tipo fortão. Sempre costuma vir trabalhar de regata. Por pouco não levo chute do outro cara. Dimi bate nos dois enquanto tenta me proteger.
Gritaria. Gente correndo. Paulão intervém. Segura o braço de um e joga para longe.
— Parem já! — a figura assustadora do Paulão parece intimidá-los. — E vocês, saiam já daqui!
— Eu vou te matar! — o coxinha grita enquanto sai acudido por idiotas.
Quem quer matar não fica ameaçando. Dimi me levanta. Estou sangrando. Sinto que o meu olho está do tamanho de uma bola de bilhar. Dou de cara com o Paulão.
— Vocês estão des… — Caralho, estou com medo do fim da frase. Ficamos com olhos ainda mais arregalados.
— Vocês estão des… Suspensos.
Ufa! Mas esperaí. Até quando?????
O meu olho dói demais. Sinto que o meu dente da frente balança. Mas, enquanto dirige, o Dimi parece sorrir.
— Ei, qual é a graça?
— A cara do panaca, você tinha que ver quando levou o primeiro soco — ele imita a cara de assustado e nós caímos na gargalhada.
— Para, para de me fazer rir. O meu olho está doendo. — de repente fico assustado. — Dimi, estamos fodidos. Estamos sem emprego. Foi mal…
— Desencana, logo, logo, o Paulão chama a gente de volta. Ele até manerou, você viu.
— E se não chamar?
— A gente arruma outro emprego. — Dimi nota que fiquei preocupado. — Você tem algum dinheiro guardado, certo?
— Eu tenho cara de quem faz economia?

Chego em casa totalmente deprimido. Com olho roxo, dente doendo e sem emprego. Sento na mesa com gelo no rosto, pedaço de bife e essas coisas. Droga. O que mais falta acontecer? Para ficar completo, só falta os meus originais

entrarem em combustão espontânea. Eu viro o rosto para me certificar dos papéis e dou risadas da minha ingenuidade.

A minha vida está realmente chegando ao fundo do poço. Fico pensando o que vai acontecer quando as aulas também terminarem na semana que vem. Mas, quer saber? Alguma coisa está diferente em mim. Um sentimento que as pessoas chamariam de esperança. Alguma coisa inexplicável, uma sensação de que tudo vai se arranjar, mesmo não tendo a mínima perspectiva, se alojou em mim. Deve ser o meu livro. Algo mudou desde que retomei o meu livro das cinzas, literalmente. Muito mais do que simples acerto de contas, o livro cada vez mais diz respeito à minha vida. E algo me diz sinceramente: quando colocar os pontos finais do meu livro, vou saber que cheguei a algum lugar, que eu percorri um caminho que precisava, ou melhor, deveria, e que nenhum arrependimento ficou no meu caminho. Eu saberia que fiz o meu melhor, fiz o que poderia fazer, o meu máximo, e que também saberia e ficaria satisfeito mesmo que o meu máximo não fosse bom o suficiente. Eu saberia que fiz o que pude. E vou ficar feliz. Muito feliz. Com certeza.

No entanto, o que no momento preciso é de uma saída instantânea. Uma luz piscando e indicando a escada de incêndio, saída de emergência, *exit*, essas coisas. Pense. Pense. Droga. O caminho já foi traçado. Alguma alternativa deve ter. Lógico! Às vezes me surpreendo com a estranha arquitetura da vida. Por alguns raros momentos, tudo parece se encaixar.

A vida na maior parte do tempo é um completo imprevisto. Mas por alguns raros momentos tudo parece se encaixar. E, por alguns momentos mais raros ainda, a gente consegue ter consciência disso. Encontro um cartão de visita na gaveta e disco decidido.

— Patrícia? Aqui quem fala é Fahrenheit, DJ do *Passenger*. É sobre sua festa de aniversário. Desculpe aquele dia, não estava legal. Eu gostaria de tocar na sua festa. Sim, sei. Quanto? (Putz. R$ 200,00 seria muito pouco. Dimi acha que ela é rica.) Hum… que tal R$ 800,00? Fechado? (Puta merda. Devia ter pedido mil.) Ah, mais uma coisa. Você lembra do Dimi, o barman de lá? Pode contratá-lo também? É. Sério? Legal! Muito bom. Liga para ele. O número dele é XXXX-3160. É sábado, né? Legal. Até a semana que vem, então. Valeu!

Genial! Acabei de garantir um mês de trabalho com apenas um dia. Fiquei feliz. Espero que eu consiga lembrar essa sensação de que tudo tem um jeito por mais vezes. Tomara. — Ei, professor, você está parecendo Daniel San. É Rafael, gozando dos meus óculos escuros.
— Cadê a loira?
É… a loira. A loira já não está mais aqui. O pior é que nem

tenho com quem lutar. Só com a vida.
— E o senhor Miyagi?
O Rafael imita o golpe final do filme e todos caem na gargalhada.

— Podem rir. Mas na verdade vou imitar Ray Charles hoje — balanço a cabeça de um lado para o outro.
— É sério? — Mariana me pergunta intrigada.
— Tô brincando — não tenho coragem de dizer que me envolvi numa briga. Mas o que mais poderia dizer? — Use a imaginação.
Olhando através dos óculos escuros, tenho um pensamento. Talvez eu precisasse de um filtro. Para enxergar de um modo diferente a realidade. Isso me dá uma ideia do que fazer nessa aula.
— O que faz um artista? O que faz alguém ser um artista? É o olhar. É o modo como você enxerga a vida.
— Isso é fácil. É só usar dois olhos. — Rafael brinca.
— Aí é que você se engana. O que você vê é diferente do que os outros veem.
— Você tá brincando… — Pega a caneta. — Quer dizer que você enxerga outra

coisa, quando você vê, digamos, uma caneta?
— Não é só um objeto, Rafael. É a ideia. É o que o objeto representa. O que você pode imaginar ou "como" você enxerga.
— Não entendo.
— Tá legal. Vamos imaginar assim. Um exemplo. Você sempre enxergou essa caneta como você vê, certo? Imagine agora enxergar essa caneta a partir de dentro. Imagine uma gotícula dessa coluna de tinta. Quando você pressiona a ponta para escrever, imagine o que acontece com a tinta. A tinta descendo em direção à ponta, o nível de cima baixando. Ou se coloque no lugar da tinta, oscilando. E de repente entrar numa dessas bolhas? E mais. O que a pessoa está escrevendo? Uma carta de amor ou um bilhete de suicídio, essa bolha ou gotícula de tinta pode decidir o desfecho da história. Vocês sabem o que é traqueostomia? Não? É quando a pessoa não consegue mais respirar, por exemplo, por causa de uma parada cardíaca. O médico faz um buraco no pescoço, para que a pessoa possa respirar. Imagine que essa caneta seja a caneta de quem está prestes a ter um infarto. E que o médico, no improviso, vai usá-la para fazer um buraco no pescoço para salvá-la.
— Argh!!! — As garotas não gostaram, acho.
— É isso. Vamos fazer isso. Escrevam sobre um ponto de vista. Só o seu, sobre a caneta. No fim, leremos juntos.
Todos começam a escrever. Eu chego perto do Agnaldo.
— Agnaldo, e o Luciano?
— Ah, ele veio alguns dias na escola mas faltou de novo nos últimos dias.
— Você sabe onde ele mora? — Só o que me faltava. *Ao Mestre com Carinho* ao vivo?
— Eu sei.
— Como faço para chegar lá? — Não acredito que eu disse isso.
Agnaldo anota no papel. Dá as dicas de que ônibus pegar e onde descer.
Volto para a mesa e fico olhando para o endereço. Como se fosse um encontro marcado. O meu coração acelera e no fundo eu sei para onde estou indo.
— Xi, a minha caneta acabou! — Rafael de novo. Todos riem.
De repente, me dou conta de que é o meu penúltimo encontro com os garotos. Acho que vou sentir falta deles. Olho para a caneta na mesa. Só agora, percebi que escrevi uma história bacana com os garotos. Espero encontrá-los em breve. Adoraria saber que daqui sairá um James Joyce, Guimarães Rosa ou Clarice Lispector. Esse pensamento realmente me agrada. Eu não quero ser um James Joyce. Tudo que me faria feliz é encontrar essa garotada na noite do lançamento

do meu livro. Eu quase consigo imaginar…
— Ei, professor, vamos ler! — acordo como num transe. — Vamos.
Enquanto eles leem, eu fico realmente feliz. Apesar das minhas burradas na vida, aqui tem algo que nunca imaginei que encontraria. Encontrei aqui a esperança.
— Você está escutando? Ou tá dormindo? Não conseguimos ver por causa dos óculos escuros.
Ah, se soubesse como estou enxergando bem.
— Claro. Continuem — tudo que desejo é enxergar um futuro brilhante para todos eles.
Quando terminam, fico emocionado.
— O que você achou? — muitos me perguntam.
— Sei. Vocês querem que eu dê umas canetadas. — eles sorriem. — Olha, eu gostei. Aliás, tudo está muito bom. Eu só queria que vocês lembrassem uma coisa. Esta caneta. Esta caneta é um símbolo. Um símbolo da sua força de expressão. A força da sua voz, das suas ideias e da sua vontade. Tentem enxergar o que ninguém enxerga. Ninguém pode parar vocês. Eu não sei se uma caneta é mais forte do que uma espada. Mas sei que quem a segura pode ser. Sejam fortes, determinados e corajosos. Escrevam um futuro brilhante com ela. É o que eu espero.
Depois de algum silêncio, Juliano diz:
— Semana que vem é a última aula. O que faremos?
— Que tal uma festa? — respondo.
Todos ficam surpresos e aprovam.
— Então tá certo. Faremos uma festa.
Todos se entreolham como se tramassem algo.
— As garotas trazem salgadinhos e os garotos, refrigerante, valeu? — Tenho uma ideia brilhante. — E eu vou discotecar, viu?
— Éeeeeeeeeeeeeee.
Você sabe que vou tocar com gosto. Vai ser demais. Quer saber, assim vale a pena viver. Só queria que a Ginger pudesse me ver. Queria que estivesse para ver isso. Estou conseguindo me virar. E sei que um dia vai chegar a minha hora. Certeza.
Estou no ônibus. O meu coração acelera adivinhando o motivo do sumiço do Luciano. Agnaldo disse, depois da padaria, segundo ponto. Subir à direita e segunda rua à esquerda. Sigo todas as dicas até ficar de frente para um portão de latão que impossibilita ver o lado de dentro. Na verdade é uma portinha. Provavelmente deve ter um corredor comprido e uma porta lateral para a sala.

Tudo isso me parece tremendamente familiar. Aperto a campainha. Nada. Aperto de novo. Nada. É de se esperar.
— Luciano! Sou eu. Seu professor de redação. — Professor de redação? Dane-se. Grito de novo. — Sou eu! Abra!
Nada. Mais um aperto de campainha e mais alguns gritos. Eu resolvo desistir. É. Realmente não tenho vocação para Sidney Poitier. Mas, quando dou as costas à porta, ouço algo sendo destrancado.
— Professor? O que está fazendo aqui? — Professor. Depois de "amigo", essa é a outra palavra com que nunca vou conseguir me acostumar.
— É. Você faltou às aulas. Fiquei preocupado. — Pronto. Pode tocar a musiquinha do *Ao Mestre com Carinho*.
— Er… Quer entrar?
Sigo o Luciano pelo corredor. Bingo. Um corredor cimentado com porta à esquerda. É uma casa pobre, bem pobre, diria. Os sofás velhos, creio que não têm mais como ficar limpos, por mais que se tente limpar. Uma TV de 14 polegadas e um calendário do cabeleireiro da esquina na parede.
— Senta. — depois de dizer isso, o Luciano se desmonta no sofá.
— É… o que está acontecendo? — Fico com dó da expressão do rosto dele. Isso também é bem familiar pra mim.
— Não tenho vontade de fazer nada.
— Mas isso não é motivo para desistir de tudo. — Que conselho foi esse? Pode parar a musiquinha.
— Eu não quero mais viver — seus olhos se enchem de lágrima.
Ah, meu Deus, o que eu faço? O que eu digo?
— Diga, o que aconteceu?
— Não aconteceu. Na minha vida não acontece nada. Eu não sei fazer nada.
Isso já não é mais familiar. É, sou eu mesmo. O Luciano desata a chorar. Eu me sento apressado, ao seu lado, para acudi-lo.
— Eu sinto muito a falta do meu pai, sabe? Ele saberia dizer o que tenho que fazer — fala soluçando.
— Acho que não — sou categórico.
— Não? — De repente o Luciano recobra os sentidos.
— Não — a minha voz é grave e incrivelmente decidida. — Vou te dizer uma coisa, Luciano. O meu pai foi embora de casa quando eu tinha 13 anos. Desde então, os meus sentimentos têm oscilado entre sensação de perda e ódio. Para não dizer também sentimento de culpa. Eu sei exatamente o que você está sentindo. E descobri uma coisa: a única pessoa que pode culpar pela sua apatia é

você mesmo. Por mais covarde que tenha sido seu pai, o único culpado aqui é você — percebo que estou sendo duro demais.
— Meu pai não é covarde!
— Ele é sim. Por mais que tenha sido difícil, seu pai não deveria ter abandonado vocês — eu sinto cada palavra.
— Não fala assim do meu pai!
— Luciano, sinto muito ter dito isso. Mas o que eu quero dizer é que só tem você. Se fraquejar, ninguém poderá ajudar você. Ah, tem sua mãe também.
— Ela é uma ignorante. Não entende nada.
— Luciano, está na hora de você crescer. Está na hora de escolher de vez se quer viver ou morrer — continuo sendo duro demais, mas não consigo evitar. — Acorda, Luciano. O seu pai se foi. Agora você só tem sua mãe. Não importa se ela entende você ou não. Ela é sua mãe. E lembre-se: você pode entendê-la.
O Luciano continua ouvindo cabisbaixo.
— Luciano, está na hora de você escolher a vida. Volte à vida, Luciano. Por mais que pareça que a gente está destinada à dor, eu garanto a você que é o contrário. Só é mais difícil, eu sei. Mas isso não é motivo para desistir — eu volto à minha primeira resposta, mas desta vez me parece perfeita. Vejo alguém entrar pela porta. É uma senhora vestida humildemente com um lenço na cabeça e segurando uma sacola de feira.
— Quem é o senhor?
— Sou professor dele.
— Ah, sim.
— Mas já estou de saída. A senhora deve se orgulhar, o seu filho é um excelente aluno.
Fico de pé, enquanto o Luciano abraça a sua mãe e chora.
— Não se preocupe comigo. Eu conheço a saída.

Está na hora de acertar as contas com meu pai. É isso que vou pensar quando atravessar o portão. Mas, assim que piso na rua, tenho uma outra certeza. Quando eu estava ruim, a Ginger me trouxe de volta para a vida. E acho que consegui fazer o mesmo com o Luciano. E não sei de onde vem, mas tenho a plena certeza de que o Luciano fará o mesmo com alguém quando chegar a hora.

Melhor, com essa certeza, eu grafitaria neste muro a única coisa que eu aprendi nessa vida: *Just people can save people*.
— Valter, me empresta CDJs? (Entenda como CD *Player* de

DJ. CD + DJ)
— Como?
— É. CDJ. Vou tocar.
— Onde?
— Na sala de aula.
— O quê? Enlouqueceu de vez?
— Não. Quero tocar no encerramento das minhas aulas. É

uma festa.
— O quê? Você está dando aulas? De quê? Tá louco? — Ô Valter. Dá pra emprestar ou não?
— Tá. Tá. Mas como é que você vai levar?
— A Ana, a coordenadora do curso vai me emprestar o carro. — Meu, esse negócio de aula é sério? É de DJ? — Caralho, vai me emprestar ou não? — quase explodo. — Tá bom, tá bom. A que hora você vai passar? Eu odeio dar explicações. Odeio ter que me explicar. Eu

faço de tudo para evitar perguntas, principalmente estúpidas (óbvio). Também odeio que me chamem de louco. Eu me acho simplesmente um cara espontâneo. As pessoas acham que sou louco. Outros acham que sou sério. Não sou nem um nem outro. Eu me nego a acreditar que possa ser classificado em categorias. O meu avô (sábio) me disse uma vez: “Você nasceu ser humano. E, se você nasceu como ser humano, tem que ser complexo. Tão complexo, tão complexo a ponto de ninguém te compreender”.

É o que eu tento desde então.

Enquanto dirijo o carro, não canso de olhar para o banco de trás onde estão os CDJs. Nunca fiquei tão orgulhoso desde quando comecei a discotecar. Até lanço a mão para trás de vez em quando para senti-los. O Valter até me emprestou o *mixer* de estimação dele. Estou muito feliz hoje. Por um momento quase não penso na Ginger. Sabe, vou confessar. Penso nela todos os dias. Todos os momentos. Acho que é uma maneira de compensar a falta dela. Só às vezes, fico com medo de nunca mais parar de pensar nela. Será?

Os meninos me ajudam a levar a aparelhagem para a sala. Todos estão felizes. Noto o Luciano no canto da sala que acena discretamente. Retribuo com um sorriso.

Estou realmente feliz, mesmo sabendo que talvez eu nunca mais os encontre de novo. Acho que eles escolheram a melhor roupa deles. Ao constatar isso, eu sorrio de novo.

— O que são essas coisas?

— São CDJs. Toca-CDs. Você usa duas para tocar as músicas continuamente. Sem parar.
Acho que eles gostaram. A Ana também deixou que usassem as caixas, desde que toquem em volume baixo. Se bem que acho que ninguém vai reclamar. Nem é noite e só temos a nossa turma nesse horário. Vamos ver.
A arrumação é geral. As meninas vieram preparadas. Estão forrando as mesas com pano, colocando salgadinhos, pratos e guardanapos. Os garotos vêm chegando com os refrigerantes. Esta festa vai ser uma em muitas (talvez a única em muitos anos) em que não vou tomar bebida alcoólica. Mas algo me diz que não vai fazer nenhuma falta.
Eu ajeito tudo e testo o som. Tudo beleza. Acho que está na hora de dizer o discurso que ensaiei.
— Pessoal, eu tenho uma última coisa a dizer antes de começarmos a festa.
— Não, professor. Quem tem coisas a dizer somos nós. — É o Juliano.
Todos eles ficam em estranha formação com o Juliano na frente. Será que era isso que eles estavam aprontando?
— Que é isso? Vocês vão me bater?
A sala se enche de risadas.
— Depois, professor. É que a gente tem uma coisa para você. — Juliano segura um embrulho. — O meu pai tem uma serralheria em Santo André junto com o meu tio. Então vou com ele duas vezes por semana lá. Um dia, paramos num posto da avenida do Estado e lá tinha uma loja de conveniência. Entrei e tinha umas camisetas com estampa de arte e filmes. E eu não acreditei no que vi. Fiquei olhando um tempão tentando acreditar se era isso mesmo. Fiquei pensando: “Mas quem faria em sã consciência uma camiseta com essa estampa?”. Cheguei à conclusão de que quem fez essa camiseta foi uma pessoa como você. Já que você existe, é normal que isso exista também. Por isso não questionamos mais se isso é verdade ou não. De fato, você está aqui. Você existe, essa camiseta existe e, como você disse uma vez, fez com que nós nos encontrássemos. Eu contei ao pessoal e fizemos uma vaquinha para comprar para você. Aceite como nosso presente. E, em nome de todos, agradeço por ter

inspirado a gente, ter mostrado que a gente ainda pode sonhar e sobretudo por acreditar na gente. Muito obrigado.
Você consegue adivinhar o conteúdo do pacote? O que será? Uma camiseta? Arte e filmes? Será que é o que estou pensando? Será uma camiseta do James Joyce? Abro o embrulho com assombro. Não acredito. É uma camiseta preta, com estampa escrito *Fahrenheit 451*. Como isso é possível? Como alguém fez uma camiseta com essa estampa? Será que o mundo ainda tem salvação? O fato é que está difícil evitar as lágrimas. Vejo a cara feliz dos meninos. A Mariana soluça. Eu estou muito feliz. Tento evitar, mas pode ser a segunda vez que choro de felicidade desde que comecei a contar a minha história.
— Er… Isso… Isso é brincadeira, né? Vocês mandaram fazer essa estampa, não foi?
O pior é que o Juliano fez questão de colocar a sacola do posto junto. Posto Novo Estado. Como isso é possível?
— Vou colocar a camiseta. — Visto a camiseta por cima da minha.
Todos aplaudem. Não sei o que dizer. Esqueci o discurso que tinha preparado. Mas sinto que preciso dizer alguma coisa.
— Er… Não tenho palavras… Mas tudo isso é sobre encontros, não é mesmo? Do meu, de vocês, do presente, das nossas vidas. Estamos falando de chances, chances remotas de encontros (lembro da Ginger). É isso que eu penso. Só precisamos de uma chance. Apenas uma. Sinceramente não sei onde e como conseguimos isso. Mas persistiremos. Acreditaremos. Um dia o impossível será possível. Faremos uma chance surgir. E faremos isso das nossas mãos. Inspirar um ao outro, apoiar um ao outro, acreditar um no outro. Vamos escrever uma história brilhante. Vamos fazer as nossas vidas valerem a pena. Peço do fundo do meu coração: faça da sua vida algo extraordinário.
Ligo o *mixer*. Eu tenho algo especial que preparei ontem à noite. Remixei *To sir with love*. Tema do filme *Ao Mestre com Carinho*. Hahahahaha. Aumentei o *pitch* e coloquei batidas eletrônicas. Alguns reconhecem, sorriem e fazem o dedo positivo. Nunca toquei com tanto gosto na minha vida.
— É… Eu queria uma dica de leitura. Já que a gente não vai se… já que as aulas acabaram.
— Ah, sim, Mariana. Deixa ver. Acho que até já disse, mas vou reforçar. É assim. Leia um pouco de tudo. Então, um dia vai surgir um que vai te arrebatar. Arrebatar, quer dizer, que vai aparecer um autor que você não vai conseguir tirar da sua cabeça. Vai ficar ecoando em você por muito tempo. Então, leia tudo desse autor. Tudo, tudo mesmo. Vão ser autores diferentes para cada um que está

aqui. Mas, quando o encontrar, leia tudo dele.
Ela entendeu. Escolho *Do you realize?* de Flaming Lips. Nada mais apropriado. Todos dançam na pista improvisada. Enquanto eu aumento graves, diminuo agudos e coloco a próxima música no CDJ da esquerda, penso: Aristóteles teria dito que a felicidade é um estado de espírito. Eu já acho que é um estado de vontade. Querer ser feliz. Aponte para mim neste instante, nesta sala, um que esteja infeliz. Um que não esteja com vontade de mudar o mundo, um que não esteja com vontade de fazer algo extraordinário. Eu vou para a pista. Danço com eles, compartilho com cada um deles um sonho em comum. De viver talvez mais do que o permitido. Invoco tudo o que é mais sagrado para que ilumine o caminho deles. Enquanto toca a última música que pede que eles meçam a vida em amor, eu faço um pedido. Que eles meçam a vida, preencham a vida com vontade. Com vontade de fazer e viver. Que também saibam reconhecer que a derrota é a temperança para forjar o aço. Porque a vida tem que cortar, sangrar e fazer ranger os dentes.
Enquanto isso, eu repito sem parar na rotação da música o mantra do dia: “Faça da sua vida algo extraordinário”.

Ando pensando muito em encontros desde a última aula. O encontro com a Ginger e o encontro com meu… pai. Na verdade não tenho problema em chamar o meu pai de pai. Desde que eu não precise fazer isso pessoalmente. Pai… Isso é um conceito totalmente abstrato para mim. Dois encontros impossíveis. Um porque a Ginger não quer, o outro porque eu não quero. Mas alguma coisa me diz que hoje vai acontecer alguma coisa. Sabe quando você tem uma espécie de pressentimento? Será que, se eu me encontrar com meu pai, vou encontrar com a Ginger também? E, assim, vice-versa?

— Escolhe aí.
— O quê?
— É esquerda ou direita?
— Ah, sim. Deixa-me ver. Passamos a rua Portugal… Vira

à direita.

Vejo uma movimentação na frente de uma casa. É óbvio que é uma mansão. É óbvio que é uma puta festa. É óbvio que estamos destoando completamente. Nós nos identificamos e o Dimi me ajuda a levar os *cases* para dentro. Lá dentro encontro (encontro? mais um?) a Patrícia.

— Que bom que vocês vieram.

Hein? Foi ela mesma que nos contratou. Mas falando em encontros, fico com vontade de perguntar se ela conhece a Ginger, se é amiga dela. Ela me encontrou no *Passenger*. É uma probabilidade, não acha?

— Er… Você…
— Sim?
— Ah, esquece. Onde fica o som?
— Lá nos fundos.
A aparelhagem está instalada à beira da piscina. Avisto de

longe, passando pela porta do salão de festas que está sendo preparado. Dezenas de pessoas carregam bebidas, mesas e cadeiras. Mas não é nada exagerado. Até simples, mas de muito bom gosto. Acho que a decoração natural ajuda muito. Móveis orientais e esculturas indianas.

— Meu pai gosta muito de Bali. — Patrícia me explica ao notar o meu interesse. Enfim, é um lugar fantástico para discotecar. Ela montou uma estrutura de iluminação por cima da minha mesa onde toco e fez da extensão da piscina uma pista.
Enquanto eu arrumo as minhas coisas, o Dimi faz um sinal positivo do salão perto do bar. Ah, esqueci de dizer que as paredes do salão são todas de vidro. Mas desde que cheguei não consigo esquecer a sensação de que algo vai acontecer aqui. Não me pergunte por quê. Nem o quê.

As pessoas vão chegando aos poucos. É um festival de roupas de grife, sorrisos e gente bem-nascida. Tem um ou dois que me reconhecem e acenam. Eu retribuo sem jeito. Algo me diz que, apesar de destoar daqui, vou gostar da festa.

Mas a euforia do começo se transforma em cansaço, depois de tocar duas horas seguidas. Mesmo porque estou tentando ver se a Ginger está na festa. Até errei uma virada em que todo mundo chiou. Achei que a tivesse visto. Passam-se mais duas horas e fico completamente exausto. A festa continua cheia. O Dimi vem me oferecer uma bebida.

— Segura firme, capitão. A festa tá boa.
— Eu sei… eu sei…

Não está tão boa para mim. O barco vai naufragar, Dimi. Já

vou preparar a seleção dos anos 80 e depois é lounge. Depois, é o fim. Talvez o meu fim. E, para terminar bonito, começo com a de sempre: *Bizarre love triangle*. A pista reacende.

Esperaí. Aquela garota que está dançando… Só pode ser a Ginger. Só a Ginger dançaria daquele jeito. É ela! Não disse que ia acontecer alguma coisa? Preciso ir lá. Tenho exatos três minutos e quarenta segundos. Atravesso a piscina correndo e seguro o braço da Ginger que está dançando de costas para mim.

— Ginger?
Ela vira e acaba com meu sorriso e ansiedade. Não é ela. — Desculpe. Eu me enganei de pessoa.
Viro com tudo e acabo esbarrando em alguém. Espalho a

bebida no chão.
— Você tá louco? Pode até me derrubar. Mas deixa a mi
nha bebi… Vo… Você?
— Gi… Ginger?
— Você… bem que parecia que era você discotecando.
Acho que estou bêbada. Também. É a segunda festa. Ah… Bonita camiseta. — ela nota a minha camiseta *Fahrenheit 451*. — É… Ganhei dos alunos.
— Legal! E aí, tá gostando da festa? Aliás, como você veio
parar na festinha da Patricinha? — ela ri. Está visivelmente
bêbada.
— Ela me contratou.
— Opa! Que boa escolha, hein? Fui eu quem levei ela no
Passenger na primeira vez, sabia?
Sinto-me incomodado com a bebedeira dela. Toca *Everytime I see you falling*.
— Ah, e o meu chapéu?
— Digamos que ele morreu.
— Entendo…
— Ei, queria te perguntar uma coisa. — Tenho apenas mais
um minuto e alguns segundos. — Vamos ficar juntos de novo? *Everytime I think of you*.
— Não dá.

— Por que não? Sinto sua falta. Por favor…
I get down on my knees and pray.
— Não depois do que você me fez.
— O que eu fiz? — Fico desesperado. — Vo… Você também não ficou comigo quando você ainda namorava o seu ex? Os olhos dela brilham de ódio. Desta vez, eu é que sou
fuzilado com os olhos. Ela chega o mais perto que consegue
do meu rosto e fala agarrando a minha camiseta. Toca *I'm*
waiting for the final moment.
— Nunca, nunca mais me procure.
Ela vira de costas e vai embora. Rejeita a mão da amiga
dela que pede para ficar, tropeça no salto e sai andando. Toca *You say the words that I can't say*. Aliás, fica ecoando.

Ah, a música que começou é também a que termina. Nada mais perfeito e triste que isso. Corro para retomar a discotecagem. Mas faço questão de voltar um pouco a música. Quero ouvir o último refrão de novo. O pessoal da pista acha que é mixagem. Mas não. É puro desespero. Eu queria tanto que a vida fosse assim tão fácil. Só voltar um pouco. E recomeçar. Do mesmo ponto. A mesma música. O mesmo sentimento. Mas por que é que agora tem sentidos diferentes? Mas por que a mesma música? Não posso voltar? Não posso tocar de novo a mesma música? Lembro de Elvis Costello. Ela vai ficar para sempre gravada no meu disco arranhado. Sempre tocando no mesmo trecho. Nunca poderei voltar mais que isso. Só no espaço e no tempo do arranhão. Como uma cicatriz da música. Como uma cicatriz da vida. Sem cura, sem volta. Então, o máximo que posso fazer é aumentar o volume.

"Nunca, nunca mais me procure."
You say the words that I can't say.

Volto para casa completamente arrasado. Mas sem largar a garrafa que sobrou da festa. O melhor amigo do homem é *Johnnie Walker*. Grande Johnnie. *Keep Walking*. *Keep Drinking*! A primeira coisa que faço é jogar no lixo o CD da Norah Jones. Não preciso mais dessa merda. E faço um juramento. Até a garrafa acabar, vou começar a esquecer a Ginger. A cada gole, a cada dose, à medida que o nível da garrafa for baixando, vou esquecendo aos poucos. De modo que, quando a garrafa secar, vou esquecer a Ginger completamente. Para sempre. Irrestritamente, irremediavelmente, irreversivelmente.

Mas sinceramente estou com vontade de culpar alguém. Pode até ser inconscientemente, mas não quero acreditar que a culpa seja minha. Na verdade, conscientemente, eu quero transferir toda a culpa para a outra pessoa que anda preenchendo o meu pensamento. O meu pai. Já sei o que vai acontecer. À medida que vou esquecendo a Ginger, vou lembrar do meu pai. Como uma gangorra, como algum tipo de transfusão, tubo de ensaio com êmbolos. Baixa o nível de um, aumenta o do outro. O amor vai acabando e aumentando o ódio. A culpa é dele. Não foi culpa minha. É tudo culpa dele. Como pôde? Como pôde? Eu era apenas uma criança. De repente, sinto que voltei a ter 13 anos, penso como garoto de 13 anos e ajo como garoto de 13 anos. E me dói como garoto de 13 anos.

A grande pergunta é: a Ginger não me perdoou, será que eu consigo perdoá-lo? Volto ao tempo em que eu era apenas Júnior. Ao tempo em que o meu pai parecia maior do que eu posso me recordar. Agora preciso usar a pinça da minha imaginação para poder resgatá-lo da minha terra de Gulliver dos desprezados, esquecidos e possivelmente mortos. Sim, agora ele ressurge da minha coleção de insetos mortos. Pensando que o whisky carrega o cheiro de formol, levo a minha mão ao nariz tentando afastar algum fantasma olfativo. Faço regressão em dose de whisky. A cada gole vou voltando no tempo. Até o tempo em que me chamavam pelo nome do meu pai. Pensei que tudo já tivesse se evaporado.

Mas eu não me lembrei do meu pai só para poder culpá-lo. Muito menos com a intenção de acertar as contas. Mas porque eu preciso lembrar da última lição que ele me ensinou. Isso, sim, vai ser útil. Muito útil. Você acha que não vou conseguir esquecer a Ginger, não é? Que vai ser muito difícil. Engano seu. Eu já esqueci uma pessoa muito mais difícil de esquecer do que ela. Pois é. O que um pai ensina é para sempre. E a última lição dele foi de esquecimento. Eu aprendi a duras penas a esquecer o meu pai. Agora é só aplicar essa lição para a Ginger. Vai ser moleza.

Mas, à medida que vou regredindo, um, dois, três, cinco, dez e dezesseis anos, esperaí, se eu estiver errado me corrija, mas a Bela Adormecida não caía no feitiço da roca no seu décimo sexto aniversário? Como um conto de fadas (evidentemente isso é uma tremenda piada de mau gosto), o meu sentimento em relação ao meu pai esteve adormecido por dezesseis anos? Que piada. Como gostaria que tivesse ficado dormindo por um século como no conto. Assim,

morreria antes de ter qualquer tipo de recordação. Parece mórbido? Parece ressentido? E é. Mas não pretendo fazer melodrama, e você sabe que eu odeio isso. E também não pense que é tão doloroso assim. Desde que você começou a me acompanhar, levei muito tempo para contar sobre ele, não foi? Você sabia da existência dessa minha história triste? (Empreguei mal a palavra, não é triste. É que pensei no que você sentiria e não no que realmente sinto.) Acho que tudo que você precisa saber para entender os meus sentimentos são estas duas opiniões: “Eu esqueci” e “Já não me faz falta”. Mas preciso confessar. É muito estranho lembrar de alguém que me ensinou a esquecer.

Se eu não tenho problema com isso, então você quer que eu conte um pouco dele. Ou um pouco da minha história. Ok. Sem problema. A coisa, ou melhor, as frases que eu mais lembro da minha infância foram da minha mãe. “Você tem que ser forte.” “Seja uma fortaleza.” Mas quer saber, isso não me impediu de presenciá-la chorando escondido na cozinha, várias vezes. Uh… Tá, tá legal. Retiro essa coisa de não ser doloroso. Foi mau. Dói sim. Vou tomar mais um gole. Whisky também serve de anestésico, você sabe. Falando em cheiro, sabe qual é o cheiro que eu mais lembro da minha infância? Na verdade, uma mistura. Esse cheiro é tão nítido que senti por muitos anos. E parece que estou sentindo agora. É cheiro de nanquim com cheiro de comida que minha mãe preparava. Cheiro de nanquim? É. O meu pai adorava desenhar. Adorava, porque não era profissão dele. Aliás, quando descobri que ele era funcionário público, demorei muito para entender. Primeiro, porque ele não era desenhista e, segundo, o que era ser funcionário público.

Outra? A história que mais lembrei em relação ao meu pai todos esses anos não foi o que de fato aconteceu, e sim uma história inventada.

Fiquei fantasiando por muito tempo o último encontro com meu pai. Não, ele não se despediu de mim. Ele foi covarde. Foi embora sem nos avisar. Fez as malas escondido e se mandou. Na verdade, nem mala fez. Deixou tudo no armário. Só levou alguns pertences pessoais na sua malinha de couro marrom e se mandou. Esse último encontro fictício foi o que mais pensei sobre o meu pai todos esses anos. Fiquei encontrando com ele de malinha na mão por muitas e muitas vezes na escadaria. E eu completamente decepcionado e apático dizia com voz tremida:

— Você… você ia embora sem se despedir de mim? E os olhos dele se enchiam

de lágrimas. Eu sei. Eu o conhecia. Isso também não é verdade. Achava que o conhecia. Esse

cara que se mandou eu não conhecia. Ele era quieto, sem palavras, mas gostava de mim. Isso eu sabia. Éramos felizes. Eu era feliz. Talvez com isso você possa cair na armadilha da simplicidade. Achar que todo o meu problema começou aí. Com a partida do meu pai. Pensei nisso também por muito tempo. Mas cheguei à conclusão de que isso não é verdade. A minha solidão, ou talvez a sua (digo isso pela parte que faz você se identificar comigo) em nada seria diferente, mesmo que eu tivesse pais perfeitos e uma história de vida sem acidentes e complexos. Aí, talvez você possa ter uma outra tentativa de conclusão precipitada. “Ah, então, nascemos com ela. A solidão.” Bom, isso eu já não sei responder. Sinto que o importante não é saber de onde nasce isso ou se nascemos com isso, e sim o que fazemos com isso (parece, mas isso não é um discurso existencialista). Explicando melhor, o importante é o que fazemos para nos livrar da solidão que sempre parece infinita. Amor? Vontade de viver? A existência que sempre nos parece sem propósito? Mas, afinal, o que pode nos livrar da nossa infinita solidão? E desde quando fiquei tão lúcido estando assim tão bêbado? Hahahahaha. Mas, sinto que alguma coisa preciso fazer. Estou na fase decisiva da minha vida. Ou resolvo de vez o meu buraco no peito ou ele vai acabar me sugando para dentro dele. Como um buraco negro individual e intransferível. Preciso encontrar o sol do meu universo. Para que as dores da minha vida sejam apenas satélites. Para que possa iluminar tudo o que está à minha volta. Para que eu possa brilhar. Dizem que as estrelas são astros que têm luz própria. Preciso ser uma estrela. Para brilhar e para iluminar os outros também.

Dizem que Jorge Andrade (meu dramaturgo favorito)... desculpe a minha falta de coerência, mas eu estou bêbado e estou seguindo única e exclusivamente o fluxo da consciência. Espero que entenda. Então, Jorge Andrade, ainda jovem, encontrou Arthur Miller, que lhe disse: “Volte para o seu país e escreva a diferença entre por que as pessoas são do jeito que são e não são o que gostariam de ser”. Você entende aonde quero chegar? Por que você ou eu não somos o que realmente gostaríamos de ser? Porque eu não sou um escritor e você… Você deve saber. Tá. Vamos deixar de lado também essa conversa “mas eu não sei o que eu quero ser”. Acho que a gente sabe sim. Acho que o medo não nos deixa enxergar. Ou as contas que precisamos pagar no fim do mês. De fato não sei mais como vou fazer para pagar as contas do próximo mês. Mas no momento

não é isso que me preocupa. Mas também não é a Ginger e nem meu pai, e sim como vou fazer ou como posso fazer para tornar possível algo impossível. Realizar milagres. Pode dizer o que quiser. Sinto que essa é a próxima lição que eu preciso aprender. Urgentemente.

Metodologia escolhida, agora vamos à prática. Vou ser pragmático agora. Isso também aprendi com meu pai. Indiretamente, é claro. Primeiro, esquecer a Ginger. Segundo, resolver o problema com meu pai. Eu já tinha percebido isso antes, não é mesmo? O meu livro culminando como livro de visitas do meu museu de ausências, ou melhor, nesse caso, meu livro de aprendizado.

Ok. Vou respirar fundo. A última lembrança do formol. Parece fácil, não é? Garanto a você que não é.

Transmutar o formol em álcool e depois em nanquim. Transmutar o esquecimento em lembrança. Já sei. Nunca fiquei tão lúcido estando assim tão bêbado. Pego a lista telefônica. Procuro meu nome. Achei. Achei… Encontro de novo o meu pai na escadaria. Eu corro e seguro a mala. Digo: “Não vai embora, pai, fica, por favor”. Os olhos dele se enchem de lágrimas, de novo. Ele pega a minha mão que segura a mala e abre todos os meus dedos devagar, gentilmente, e dá as costas. Adormeço com a lista telefônica na mão.

Acordo e assusto. O que esta lista telefônica está fazendo na minha mão? Lembrei. Mesmo porque esse nome eu conheço. Já entendi o que aconteceu ontem à noite. Três nomes. Três homônimos. O meu nome. O nome do pai. Enquanto faço o café, penso se vou ter coragem para ligar.

Estou parado de novo olhando para o telefone. Exata meia hora. Lembra do balde de latão? É claro que você já percebeu. A minha vida é repetitiva. Mas olhe atentamente para a sua. Analise friamente. Não acha que a sua vida também é?

Descarto o primeiro nome. Endereço chique demais. Não pode ser. Pego de assalto o telefone e disco. Não quero ter tempo de pensar se vou me arrepender do que estou fazendo. Um, dois, três toques. Alguém atende. Pergunto por meu nome. Aliás, o nome do meu pai. Ele confirma. Mas não pode ser. Velho demais. Desligo pedindo desculpas. É engano.

Só restou mais um. É ele. Eu sei. Raciocino friamente. Como faço? Escolho um dia. Domingo. Por volta das onze. Se ele estiver em casa, com certeza vai estar a essa hora. Preciso ir. Nem que seja só para dar um soco na cara dele.

A semana que se segue é ansiedade pura. Pesquiso todas as possibilidades de itinerário até o endereço de domingo. Retomo o meu livro, mais na intenção de me distrair do que propriamente por vontade. Já tenho mais de 120 páginas. Acho que só falta mais um terço. Está chegando ao fim. Será o fim da minha jornada? É assim que termina a minha história? É um novo começo? Estranho. Algo me diz que a minha história não termina assim. Não sei por quê, mas algo me diz que ainda virão muitas surpresas. Sinto que ainda não aprendi a última lição. Você sabe, preencher o meu buraco do peito com vontade de viver.

Ok. Você venceu. Não consegui esquecer completamente a Ginger. Mas vou conseguindo aos poucos. No momento preciso me lembrar de uma outra pessoa. Concentrar-me nisso. Tento reunir o máximo de informações. Acho que vou precisar disso. O mais estranho é que ele sempre esteve do meu lado, mais precisamente na lista telefônica por todo esse tempo. Mas também, o que me faz ter tanta certeza de que o último nome é do meu pai? Ele pode ter morrido ou não estar na lista ou simplesmente não ter telefone. Imagino-me com medo, todo ansioso apertando a campainha e dando de cara com uma pessoa estranha. É uma possibilidade também, não acha?

Mas tem uma outra coisa que me preocupa. *The Passenger*. Esse tempo (mínimo, eu sei) que fiquei afastado me fez perceber que eu gosto mesmo de discotecar. Penso até em procurar o Paulão para me readmitir. Só até eu terminar o livro, sabe? Depois não vou mais precisar. Ou vou fazer isso por hobby. Putz, mais hipóteses. Caso realmente consiga publicar o meu livro, mas, e se não vender nada? Nesse momento, ironicamente, a única certeza que aceito é que vou ver o meu pai depois de dezesseis anos. Eu repito instintivamente o nome do meu pai por extenso. Depois só o primeiro nome. Que era o meu antes de ele partir. Nunca mais consegui ouvir o meu nome sem me doer depois que ele se foi. Disso você também já sabe agora.

Chegou o dia. Eu mal consegui dormir ontem à noite. Fiquei calculando o tempo que levaria até a casa do meu pai. Quarenta e cinco minutos de metrô, acho que mais uma hora de ônibus. Mais quinze minutos de ônibus até o metrô, mais a margem de segurança de meia hora, penso em sair de casa umas nove e pouco.

São 7:45 no relógio. Ainda não me levantei. Fico deitado pensando: se vai dar certo, se é a casa dele, e com vontade de sair mais cedo. Mas não faço nada. Penso também em dormir o dia inteiro. Adiar para a semana que vem. E depois por mais uma semana até eu me esquecer dessa história toda. Talvez por mais dezesseis anos. Adormeço de novo.

Acordo assustado. Tento enxergar as horas, são 7:55. Porra, só dormi por dez minutos? Pareceu-me uma eternidade. De repente sinto que esses dezesseis anos também se passaram como num piscar de olhos. Eu me levanto. Faço um café bem amargo. “A vida é um café amargo.” Não, não é metáfora. Pode até ser. Mas é uma transferência. Uma espécie de cumplicidade. Eu sou o que eu tomo. Que saco. Mas por que é que só penso em besteiras?????

Eca! Acho que está amargo demais. Eu deixo a xícara de lado. Inacabado. “A vida é uma xícara de café inacabado.” Porra, por que é que hoje tudo parece uma metáfora da minha vida?

Visto-me calmamente. Escolho uma camiseta, a mais nova que tenho. Ao mesmo tempo me pergunto por que é que estou me preocupando com que roupa vou usar. Por que eu quero parecer respeitável para esse traste? Tiro “a camiseta mais nova que eu tenho”. Pego uma Hering branca. Uma camisa *grunge* verde. Agora, sim, eu pareço bastante fracassado. Com minha aparência abatida e esse tênis Reebok da coleção mil novecentos e bolinha, comprado na feira, completo o meu *look* “sou fracassado e daí?”. Passaria fácil, fácil como estivador de Santos. Eu gosto disso. Embora o porteiro fique olhando estranho para mim. Eu sou malvestido por natureza, mas hoje acho que chutei o balde. Putz, ao subir no ônibus, cometi a primeira burrada do dia. Você percebeu, né? Eu errei de linha. Melhor, peguei no sentido errado. E para piorar eu já passei da catraca. Imbecil. Isso me deixa ainda mais nervoso. Ônibus errado. “A vida é um ônibus errado.” Ok, vou adicionar como metáfora número três da minha vida de hoje. Chego no metrô. Tô com uma vontade infinita (Infinita? Que adjetivo é esse?) de enfiar o bilhete falsificado que o Charlie me deu. Bilhete escolar. À prova de fiscalização. Eu também tenho um falsificado normal (hahahaha. Falsificado normal). Sorrio. Saco o bilhete falsificado genérico, ou normal se preferir. Esse passa por qualquer catraca. Quer saber? Estou com vontade de ser pego. Assim evitaria esse itinerário inútil e penoso. Demoro mais na catraca. A mulher de trás me olha feio. Quero gritar: “Estou com bilhete falso. Demorando mais do que qualquer um na catraca. Sou suspeito. Me prende. Quer ver?”. Levanto o meu

bilhete e exibo na direção do funcionário do metrô. Finalmente ele vem vindo na minha direção. Seguro firme o meu bilhete. É agora.

— Por favor, você está segurando a fila. Pode sair da catraca, sim?
Idiota. Pede para abrir a minha mão. Estou segurando um bilhete falso. Está com carimbo. Pede para abrir a mão.
— Abra…
Sim, sim.
— Abra a passagem, por favor.
Que droga. Idiota. Ok. Não deu certo. Mas consegui mais uma metáfora. A minha vida é um bilhete falso. Vai contabilizando.
Quer saber? Ao me postar antes da linha amarela, cai uma ficha sobre a minha vontade, há pouco, de ser preso. A vida na verdade é uma eterna tentativa de fuga e encontro de si mesmo. O grande problema é que fazemos isso simultaneamente. Fugimos, ao mesmo tempo em que tentamos nos encontrar. Mais uma metáfora. Não. Essa não conta. Isso é a minha vida. De verdade. Uma voz avisa que o trem vai se atrasar porque teve um imprevisto. O que será? Um acidente? Congestionamento de trens? Um suicídio? Por que é que eu não tenho meu Porsche agora? (Acho que ainda não é a hora de falar disso.) Enquanto o trem não vem, eu penso na outra metáfora: “A minha vida é uma eterna espera de trem que nunca chega”. Imbecilmente poético. É de matar. Pularia agora se tivesse um trem vindo. Mas vou mudar de ideia assim que avistar o maldito trem. Estou estranho? Mas o que é que você quer? Não é todo dia que você vai encontrar com seu pai depois de dezesseis anos.

Quer que encurte o trajeto? Não posso. Na verdade, não consigo. E garanto que não estou fazendo suspense. Só sei que tem que ser desse jeito mesmo. Desculpe.

Entro no vagão e noto que está quase vazio. Mais uma metáfora irritante? “A minha vida é um vagão vazio.” Você tá pegando o espírito da coisa, hein? Começo a olhar lentamente para as pessoas, até me fixar em algum ponto da janela. Parece tudo parado. Nada parece se mover. Mas era assim tão perto? Tão fácil? *Paris, Texas*? *Far away, so close*? Os prédios vão se transformando lentamente em campos. Lugares planos. De modo que agora tudo me parece deserto. Formule você, agora, mais uma metáfora.

É a última estação. (Mais uma metáfora? Tá bom. Chega.) Fico esperando a

porta se abrir. A porta se abre. Continuo parado. Demora uma eternidade até que a porta se feche. Eu não consigo me mexer. Segunda chance. A porta se abre novamente. Eu dou um passo à frente. A porta ameaça se fechar novamente. Não consigo me mexer. A porta se fecha de novo bem no meu nariz. Dezesseis anos e não consigo adiantar três segundos. O trem começa a andar. Vai até o fim do trilho, contorna o muro de contenção e volta em direção à plataforma oposta. Vai voltar por onde veio. (Ok. Mais uma metáfora.) Penso em ficar assim de pé indo e voltando sem parar. Passam-se novamente exatos dezesseis anos. Ou melhor, três segundos. Abre novamente a porta. Mais uma metáfora? Calma, desta vez é boa. É sobre o que preciso fazer. Dar um passo. Preciso dar um passo literalmente em direção ao meu pai, em direção à vida. Em direção a tudo que ficou pendente. Em direção à coisa certa. Coisa certa? Em direção a quem só fez coisa errada? Ainda estou confuso. Indeciso. Um passo. Voluntariamente. Por uma decisão irrevogavelmente minha. Por minha própria e espontânea vontade. Um passo à frente. Sim, sou eu. Sou seu filho. Desgraçadamente ou não, não posso ser infantil agora, por mais que tenha voltado no tempo. Vou ter que responder a última chamada da estação. Com um passo à frente. “Destino” é a última coisa que leio na placa. É a última metáfora.

Sim, sou eu. Eu preciso ir. Finalmente eu respondo com um passo à frente. Enquanto as portas se fecham estrondosamente às minhas costas, pronuncio devagar, mas convicto, um nome que é abafado pelo sinal de partida do trem.

Dobro a esquina com a página do guia na mão. Ainda pergunto na padaria onde fica a rua. Viro a outra esquina e verifico a placa. É aqui. O meu coração começa a acelerar. Olho para o relógio. São 11 horas. Onze. É um dos números que aparece frequentemente no *Finnegan’s Wake* de James Joyce. Mais precisamente 11 e 32. Uma vez li a interpretação de Joseph Campbell dizendo que o número 11 é o recomeço, e 32, redenção. Por um momento fico assustado. Recomeço e redenção. Lembro vagamente, também uma explicação bíblica. Capítulo 11 e versículo 32. Não é sobre isso o evangelho da minha vida?

Se bem que eu acredito em numerologia. Como? Acredito em 8, 12, 15, 21 e 25 anos. Entendeu? Não? Preste atenção. Eu também gosto de cromoterapia. As minhas cores favoritas são *red*, *black*, *green*, *gold* e principalmente *blue*. Entendeu? É a Johnniologia ou, se preferir, Johnnieterapia. Nessa numerologia eu acredito. Mas não confunda a numerologia com simbologia. A gente fala disso uma outra hora. Espere, melhor, leia Joseph Campbell ou Heinrich

Zimmer. Procure, vai gostar.

Brincar com a numerologia do whisky me fez relaxar um pouco, mas continuo visivelmente nervoso e assustado. Olho de novo para o número da rua. Rua Romano, 33. Ufa. É 33, e não 32. 99, 87, 65, está chegando. 51, 47, 45, 39, 35 e… 33. Instintivamente eu me escondo no muro da casa 38. O que estou fazendo? Estou com medo de quê? Droga. Saio do muro aos poucos e fico olhando para a casa. É um portão de ferro com lanças e tem uma garagem-quintal comprida e cheia de mato. Vejo um Voyage branco estacionado lá no fundo. A casa fica do lado direito e uma porta grande serve de entrada principal. Também vejo uma porta lateral na metade da extensão do quintal. Deve ser a entrada para a cozinha. Fico pensando. E se não for meu pai? E se meu pai morreu ou se mudou para outro estado? Ou ele não se cadastrou no registro telefônico? De repente, a minha chance de que esta seja a casa do meu pai me parece completamente remota. Até avistar um pedaço de madeira envolto num plástico verde encostado no corredor que segue a porta lateral. Aquilo… Aquilo é uma prancheta quebrada! Lembra que eu disse que meu pai desenhava? O meu coração acelera ainda mais. Pode ser ele… Definitivamente.

Enxergo a campainha. Eu não vou ter coragem para apertar isso. Não, não mesmo. Faço menção de apertar o botão aproximando o meu dedo indicador. O dedo se afasta da campainha, como se o meu dedo fosse um ímã, e a campainha fosse um outro ímã com a mesma polaridade. Estou muito nervoso. Pense em algo engraçado. Rápido. Uma piada, alguma coisa para me distrair. Já sei. Penso em aproximar o meu dedo e imaginar a cena do filme *ET*. Aquela parte em que o menino estica o seu dedo e encosta no dedo do ET. Ou aquela em que o ET estica o dedo indicando o seu planeta. Digo mentalmente com voz do próprio ET: “ET, casa, telefone”. Eu dou uma risada nervosa. No fim não adiantou muita coisa. Só uma nítida sensação de que eu talvez fosse um completo louco.

Mas como faço para transformar essa repulsão em atração? Que polaridade preciso inverter em mim? Nós éramos de polos diferentes até hoje de manhã. Ele morava no Norte e eu no Sul. (De fato ele mora na zona norte, e eu, na zona sul) Achei que quando chegasse aqui ele sairia em direção ao Sul. Assim nunca nos encontraríamos. Mas agora dou de cara com essa chance remota de estar no mesmo polo. Que lei da física preciso aplicar? Inércia? Continuo parado aqui indefinidamente? Ação e reação? Entro lá e começo a quebrar tudo? Mas o que está acontecendo já não está contrariando a lei? Como é que a gente pode ocupar

o mesmo espaço? Será que o Charlie pode me responder? Se tudo é uma questão de campo magnético, posso gravar uma outra informação no meu bilhete de metrô da vida? Eu vou enlouquecer. Se é que já não esteja louco. O meu coração vai sair pela boca.

O pior é que já estou parado aqui faz meia hora. Estou virando amigo íntimo da meia-hora. As pessoas passam por mim e ficam olhando. Ou eu vou embora, ou preciso tomar alguma atitude. Quando penso em finalmente apertar o botão, uma senhora com Bíblia na mão entra na minha frente tentando apertar a campainha.

— Não!!!!!!! — grito instintivamente.
— Ó moço, o que você tem?
— Não faz isso, pelo amor de Deus.
— Mas por quê? Deus? Como o senhor sabe? É a palavra

de Deus que estou tentando passar aqui — fala com um sotaque bastante carregado.

Já entendi, deve ser alguma igreja não sei quantas do evangelho ou portas de não sei onde ou testemunha de alguma coisa.

— Não, minha senhora, não tem ninguém em casa. Na verdade estou esperando ele voltar. Acho que ele volta em mais ou menos meia hora. A senhora pode fazer a rua inteira e depois voltar.

Ela se afasta não muito convencida, mas logo a vejo batendo palma no portão da casa vizinha.
Ufa, quase. Mas uma coisa é certa. Preciso acabar logo com isso. Aperto a campainha.
Nada. Nada? Porra. Eu vim de lá da puta-que-o-pariu para nada? Digo, sem pensar que vim de um lugar muito mais distante: o país dos dezesseis anos.
Aperto com raiva de novo. Deixo a maldita “bléeeeee” ecoando pela rua toda, o bairro todo, a cidade inteira, o estado todo, por todo o Brasil, pelo mundo inteiro e o universo afora.
A porta se abre com estrondo.
— Quem é o filho da puta que está apertando a porra da campainha????????? — grita um senhor grisalho.
Será que herdei os meus habituais palavrões dele? Em seguida ele me enxerga,

fica mudo e perde uns bons minutos olhando para mim. Logo, entra novamente na casa. Agora acho que chegou a hora de dar meia-volta. Era ele sim. Era o meu pai. Não poderia não ter reconhecido. Preciso voltar para casa. Tô com vontade de chorar.
Quando estou prestes a dar as costas para a casa, a porta se abre novamente.
— Entra.
Uma voz agora mais baixa sentencia. Eu obedeço.
Atravesso o portão como se eu fosse um sonâmbulo. Nada mais coerente para quem ficou dormindo por dezesseis anos.
— Senta.
Obedeço como quem está hipnotizado. Na verdade estou com vertigem. A cada passo o chão me devolve em igual intensidade a vontade de tomar a direção contrária. Quero sair correndo. Mas o que se pode dizer para uma pessoa que não existe mais? Quem é esse homem sentado na minha frente? Afinal, quem sou eu? Meu querido Frankenstein. Não o reconheço mais. Fui gerado por esse homem completamente estranho?
— Como tem passado?
“Como tem passado?” Que tipo de pergunta estúpida é essa?
— Bem.
Mas por que estou respondendo?????? Da Bela Adormecida penso em Branca de Neve: “Espelho, espelho meu, existe alguém mais estúpido do que eu?”.
— E a sua mãe?
Ah, essa pergunta me traz de volta da engraçada terra dos contos de fadas para o mundo cruel da realidade.
— Ela morreu.
Ele envelheceu. Engordou bastante e está com cabelos grisalhos. Completamente brancos, para ser sincero. E o modo como abaixa a cabeça o faz parecer ainda mais velho.
— Qua… quando?
— Faz uns cinco anos… Ela ficou esperando você por muitos anos no portão.
Eu fiquei esperando você por muitos anos no portão. Por favor, agora me deixe.
Não vou conseguir evitar de chorar. Nada faz sentido. Eu aqui, a minha vida. Fico pensando quantas lágrimas são necessárias para lavar toda a minha vida e começar de novo. Tudo errado. Aqui, completamente só, com a pessoa que supostamente deveria me fazer lembrar quem eu sou, só me faz sentir absolutamente vazio.
Assim, deságuo dezesseis anos de mágoa. A mágoa que virou ódio, que volta

agora como a forma primitiva de dor, embaralha de vez os meus sentimentos confusos.
Quando eu o amava e quando eu o odiava?
Quando eu o culpava e quando eu o esqueci de vez?
Mas, quantas vezes eu sonhei mesmo com todo o meu ódio e esquecimento que eu o perdoaria se ele entrasse pelo portão gritando o meu nome?
Agora quero gritar o nome dele. Sacudir esse homem que está cabisbaixo. Penso por uma fração de segundos na justificativa por não sentir vergonha pelas minhas lágrimas: eu sempre serei um garoto de treze anos na frente dele. Mesmo odiando. Mesmo amando. Mesmo odiando e amando ao mesmo tempo.
— Eu… — ele fala.
— Eu… — tenta de novo.
— Eu sinto muito…
Dito isso, também mergulha num profundo estado de tristeza olhando ainda mais para o chão. Mesmo a um palmo de distância, um abismo de tempo nos separa.
Eu fecho os olhos tentando resgatar as memórias que perdi.
É chegada a hora da pergunta mais óbvia e dolorosa da minha vida.
— Por que… por que você foi embora?
Sim, estou andando de novo de ônibus, parando de ponto em ponto, de estação em estação, chegando perto da casa dos meus sentimentos. Chegando perto da casa dos sentimentos do meu pai. Até estou com medo de pensar. E, quando chegar na estação final, vou ganhar um pai novinho em folha?
— Eu… — ele fala.
— Eu… — tenta de novo.
— Eu não sei.
— Como não sabe? — explodo.
— Nada, nada me pertencia. Nem você, nem sua mãe. Nada. Nem ninguém, nada, nunca me pertenceu na minha vida inteira. Nunca.
O que é isso? Pertencemos a alguma escola perdida de filósofos? (Sim, recuperei o meu humor.) Mas algo me diz que eu herdei deste homem o meu buraco no peito.
— Eu me lembro que quando criança, tinha uma bicicleta vermelha. Um dia você tirou a terceira roda e me levou ao parque. Mas viu que eu ia cair e não ia dar tempo de segurar a bicicleta, jogou o seu corpo para aparar a queda. Como é que alguém assim pode se tornar alguém tão escroto como você?
Agora quero bater nele. Mesmo que todo o gelo do meu maldito coração tivesse derretido, mesmo que eu voltasse a chamá-lo de pai, mesmo que eu volte, volte

a… amá-lo.
— Quer saber? Eu chegava em casa e perguntava por quê? Porque tudo isso parecia tão estranho. No começo era só um sentimento de culpa, aos poucos foi crescendo, crescendo até que ficou insuportável. Não queria mais voltar para casa. Atrasava uma hora, depois duas, seis, então um belo dia resolvi não voltar mais.
— Não pensou na gente?
— Como poderia pensar em uma coisa de que eu não fazia parte?
— Como não fazia parte? Éramos uma família. Não me faça dizer obviedades. Você é um covarde. É isso o que você é. Você é e sempre foi um covarde. Não conseguiu vencer nem o próprio egoísmo. O problema era com você, e não com a gente. Você tinha a obrigação de aprender a pertencer.
Faltou "desgraçado", acho. Agora me sinto como Peter Pan. Um garoto que ainda não cresceu. Estacionado nos seus eternos treze anos. Falo e ajo como ele. Peter Pan contra Capitão Gancho. Ou melhor, talvez sejamos dois Peter Pans. Deve ser por isso que estamos usando tanto a palavra "nunca". *Never, Neverland*. Ele fala depois de uma longa pausa, mas agora resoluto.
— Tem razão. Mas vou te dizer uma e única verdade de tudo isso. Vou te dizer, de uma vez por todas, por que fui embora. Quem sou eu. Aliás, o que nós somos. Pense bem no que vou te dizer. Isso eu aprendi. Por mais que você me odeie ou que eu possa me sentir culpado, no fim das contas não tem como você não gostar de mim e nem eu de você. Sabe por quê? Porque você é meu filho e sou seu pai. Por mais que eu tenha sido escroto, nada, ninguém poderá mudar isso. Por isso a minha resposta é simples. Fiz isso porque sou seu pai.
"Bem ou mal, é isso que sou." Tudo vira eco diante da terrível verdade. De repente, fico apático. O trem diminui de velocidade e ameaça parar. Chega de tragédia pessoal. O meu pai é Darth Vader? Ah, o que me resta senão transformar a minha vida patética em uma grande tragicomédia? Eu rio, você ri, nós rimos. Será que errei? Rir é um verbo defectivo? Não existe "eu rio"? Isso quer dizer que os outros podem rir, menos eu? Calma, não pense que não tenho sentimentos. Estou tentando amenizar para você. Se soubesse como tudo isso é doloroso, mas preciso manter a minha pose de cara legal, finja que tudo está sob controle. Sorria.
— O que você faz agora?
— Tenho um boteco aí na esquina. E você?
— Não faço nada.
— Sei.

Que diálogo bacana.
— Eu só queria te perguntar mais uma coisa.
— Fala.
— Você adorava desenhar. Por que virou funcionário público?
Na verdade, essa pergunta era ainda mais misteriosa do que o motivo da sua partida. Eu sempre quis saber. E agora preciso saber.
— Meu pai, seu avô, queria que eu fosse policial ou que trabalhasse para o governo. Como eu não queria ser policial, fui trabalhar na prefeitura. — Eu me lembro. O meu avô era patriota. Estupidamente. Até homens sábios têm seus defeitos.
— Você jogou a sua vida inteira fora por causa do desejo do seu pai? Por quê?
— Ele ficou feliz e eu fiquei feliz com isso.
Eu nunca tinha pensado nisso. Sempre achei que nessa vida a gente tinha que fazer o que a gente quisesse. De certa forma achava isso o segredo para a felicidade. Mas o que é isso? Altruísmo? Resignação? Sacrifício? Sabeo que é pior? Eu entendi. Eu entendi por que ele ficou feliz. E sei que ficou feliz mesmo. De verdade. Ele amava o seu pai.
— Está na hora de ir.
— Eu sei. Eu… — de novo.
— O quê?
— Nada.
— Não pense que eu não odeio mais você. Ainda tenho motivos. Esse nariz por exemplo, é feio pra caralho.
Levanto decidido. Ele ri. Enquanto saio pelo portão eu “rio” também (tomara que exista essa conjugação). Bom, senhores, chegamos à útima estação. Se chorei ou ri, já não importa mais. Se eu ganhei um pai, também não. Só sei que algo ficou mais leve. Como se tivesse tirado o mundo das minhas costas de Atlas. Também não sei se voltarei a pegar este trem de novo. Só sei de uma coisa. Se você tiver algo pendente também, tente. Você pode ter uma boa surpresa. Ou não. Hahahaha. Desculpe. Mas quer saber de uma coisa? Começo a desconfiar que nada é tão sério nessa vida que não possa virar motivo de piada. Algumas coisas são difíceis, eu sei. Nem sempre isso é possível também. Mas de agora em diante vou tentar sorrir mais. Queria que você me visse agora.

Volto para casa e abro o compartimento secreto da minha caixa de discos. Você já deve ter percebido que as minhas referências musicais são todas estrangeiras. É sim, tem razão. O meu pai gostava muito de música brasileira. Muitos anos

depois que ele se foi, eu comprei alguns de que ele gostava, mas nunca consegui escutar até o fim. Sempre interrompia no meio. Ismael Silva, Mutantes e Cartola. E, por incrível que pareça, pela primeira vez em muitos anos, escuto até o fim *O Mundo é um Moinho* remoendo todas as letras.

Estou andando faz um tempo, puto. Muito puto, completamente puto. Eu tinha ligado para o Dimi e a mãe dele disse que ele foi para o *Passenger*. Que traíra. Veio com aquele papinho de que era amigo e ele foi sozinho. Sabendo que aquilo é a minha única fonte de renda no momento. Sem as aulas, agora estou fodido. Bom, na verdade eu tenho uma pequena economia, o que é raro. Mas o que me deixou puto foi o que o Dimi fez. Atitude, alguns diriam. Devia ter me ligado. Filho da mãe. Por isso eu digo que não tenho amigos. Que decepção. Decepção mesmo. O pior é que não sou muito bom de me virar. Acabei sendo "DJ" por acidente. Agora me vejo tendo que me virar para arranjar um outro lugar para discotecar. Já passei no *Nintendo*, bar de molecada que toca anos 80, *Flamingo*, que imita (aliás imita bem mal) um cassino de Las Vegas, *Studio DJ* que parece muito com o *Passenger* e o *Bar 54*, moderninho demais para o meu gosto. Estou desanimado. Quanto "não" por um dia! Amanhã ainda tenho *London*, *Universe* e *Boderline* para visitar. Preciso de sorte.

Enquanto caminho pela Paulista em direção ao metrô vejo uma placa em que nunca reparei, no segundo andar de uma loja de discos. *The Killer*. Nome de barzinho alternativo, não acha? Resolvo arriscar.

— Ei, o bar ainda não está funcionando.

Bingo. Já deu para sacar pela decoração. É um bar de rock alternativo.
— É… Não é isso. Eu nunca tinha visto a placa. É novo aqui?
— É sim. Abrimos faz três semanas. Só vai funcionar daqui a pouco. Daqui a duas horas para ser exato.
— É que sou DJ. Por acaso você não está precisando de um? Quem toca aqui?
— Você é DJ? Onde você toca?
— Toco no *Passenger*. Aliás, tocava. Estou procurando um outro lugar.
— O que aconteceu?
— Eu… tive um desentendimento com o Paulão.
— O Paulão… Mas quem não se desentende com o Paulão?
— Pois é. Conhece?
— Digamos que somos amigos. Mas quem está discotecando aqui por enquanto

sou eu. Talvez você pudesse voltar amanhã e tocar um pouco. Que tal?
— Seria ótimo.
— É só chegar mais ou menos a essa hora para dar uma checada no seu som. Quer dar uma olhada na casa?
— Quero sim. Obrigado.
É um bar simples na verdade. Com chão quadriculado, sofá de vinil vermelho, pista bacaninha. O lugar é bem simpático.
— Me chamo Edu e você?
— Mr. Fahrenheit. É o meu nome de guerra.
— Sim, entendo — sorri. — Olha, vou te dizer uma coisa, viu? Isso aqui vai ser a melhor casa *underground* do Brasil. Um "CBGB brasileiro". Melhor, um "CBGB paulistano". Porque "brasileiro" é depreciativo.
Eu, hein? E eu que me achava megalomaníaco.

Volto no dia seguinte com meu *case*. Entro na cabine e me preparo. Algo com *hits* e um pouco de *indie* mais melódico. O Edu fica no lado oposto da cabine encostado na parede.

— Pode tocar.
— Ok.
Faço o que estou acostumado. Mas o Edu permanece impassível. Nem descruza os braços. Caralho, assim fica difícil. Acho que o cara não está gostando.

— Para, para — Edu sinaliza.
— O que foi? Você não está gostando?
Ele vem chegando até a cabine sem mudar a expressão do

seu rosto. Coloca a mão no meu ombro e diz:
— É matador! Está contratado — matador. *The Killer*. Nada mais apropriado.
Mas a minha alegria se transforma em decepção dois minutos depois.
— O quê, Edu, você vai me pagar só R$ 120,00? Em dois dias vou ganhar quase a mesma coisa que em um dia de trabalho no *Passenger*.
— Opa, você não está entendendo.
— Já sei. Se eu não quiser, tem outros querendo. — Não, não é isso. Você devia ter orgulho de tocar aqui.
Afinal…
— Já sei, é CBGB paulistano.

— Isso! Na verdade você devia pagar para tocar. É sério.
Entende?
Puta merda. E eu que me achava megalomaníaco. — É isso ou nada? Não pode aumentar para R$ 150,00? — Não, não posso.
Desgraçado, pão duro. Eu juro que senti uma pontada de
saudade do Paulão. Pelo menos o cara não era sovina. — Tá legal. Eu topo.
Quinta e sexta, é isso?
— Fechado.
Bom, pelo menos tenho um emprego. Vou ter que trabalhar em dobro, é verdade. Mas pelo menos me livrei do Paulão
e… daquele falso amigo, mas que amigo, Dimi.
— Alô? Ah é você, Dimi? Não estou a fim de conversa. Já
estou sabendo. Não quero saber. Não. Além do mais já arrumei um outro lugar para tocar. Conversa. Se o Paulão quisesse
teria chamado nós dois. Ah é? Você foi antes para tentar convencer o Paulão a me chamar de volta? Conversa. Não quero
mais falar com você. Valeu. Tchau.
Eu vou me virar. Sempre fui sozinho na vida, não é? Não
preciso de ninguém. Que se dane. Vou voltar a viver como
sempre vivi. Sozinho. Completamente sozinho. Eu e o meu
livro. Foda-se.

Sozinho. Sozinho estou eu aqui na cabine. Ninguém na pista. É o meu segundo dia. Ontem já foi bem fraco. Hoje, que teoricamente tinha que ter gente, porque é sexta, está às moscas. Edu chega perto da cabine.

— Não esquenta não, as pessoas estão descobrindo aos poucos.
— Você não está fazendo divulgação?
— Estou sim. Mas eu quero que as pessoas descubram sozinhas.
— Edu, onde você acha que está? Precisa divulgar.
— Vem amanhã um cara da *Folha* fazer uma reportagem.
— Ah é? Isso é legal.
— Já estou até vendo. “CBGB paulistano”. Continuaí que o som tá bom.
Entram dois carinhas na pista, mas logo em seguida saem. Mas não se preocupe, eu fiz escola de pista vazia. Sabe, a cabine é a última trincheira da moralidade de um DJ. É nisso aqui que a gente precisa se defender. Como na guerra. As músicas são as minhas armas. Que viagem. Em resumo, não acho ruim tocar

para uma pista vazia. Aliás, DJ que é DJ nunca deve se preocupar com isso. Quando é assim, aproveito para tocar as músicas que gosto. Para mim mesmo. Sozinho. Não me importo.
Mas o que são as lembranças? Ao pensar nisso, lembreime da vez em que o *Passenger* também estava vazio. Minto, até que tinha algumas pessoas no bar. Mas sem ninguém na pista. De repente, a Ginger entra com tudo na pista e começa a dançar que nem uma louca (já estávamos namorando). Eu saio da cabine e digo:
— Gui, não precisa. Eu não fico chateado porque não tem ninguém na pista. Pode ficar no bar. Não se preocupe. — Seguro no braço dela.
— Ei, (ela me olha feio e solta o braço) quem disse que estou querendo levantar a sua moral? Eu gosto dessa música. Eu estou dançando por mim mesma. Me deixa.
Hahahahahahahahaha. E era verdade. Então eu volto para a cabine e toco *Dancing with myself*. Eu sei que ela gosta dessa música. "Dançar por mim mesma". Ela pula mais do que nunca.
Sinto saudades dela. Toco *Dancing with myself*. A pista continua vazia. De repente, me sinto realmente sozinho. Fico olhando para a porta esperando que a Ginger entre correndo. É o mesmo sentimento de esperar no portão de casa pelo pai que nunca voltava. Mas nada acontece. De modo que discoteco para mim mesmo.

Assim, passa mais uma semana. O movimento está melhor. Mas o Edu inventou de escrever no *flyer*: "Eleita a casa mais *underground* de São Paulo".

— Mas Edu? Eleita onde? Por quem?
— É marketing, meu amigo, marketing.
Ah, se soubesse que eu estudei isso na melhor faculdade

do Brasil...
— Mas é brega isso, Edu. CBGB nunca colocaria isso num *flyer*.
— Ahã! É porque a nossa casa é muito melhor que CBGB original. Sacou, entendeu?
Ai meu saco. Sinto mesmo saudade do Paulão. Paulão era carrancudo e chato, mas não era um mala sem noção. Acho que não vou aguentar muito tempo aqui.
— Vou para a cabine.

— É isso aí, campeão. Arrebenta!
Resolvo começar com *Don't stop me now*, do Queen. É a música que toco quando tenho crise de identidade. Hoje estou precisando me afirmar. *Two hundred degrees that's why they call me Mr. Fahrenheit*. Muitos acham que por isso me chamo "Mr. Fahrenheit". Eu não contrario. Não tenho mais saco para ficar ouvindo: "Quem é Truffaut?".
— Ei, toca Smiths? — um moleque de óculos fundo de garrafa me pede.
Ai meu saco. Hoje vai ser difícil.
— Eu vou tocar mais tarde. — O moleque faz o dedo positivo. Passam mais alguns minutos.
— Por favor, será que você pode tocar The Cure? — Mas eu já toquei.
— Ah, desculpe, estava no bar. Então pode tocar Duran Duran? Ai meu saco. É hoje. Eu não tinha comentado sobre esses seres FDP da pista que ficam pedindo música até agora, né? É que isso é normal, corriqueiro. Isso sempre acontece. Por isso, nunca comentei. A não ser que você seja um DJ de *techno*, isso vai ser inevitável. Falando em *techno*, me lembrei de um diálogo para você rir e me distrair um pouquinho. Aconteceu de verdade comigo.
— Eu adoro som de balada, sabia?
— É mesmo? — respondo seco.
— Por exemplo, técnico. Eu adoro técnico.
— Técnico?
— É. Mas sou eclética. Também gosto de eletrônica. Hahahahahahahaha. Só rindo mesmo. De fato nós DJs (olha eu falando como representante da classe) odiamos as pessoas que ficam pedindo músicas. Se você é frequentador de alguns desses bares e fica pedindo música, por favor não faça mais isso. É irritante pra caralho.
— Você tem Bowie?
Meu Deus, o que está acontecendo hoje? Soltaram todos os PM (Pedidores de Música) num mesmo lugar? Tô sendo patrulhado?
— Eu estou tocando *indie*. Acho que não vai combinar, não acha?

Como sou educado.
— Eu sei. — Enfim, alguém que tem bom senso. — Mas toca? Caralho. Que merda. A garota Duran Duran se aproxima
de novo da cabine. Que medo.
— Então você não vai tocar Duran Duran?
Grrrrrrrr.
— Se eu tocar, você vai me deixar em paz?
— Ai, como você é mal-educado.
Pensando ingenuamente que vou me livrar da garota, eu
toco Duran Duran. O que faz com que surja um efeito colateral desagradável.
— Ei, você falou que Bowie não ia combinar, e isso aí? Ai meu saco, quero ir embora. Quando acho que o pior já
passou, a garota se aproxima de novo. Fico desesperado. Estava cochichando com amigos. Procuro desesperadamente uma
caneta e um papel. Escrevo e grudo rapidamente no vidro da
cabine.
“Não tenho o que você está pedindo”.
— Grosso!
Ela se vira e se retira com todos os amigos da pista. De
modo que só sobra o garoto *Bowie* que está dançando com a
parede. Mas, ao ver que todos saíram, grita lá do fundo: — Ei, agora toca Bowie?
Ai meu saco.

Os meus dias têm sido chatos. Tremendamente solitários e tediosos. Sinto que vivia quando estava com a Ginger. Agora parece que eu flutuo. Simplesmente vou seguindo o fluxo do tempo. O único contato com a vida é quando escrevo. Ultimamente nem tenho conseguido dialogar com as pessoas. Quer dizer, conversar. O meu dia agora é um completo silêncio. Nem música coloco quando chego em casa. Quando vou para a *Killer*, as minhas falas se resumem a “Como vai, Edu?”, “Com licença” e “Até amanhã”, que tem variação na sexta “Até a semana que vem”. Agora eu só consigo me expressar através do meu livro. Eu pergunto, e a Ginger em forma de Kubikova me responde. Ela me pergunta, e eu respondo no livro o que não digo e não consigo na vida real. Eu sou um autista literário. Só converso com meu livro. E não sei se isso é bom ou ruim. Quer saber? Acho que estou mal. Bem mal.

É mais um dia da semana. Agora não consigo nem precisar a passagem do tempo.
Solidão. A solidão é o sentimento mais presente na minha vida. Talvez seja o que move a minha vida. Ao mesmo tempo em que me paralisa. Creio que esse grande paradoxo nunca vai me deixar. Agora mais do que nunca viajo de ônibus sozinho, almoço sozinho, janto sozinho, faço compras sozinho, bebo sozinho, falo sozinho (não frequentemente, porque senão alguém me internaria) e, claro, discoteco sozinho. Estou pensando em dedicar um capítulo inteiro do meu livro à solidão. *O Grande Capítulo da Solidão*. Nada que os outros já não tenham escrito antes. Mas quero deixar o meu depoimento. A solidão de uma garota da República Tcheca perdida num país tropical. Ela deve sentir até falta do frio. Dizem que lá faz -20ºC. Ou do seu antagonista, que nunca consegue encontrar seu lugar no mundo. Sim, o meu livro, apesar de tudo, é sobre encontros. Sobre um amor quase impossível e improvável. Dois solitários que colidem, amam e resolvem aceitar um ao outro, mesmo sendo de mundos completamente diferentes. Mas unidos pela solidão. Porém ultimamente ando pensando em mudar o foco do livro. E se esse brasileiro perdido fosse um milionário? Seria interessante, não? Uma história de amor entre uma garota tcheca e um milionário brasileiro. Uma garota pobre de um país frio e um rapaz rico de um país tropical. Talvez emocionalmente ela fosse quente e ele frio. Acho uma boa ideia. Pelo menos quebraria estereótipos. Ou será que eu os consolidaria? Será que mudo? Na verdade, no começo era assim. Só depois decidi mudar. Será que volto? Quem sabe? Você vai ter que conferir nas livrarias.
Lua cheia. Isso me faz ficar ainda mais melancólico. Acho que vou tomar whisky (como sou previsível). A lua me faz lembrar um diálogo com a Ginger.
— Ei, é lua cheia. Olha só como está linda.
— E eu com isso?! — Tinha acabado de reclamar que não estava conseguindo escrever nada que prestasse.
— A lua cheia é tudo, se soubermos direcionar as energias. Afinal, a lua move marés. Tente de novo.
Mas o que eu ia querer agora? Sim, conversar com alguém. “Direcionar energias?” Eu nem acredito em horóscopo. Como faço isso? Abro o jornal. Não, não vou ler horóscopo. Está tendo uma mostra do Antonioni. Filme de hoje? *A Noite*. Fantástico. Esse filme faz parte da trilogia da incomunicabilidade. E, no fim, tem um dos diálogos mais bonitos que já vi sobre a solidão. Já sei! Se você me encontrar hoje fala comigo? Esquece…
Quer saber? Quando eu era adolescente, eu adorava Truffaut. À medida que vou

amadurecendo (foi mal, ficando velho), eu gosto cada vez mais do Antonioni. Taí. Está decidido. Vou ver *A Noite* do Antonioni na noite de lua cheia. Pelo menos o filme vai conversar comigo. “Direcionar energias”: como faço isso?

Fila na bilheteria. “Cinemanés” não desistem. Fila no saguão para tomar café. Eu quero distância das filas. Escolho um canto diametralmente oposto à fila. Encosto na parede perto dos bancos. Mas quanta fumaça! Viro e vejo uma garota magra de cabelos curtos com franjinhas fazendo mais fumaça do que trenzinho a vapor. O pior. Mal acaba de terminar um, acende outro cigarro. Percebo que o cinzeiro está cheio de bitucas. Daria uns… dois maços!

— Você é viciada em cigarro, hein? — eu não estava conversando, mas isso foi espontâneo.
Ela vira lentamente o rosto solta uma baforada quase na minha cara.
— Não sou viciada em cigarro. Sou viciada em cinema — e continua dando baforadas.

Ela é bonita, sim. De aspecto frágil. Saias e sapatos estilo Dorothy do *Mágico de OZ*. Vermelho. Mas o que mais me chama a atenção é a maquiagem.

— Você está maquiada como Daryl Hannah do *Blade Runner*? — sim, isso também foi espontâneo.
Mas desta vez ela me ignora. Ela apaga o cigarro e pede licença. Já vai começar o filme. Eu sigo a garota e sento exatas duas fileiras atrás. Eu não consigo tirar os olhos dela. Acho que é a primeira garota pela qual eu tenho um mínimo de interesse depois que me separei da Ginger. Minto. Transei com a Jaque mais uma vez até constatar que isso não ia me levar a absolutamente nada. Também liguei para a Dani uma vez, não sei por quê (acho que estava me sentindo miseravelmente sozinho), mas percebi a tempo que é melhor ficar só no telefonema. Termina o filme. “Direcionar energias.” Belíssimo filme. Acho que eu vi a garota com maquiagem de andróide chorando numa das cenas. Fico rindo sozinho, pensando que vai borrar a maquiagem. Fico esperando ela se levantar. Mas ela não se levanta. Penso: “O que estou esperando? Que bobagem.” Eu me levanto e saio.
— Ei!
Eu me viro.
— Você esqueceu a sua carteira — é o senhor que estava sentado ao meu lado.
— Ah, sim. Obrigado.

Acho que vou tomar um café. Tá bom. É um pretexto para ver se a garota andróide passa.
— Capuccino? Vai demorar um pouquinho. Precisamos substituir o filtro.
— Sem problema. Espero — ainda por cima eu abro um sorrisão.
Na metade da troca do filtro a garota andróide sai do banheiro e passa por mim.
— Acho que vou cancelar o cappuccino. Deixe-me ver… Me dá um cigarro?
Eu saio correndo com um maço de cigarros na mão. Encontro a andróide logo mais à frente.
— Ei, você esqueceu o seu cigarro.
Por um momento faz menção de procurar na bolsa.
— Não. Não é meu. Mas… aceito — sorri maliciosa e tira o maço da minha mão.
Ok, ok. Tive uma boa ideia. Mas ela acabou comigo. E, agora, como continuo?
— Você quer tomar alguma coisa comigo?
— Que tipo de bebida?
— Cerveja?
— Ah, não. Eu só tomo forte.
Ai caralho. Eu falei cerveja porque mulheres não gostam de bebida forte.
— Quis dizer, *Bock*, com maior teor alcoólico — tento consertar.
— Não gosto de cerveja.
Que merda.
— Eu… Eu estava tentando te agradar. Eu gosto mesmo é de whisky. Sem gelo de preferência — quase grito.
Sem gelo foi exagero. Mas precisava consertar. Quase que desesperadamente.
Ela sorri. Preciso raciocinar rápido.
— Eu tenho meia garrafa de Fundador no *Light*, logo ali na Paulista. Gosta de Conhaque?
— Gosto. Só não gosto do *Light*. Para mim é um lugar *Heavy*. Cheio de mauricinhos — ela me analisa. — Você não me parece do tipo que frequenta esses lugares.
Quero explicar que *Light* não vem de leve, e sim de luz. Mas deixa para lá.
— Tem razão. Posso te explicar enquanto a gente vai para lá? Vamos pela bebida então. O que acha?
Ela concorda. Caminhamos. De repente, ela para. Olha para mim com olhos arregalados, como quem vai fazer a revelação da vida dela.
— Como você se chama?
E agora?

— Rocco. Meu nome é Rocco.
— Rocco? Como *Rocco e Seus Irmãos* de Visconti? — É isso mesmo.
Isso mesmo.
— Gostei! Seu pai deve ser cinéfilo.
— Eu diria que a minha vida dá um filme.
— Puta clichê.
— Ah, isso também. A minha vida é um puta clichê.
Ambos rimos. No caminho ela me conta que toda noite sai com um tipo de maquiagem de um personagem de cinema. Diz que outro dia saiu de Cruela, de *101 Dálmatas*. De Julia Roberts de *Uma Linda Mulher* também. Tem dezenove anos e está fazendo faculdade de cinema. Mora com a mãe e uma irmã.
— E você, como se chama?
— Meu nome é Marjory, com “y” no fim. E não “ie”.
Para de novo e segura o meu braço.
— Eu não gosto que me chamem de Meg, tá legal? Meu nome é Marjory!
Ops, estou notando uma ponta de psicopatismo aí (será que existe essa palavra?). Tento disfarçar acelerando o passo.
— E você, o que faz?
O chato de conhecer alguém é que você precisa explicar toda a sua vida de novo.
— Eu toco nas horas vagas.
— O quê?????
Esperaí. Pela cara que ela fez e a entonação… A Meg (isso é pensamento, em pensamento pode) não tá pensando que eu fiz uma... Não, ela não pensou que eu fiz uma piada infame. Assim do nada. Fico abismado com o raciocínio dela.
— Você não tá pensando que fiz uma piada de que eu me mastur…
— Conheço cada louco. Não me surpreendo com mais nada.
— Eu quis dizer que eu discoteco. Toquei no *Passenger*.
— Ah, tá. No *Passenger*.
— Você conhece?
— A minha amiga Paty trabalhou lá.
— Você é amiga da Paty?
Por um momento, fico pensando como vou manter o conflito de nomes. Bom, se ela virar algo sério eu conto. Mas como a maioria das vezes isso não acontece, vou administrando. Mas que mundo pequeno.
— Conheço Bang também.
— Mas que mundo pequeno.
— É. Esse mundinho *underground* é bem pequeno.

— Você conhece o Edu?
— Tem tantos Edus.
— O Edu do *The Killer*.
— Conheço — fico assustado. — Fui na inauguração do bar.
“O CBGB paulistano.” Falamos juntos. Estou gostando dessa garota. Apesar de demonstrar alguns comportamentos estranhos do nada, é uma garota legal.

Sento na mesa de frente para ela. Ela tem olhos castanhos claros como se fosse algum personagem de mangá. Grandes e redondos. Usa batom cor da pele e está vestindo uma espécie de saia-macacão preta com camiseta branca por baixo. O cabelo curto loiro com franja a deixa aparentando muito menos idade. Todos ficam olhando para a maquiagem dela.

— Você não se incomoda?
— O quê? A maquiagem? Que se dane. A cara é minha.

Faço o que eu quiser — responde dando de ombros. — Já escolheram? — É a linda garçonete.
— Você não lembra de mim?
— Não estou lembrado.
— Sou aquele que pediu uma garrafa de Fundador uma vez. — Ah, sim.
— Pode trazer para mim?
— Faz tempo que você não vem aqui — diz olhando para a

Meg (já disse que em pensamento pode) tentando disfarçar que na verdade nunca mais apareci. — Vou ver se tá lá. Seu nome é… Ah, não precisa. Só deve ter uma garrafa de Fundador.

Ufa, uma explicação a menos.
— Hemingway? Que nome é esse? –
Meg me pergunta lendo na garrafa. Esquece o negócio de

poupar a explicação.
— Não conhece? Um escritor. Ele adorava o Fundador. Co
loquei em homenagem a ele. — Pô, até que foi fácil. — Eu gosto de outro tipo de literatura. Sade, Bataille, Baudelaire, sabe, os malditos.
— E os *beats*? — Já estou me preparando para colocar no
hall dos amigos (que amigos, conhecidos) e fazer um retrato

falado.
— Só gosto de Bukowski.
Quase...
Mas uma coisa fica evidente, à medida que o nível da garrafa vai baixando, a garota vai ficando cada vez mais alta. Começa a dizer, melhor, não começa a dizer coisa com coisa alguma. — Sabe, as pessoas não sabem de nada. Têm que se libertar. Têm que fazer o que tem vontade. Têm que trepar. — O quê???????
Ela ameaça subir na mesa. Eu a seguro pelo braço e ela não para de rir. Mas, do nada, de repente fica cabisbaixa. — Sabe que eu perdi um bebê?
— O quê?????? — É. Já viu que essa vai ser a minha frase a noite inteira a partir de agora.
— É. Quando eu tinha dezesseis anos, eu já namorava desde os catorze. Aí fiquei grávida dele. Um dia eu estava subindo a escadaria para contar que tinha ficado grávida, eu vi ele transando com a minha prima. Rolei escada abaixo. Eu perdi o bebê. — Meg levanta a franja e mostra um calo. — Tá vendo? Olha só a marca.
Meu Deus. O que é isso? Onde estou? Logo eu que evito todo e qualquer melodrama. Esdrúxulo. Que roteiro de novela mexicana de quinta. É tragicômico além da conta. Mas como ela ficou séria demais e me contou num contexto completamente sem nexo, não tenho coragem de fazer ironia. Fico calado. Mesmo porque ela começa a chorar. Fico muito sem jeito olhando para as outras pessoas. Eu não sei o que fazer. Só sei que essa garota possivelmente sofre de algum distúrbio emocional. Bipolar? Tá bom. Ela é louca.
— Ei, vamos dançar? — Meg se levanta do nada e diz quase sorrindo.
— O quê??? — Calma que ainda vou dizer muito isso. — Dançar. Eu quero dançar. Onde podemos ir? — Hoje é terça. Deixa eu pensar. — Será que não estou desconfiando suficientemente da mudança súbita de humor dessa garota?
— Lembrei! Hoje tem GB no *Underworld*. Conhece o GB? — Não.
— Não? Não acredito. É o melhor DJ de São Paulo. Bom, na minha opinião, claro. Vamos lá! — Já esqueci das loucuras

da garota. Estou entusiasmado para ver o GB tocar. Você sabe, sou apenas um tocador de músicas. Mas o Gustavo Bell, vulgo GB, é um DJ de verdade. É ele que me faz
saber das últimas novidades. Além do bom gosto, ele tem
uma técnica apuradíssima. Ele é o meu DJ *Hero*. (Não tem
Guitar Hero? Então.) Por isso, GB significa para mim *Golden Boy* também.
Chego no *Underworld* e como sempre o Douglas está na porta. O Douglas, Negão, é um dos *promoters* mais simpáticos de
São Paulo. Com seu cabelo "chuquinha" está sempre sorridente.
Ninguém faz amizade tão fácil quanto ele. Penso em chamá-lo
para organizar o lançamento do meu livro. Como eu o conheci? Ele teve uma breve passagem pelo *Passenger*. Na verdade,
quando você trabalha na noite acaba conhecendo todo mundo. — E aí, negão, como é que tá?
— E aí, Fahrenheit, beleza? Quanto tempo. Espera um
pouco. Sim. Sem nome na lista é trinta. Isso. Fala, Fahrenheit,
como vai *The Passenger*?
— Saí de lá. Estou no *Killer*.
— Sei. "O CBGB paulistano." — Não é que essa merda
pega? — Fá, hoje tá uma loucura. GB vai tocar.
— Eu sei. Por isso que a gente veio.
— Quem é essa garota linda? — ele beija a mão dela. — Essa é a Meg… Quer dizer, Marjory.
— Olá. — Meg responde.
— Acho que eu já te vi em algum lugar.
— É bem possível.
— E aí, negão? Tem jeito de liberar a gente?
— Mas é claro. Meus amigos são sempre VIPs. Pode entrar
— ele retira a cancela.
— Valeu. Vê se dá um pulo no *Killer* depois. Aquele lugar
precisa de um *promoter* como você.
— Pode deixar. Divirta-se, Fá. Até mais. — fala virando
para atender as pessoas.
Fá? Só me faltava essa. Bom, a outra coisa de trabalhar na
noite é isso. Somos VIPs em quase todas as baladas. — Quer beber alguma coisa?

— Tequila.
— Certeza?
— Absoluta.

Ela vira não uma, mas duas doses ainda no balcão. Pede licença para ir ao banheiro. Enquanto espero, peço uma cerveja. Meg demora para voltar. Resolvo subir para ver. Fico procurando. Finalmente, a encontro num canto escuro atrás do sofá, de costas para a parede.

— Estava procurando você. O GB já vai começar a tocar.

Ela, a princípio, se assusta um pouco. Algo brilha no dorso da mão esquerda esticada como se fosse desferir algum golpe de caratê. É cocaína.

— Quer um pouco? — Logo depois ela enrola uma nota e cheira. Fico olhando abismado. Nunca vi alguém usar a mão. — Você não é careta, não é?
— Não. É que parei há um tempão.
— Vamos. Só para curtir a noite.
— Não sei.
— Toma. — ela me passa o saquinho.
Talvez para aguentar as loucuras dela só ficando louco mesmo. Bukowski. De repente, me lembro de um conto: “A garota mais linda da cidade”. Nesse exato momento, eu a apelido em segredo. Ela é “a garota mais louca da cidade”.
Ok. Vamos nessa. Insanidade se combate com insanidade. Faço o que tenho que fazer e a conduzo até a pista. GB manda um remix de *Juliet* que não toco no *Killer* porque os *indies* xiitas me apedrejariam. Danço como há muito tempo não dançava. A Meg pula como se tivesse molas. Por um momento fico observando ela dançar. Não consigo evitar o riso. Ela tem dois passos básicos. Um: de olhos fechados, ela ergue os dois braços como um boxeador, de punhos fechados para fora e mexe os braços para cima e para baixo. Dois: ela abaixa os dois braços e mexe os ombros balançando os braços para cima e para baixo como se lavasse roupas no tanque. Que figura! Eu e o meu incrível talento para encontrar pessoas com história louca de vida. No meio da euforia, não sei se é por causa do efeito da droga ou do meu encontro recente, conto que meu pai foi embora quando eu tinha treze anos. Eu nunca tinha dito isso a ninguém a não ser para a Ginger. Também cogito a hipótese de que foi uma tentativa de me solidarizar com a história triste da Meg.

GB emenda com *Jet Stream* de New Order. Fantástico! Esse remix eu ainda não conhecia. Mas acho que essa eu posso tocar no *Killer*. É genial. Faço o dedo positivo da pista e o GB me reconhece. Bate palmas e aponta o dedo para mim.

Enquanto viro "mola*man*" na pista procuro Meg. Ela desapareceu. Fico preocupado. Passo o olhar pela pista e a encontro, completamente imóvel, num canto da pista, em pé.

— Meg, Marjory, o que foi? — Ela pega na minha mão e me guia para fora da pista.
— "Através da noite foi a lua que revelou um sonho…"
Ela recita um poema do nada com uma voz que derreteria todos os *icebergs* do mundo. Mas assim do nada?
— "Através da noite dormi e me apaixonei. Sinto-me cansada e adormecida num oceano profundo. Não queria chorar, mas naquele momento permiti que eu chorasse e dissesse que te amo. Não quero que essa noite acabe mais. Quero que tudo continue através da noite."
Sei lá se isso tem algum valor literário. Pode até ser ingênuo e muito possivelmente brega. O fato é que eu gostei. Gostei muito. Você precisaria ouvir isso na voz dela para entender do que estou falando.
— De quem é? É seu?
— É. Pra você.
— Pra mim?
— É. Eu gostei de você.
— Eu também gostei de você. E agora o que quer fazer?
— Trepar. Vamos trepar.
Sim, diga a frase da noite.
Sim, "trepamos" a noite inteira. Continuamos na obviedade. Apesar de eu estar preocupado por causa da substância, não houve problemas. Mas antes de cair no sono profundo pensei que talvez eu estivesse desenvolvendo algum tipo de sentimento de piedade com a Meg. Uma garota frágil com uma história quase inverossímil de vida. Ficava pensando o que eu poderia fazer para ajudá-la. "E, para piorar, a minha mãe virou puta. Fica saindo com qualquer um e deixa a Simone em casa sozinha." Enquanto ela aninha a sua cabeça no meu peito, eu passo a mão pelas franjas como se penteasse os cabelos. A vida dela estava realmente embaraçada.

Acordo, pensando que a minha vida de repente virou algum conto de Bukowski.

“A garota mais louca da cidade.” Sorrio. Logo eu fã de clássicos. Lembro que um amigo (que amigo?) que fazia letras dizia: “Você é um Bloom tropical”, referindo-se ao crítico que defende com unhas e dentes a leitura de clássicos. Mas, pensando bem, o meu *modus operandi* mais parece coisa de *beat*. Pensando bem, eu acho que você pode encontrar coisas boas em tudo. Quer seja em *beats* ou em clássicos. Por exemplo, se você não conhece o conto “A garota mais linda da cidade” de Bukowski, eu te aconselho a ler agora. Você vai ver. A história da Meg vai ganhar um outro significado. Aliás, mais significados. Vai lá.

— Foi uma loucura, não? Meg? Marjory?

Procuro por ela pelo apartamento. Nada. Checo a porta, que está aberta. Putz, eu nem peguei o telefone dela. Quando volto para a cama encontro um bilhete: “Eu te procuro. Marjory.” “Eu te procuro.” Bem ao estilo de “A garota mais linda da cidade” ou melhor, “a garota mais louca da cidade”. Só podia ser assim. Tenho uma ideia. Coloco para tocar *Ruby Tuesday* de Rolling Stones. A vida talvez realmente nunca seja gentil com ela. Talvez ela morra o tempo, todo durando somente enquanto sonha. Talvez no fundo ela nem tenha um nome. Talvez eu nunca saiba de onde ela veio nem para onde vai. Mas uma coisa é certa. “Mesmo que ela mude todos os dias, ainda assim vou sentir saudades dela.” Divago enquanto olho para os prédios, procurando em vão as lembranças perdidas, desenhando com o dedo na janela o itinerário de ontem como quem procura a saída de um labirinto.

— Edu, você conhece a Meg? Quer dizer, Marjory? — A louca?
Eu dou risada.
— Só pode ser essa.
— Onde você conheceu a doida de pedra?
— Num cinema. Você conhece ela de onde?
— Acho que foi no *Nintendo*. Eu estava sentado no sofá. Do

segundo andar. Lembra do *juke box de* lá? Ela estava escolhendo músicas e eu dei alguns palpites. Começamos a conversar. — Você sabe onde ela mora?
— Olha, vou te dar um conselho. Não se mete com essa garota não. Ela é louca.
— Eu sei. Aquela história que ela perdeu o filho porque viu o namorado transando com a prima é bizarra.
— Putz.
— O que foi?

— Sabe por que ela é louca?
— Ora, é porque ela não fala coisa com coisa. Se bem que no começo achava que ela batia bem. Mas não será por causa da bebida?
— Fahrenheit, sentaí que vou te contar uma história. Ela não é louca por isso não. Ela inventa histórias.
— Inventa histórias? Como assim?
— Por exemplo, essa história do bebê é mentira. — Como assim?
— A não ser que ela tenha resolvido ser sincera logo com você, o que é improvável.
— Não estou entendendo.
— Olha, uma vez ela me contou que o pai dela morreu de câncer. Que sofreu horrores. Também insinuou, tem que ficar bem claro isso, insinuou que tinha sofrido um abuso sexual. Só que eu conheci uma amiga dela sem querer. Quando falei da triste morte do pai da Marjory, ela me olhou torto. Perguntei: “O que foi?”. Ela respondeu: “Ele não está morto não. Os pais dela são separados. Pelo que sei, eles moram no Paraná. E acho que quem estava meio doente era a mãe dela”. Fiquei assustado. Encontrei a Marjory alguns dias depois e perguntei sobre isso. Ela disse que a Suzy, a amiga dela é que era louca.
— Hum… Não há possibilidade de ela não ter contado essa do namorado para você?
— O que foi? Você se apaixonou por ela? Ou você acha que ela pode ter se apaixonado por você? Amigo, ela faz isso com todo mundo. Não se sinta assim tão exclusivo.
Eu fico abismado.
— Vamos checar a história. Ela disse que mora com a mãe e a irmã.
— Ah, isso sim. Só que escuta esta. Fui levá-la na casa dela duas vezes. Já vou avisando que não sei onde fica porque era numas quebradas de Taboão e, olha só, para o seu próprio bem, mesmo que soubesse não diria onde é. Eu estava bem louco e ela ficava dizendo: “Direita, esquerda, direita, esquerda”. Só assim cheguei lá. Das duas vezes, levei mais de meia hora para achar a saída. Olha só que bizarro. Eu nunca vi a mãe dela. Isso porque ela me convidou para entrar duas vezes.
— Mas esperaí. Ela podia estar viajando ou na casa de algum parente, sei lá.
— Pô, Fahrenheit, deixa eu terminar. Não sou burro não. Isso foi depois de ter descoberto a história do pai dela. Fiquei procurando pela casa toda os vestígios da mãe dela. Imagine que lá só tinha dois quartos. Um era da Meg. O outro deve ser da mãe dela, certo?

— Claro.
— Mas no outro quarto só tinha coisas da irmã dela e ela dormindo. Eu fiz questão de ver quando ela foi ao banheiro.
— Você está me assustando.
— Não é só isso. Porra! Não pode ser!
— O que foi?
— Caralho! Essa história que você me contou. E se a irmã dela for na verdade filha dela?
— … Não pode ser, Edu, não pode ser. Isso é loucura.
— Eu ainda não contei o pior.
— Pior?
— Não sei se é pior. Mas o fundamental.
— O quê?
— Você já viu a identidade dela? Sabe se o nome dela é esse mesmo? Marjory? Ela só entrava na balada porque conhecia alguém. Nunca mostrou a identidade. Vou te contar mais uma. Não vai pensar que sou louco também. Sou apenas daqueles caras que sempre querem saber a verdade. Na última semana em que resolvi que nunca mais ia vê-la, aproveitei que ela estava dormindo e resolvi fuçar na bolsa dela. Sabe o que encontrei?
— O quê???
— Nada.
— Como assim, nada?
— Nada. Ela não anda com identidade. Ninguém sabe quem ela é. Ninguém sabe se o que ela conta é verdade. Cara, eu nem quero pensar nisso. Já imaginou…
— O quê??? — Tenho a impressão de que a noite continua.
— Já imaginou se ela é menor?
— Meu Deus. Mas a hipótese da filha dela?
— Sei lá, nesse caso, ela pode ser irmã mesmo. Só a mãe deve ser invenção. Ou vai saber se ela é menor e a menina ainda assim é filha dela?
— Sinistro. Sinistro. Pelo amor de Deus. Isso parece até filme de terror.
— Por isso, sai fora. É fria.
— E aquele curso de cinema que ela faz?
— O quê? Ela falou que faz curso de cinema? Ela nem tem onde cair morta. Se bobear, nem dinheiro tem para alugar filmes. Aliás, esse é um outro mistério. Onde ela arruma grana? Será que ela… — Edu gira a bolsa imaginária no ar.
— Você não tá insinuando que ela faz programas, né?
— Vai saber. Uma pessoa que inventa uma vida inteira deve ser capaz de

qualquer coisa.
— … Mas você tem o telefone dela?
— Meu, esquece. Você tá louco? Desencana. Você só vai ter problemas.
— Sei lá. Ela parecia tão…
— Tão o quê?
— Frágil. Talvez só precise de alguém que a compreenda.
— "Alguém que a compreenda?" Você tá louco também? Ela precisa é de um tratamento psiquiátrico.
— É que… Talvez eu possa ajudar.
— Ajudar? Como?
— Sei lá. Só sinto.
— Você é vidente? Algum tipo de sensitivo?
— Talvez ela tenha dito a verdade para mim.
— Eu não sei se você é ingênuo ou é gente boa demais. Ela só é bonitinha. Esquece.
— … Você tem o telefone dela?
— Você não desiste, não é? Não tenho. Eu apaguei.
— Você está dizendo a verdade ou inventou essa?
— Quem inventa é a Marjory, e não eu. Vê se esquece. Esquece.

Eu não consigo esquecer. Como diria o Iggy Pop: *Life is crazy*. Até alguns dias atrás eu era um completo solitário que pensava na ex-namorada de vez em quando. Agora só penso na Meg. Querendo encontrá-la. E agora, ainda mais, querendo saber qual é a verdade. Também não sei de onde vem a convicção de que eu posso ajudá-la. Não sei o que me faz pensar que sou diferente dos outros com quem ela saiu. Nem sei também se estou apaixonado. Eu fico pensando. Afinal, o que é o amor? Como sabemos se o que sentimos é o amor? Afinal, quem inventou as definições dos sentimentos? O que eu sentia pela Ginger era amor? E o que eu sinto pela Meg? O que é isso? Na verdade, eu desenvolvo um padrão de sentimento parecido e identifico como sendo amor? E se o amor for um sentimento completamente diferente? E se eu nunca vier a sentir "o amor" em toda a minha vida? Afinal, o que é o amor?

Terça-feira. Dia perfeito para tentar encontrar a Meg. Eu encontrei a Meg numa terça. O Edu disse que também a encontrou num dia de semana. Não tem muitos lugares legais na terça-feira. Deve ser fácil. Vou tentar encontrar a garota terça-feira. Ou a garota mais louca da cidade. *Ruby Tuesday*. Uma coincidência

assustadora. Mas vamos nessa.

Primeira parada: *Nintendo*.
Nada mais que o óbvio. Só tem molecada no lugar. Todos com modelito *indie*. Eles acreditam piamente que estão em Londres. Passo vistoriando as poltronas do andar térreo. Muitas garotas com meia soquete e saia colegial. Os caras com camiseta apertada, cabelo com corte desigual, cinto de tachos e o acessório universal *indie*: tênis *All Star*.
Tudo igual. O mais engraçado é que eles querem ser diferentes (autênticos) e tudo que conseguem é ser absolutamente idênticos. Se um alienígena caísse na Terra agora (mais precisamente no Brasil), poderia facilmente se camuflar de *indie*. É só beber bastante e balbuciar três nomes de bandas como se fosse fantasma: Pixieeees, Weezeeeer, Sonic Yoooouth. Para ficar mais autêntico é só acrescentar umas bandas *indies* da moda. No momento eu diria que pode ser Kaiser Chiefs, Arctic Monkeys ou Bloc Party (aqui podemos entrar numa discussão interessante. Talvez o que você estava querendo me dizer há tempo. Das minhas referências serem datadas. Muitas pessoas adotam isso como uma forma de crítica negativa. Acho que eles têm razão em um ponto: a efemeridade. De repente, vamos supor, daqui a alguns anos não existam mais *indies*. Aliás, por esse critério, o meu livro também vai ser datado. Mas o que é importante aqui não é o tempo, e sim os sentimentos e as intenções. Eu espero que você tenha o bom senso suficiente para enxergar o universal aqui. “Não há, na arte, nem passado nem futuro. A arte que não estiver no presente jamais será arte.” Por isso, eu fico com essas palavras de Picasso). Ok, você pode encarar como uma sátira. Mas é também um panorama cultural de uma parcela de jovens. Sinceramente, eu não sei quanto tempo vai durar isso, mas entendo como uma tentativa de resistência à cultura musical de massa. Eu sinceramente tenho simpatias. Só não gosto quando alguns se comportam de maneira excludente. É como se dissesse: “Ouça isso ou vista isso ou você está fora”. Não concordo e nunca vou concordar com esse tipo de coisa. Se tiver que classificar as pessoas, que as classifique em “legais” ou “malas”, independente da condição financeira, gosto musical ou qualquer outro critério. Uma vez eu toquei na *Europe 00*, reduto de mauricinhos, patricinhas e “playbolhas” (minha denominação para playboy mala). Era fácil porque eu tocava “Dance de raiz” (denominação minha também para Dance dos anos 90). Confesso que durei apenas uma semana devido ao excesso de playbolhas, mas encontrei também muita gente bacana. Por isso, longe das minhas generalizações para fazer piadas (mesmo porque, se

considerassem o meu gosto e a minha referência musical, eu seria um *indie*), queria que as pessoas se preocupassem mais em “ser” e não “parecer”. Ou melhor, se preocupar mais em “ser” do que “ter”. Em resumo, a gente deveria ler mais. Isso sim, realmente faria alguma diferença.
Nada. Nem sequer uma parecida com a Meg. Subo a escada. Está tocando uma banda. *Indie*, é claro. O vocalista é *poser* demais. Me dá ânsias de vômito. Procuro Meg. Ela não está aqui.

Segunda parada: *Doutor Fantástico*.

Tem um míssil bem na entrada. É claro que é em homenagem ao filme do Kubrick. Aqui costuma dar o que chamo de *modern people*. O público é um pouco diferente do *Nintendo*. Tem *indie* também, mas eu diria que é minoria. Aqui é mais para designers gráficos, artistas urbanos em geral e povo que trabalha com moda. Creio que é mais a cara da Meg. De fato tem algumas garotas que parecem a Meg. Cabelo curto e roupas estranhas. Primeiro, vou checar essa garota do balcão. Não, não pode ser. É alta demais. A outra da pista, já de longe vejo que não é ela. Não está dançando a dança do boxeador. Subo a escadaria. Avisto logo uma garota de cabelo curto perto da cortina. Ela está com a mão esticada e leva ao nariz. Só pode ser ela. Seguro na mão dela.

— Cheirando de novo?
— Ei, quem é você? O quê? — me larga.
— Er… Desculpe, confundi a pessoa.
Putz, que bola fora. Ela estava limpando o nariz. Que nojo. *Doutor Fantástico* já era. Agora não tem muitas alternativas. De repente, lembro do que ela falou: “Sou amiga do dono do *Neo*.” Lá vou eu de novo.

Neo é um bar inspirado no filme *Matrix*. Eu diria uma inspiração bem, mas bem superficial. Se bobear, só o nome. Musicalmente reveza entre *indie* e *electro*. Famoso pelas brigas. Sempre sai briga lá. O impressionante é que mesmo assim vive lotado. Acho que o *Neo* está mais para *Clube da Luta* do que para *Matrix*. O Carlão, leão de chácara, me deixa passar porque eu o conheci quando vim tocar aqui uma vez. No dia deu briga e eu desisti de tocar mais aqui. Entro e dou de cara com o bar. Meg não é do tipo de garota que fica no bar. Vou para a pista. Para chegar lá preciso atravessar um corredor escuro. Se bem que a pista também não é muito iluminada. Algo me diz que ela está aqui. Passo por alguns casais se beijando, uns bêbados escorados na parede e algumas garotas

conversando. No meio do corredor começa a tocar *Here comes your man* do *Pixies*. Eu adoro essa música. Nada mais apropriado, não acha? Um conhecido meu diria que é sincronicidade. Eu tenho essas coisas com música. Lembra do "Deus é DJ"? É por isso. Ele sempre toca as músicas certas para mim.

A pista está bem escura e razoavelmente cheia. Procuro uma garota com dança estilo boxeador. Não encontro. Procuro uma garota de cabelo curto. Bingo! É ela. Está encostando uma perna na parede e segurando um copo de whisky. Cabisbaixa, possivelmente bêbada, balança a cabeça como se estivesse ouvindo algum jazz. De repente, fico especulando o que eu poderia dizer. "Oi", "andei procurando por você?", ou, seria melhor, "procurei por você a noite inteira?" ou "que coincidência encontrar você por aqui?" Mas eu fico estático. Fico pensando o quanto eu quero descobrir a verdade da vida dela. Fico pensando se eu realmente poderia fazer alguma coisa por ela. Fico fantasiando sobre o encontro entre um homem com um buraco no peito e uma garota sem passado. No fim, fico com a certeza de que ela nem se lembra de mim.

— Dá licença? — É. Eu estou no corredor.

Dou um passo para o lado. Uns cinco metros nos separam. Me concentro no copo de whisky dela. Percebo que sempre seremos irremediavelmente pedaços de gelo que flutuam num copo de whisky. A não ser que Deus queira juntar a metade do meu coração partido com a metade dela, tudo não passaria de uma colisão de *icebergs* nas proporções de uma dose de whisky. Eu dou as costas. Não havia nada para fazer, nem dizer. Me concentro em pensar na possibilidade de fundir os dois corações partidos em um.

De repente, ouço a voz da Meg:
— Está escuro. Está sempre escuro!
Faço esforço para não voltar para a pista. Enquanto tateio

a parede do corredor, sentindo arranhões, penso em uma maneira de remover as minhas camadas de solidão. Quando saía pela porta, eu juraria que ouvi *Tenderly* do Chet Baker sendo abafado por um barulho de briga vindo da pista.

— Procurei por você a noite inteira. — Está escuro. Está sempre escuro. Tento beijá-la, mas ela me afasta. — Eu contei a verdade. Você não acreditou em mim. Você

não acreditou em mim.

Acordo assustado. Ainda sinto os olhos dela cravados em mim. Fico pensando se eu não deveria mesmo ter conversado com ela. Mas, antes de ficar completamente triste, resolvo tentar uma outra tática. Pensar em coisas agradáveis. Mas o quê? Ginger, não. *The Killer* não. *Kubikova*, agora não. Meus alunos talvez. Porsche, metrô, putz, tenho uma ideia. O que me faria realmente feliz. Pego o telefone.

— Er… Sou eu.
— Eu sei quem você é.
— Er… Eu estava pensando.
— O quê?
— Sabe, estou escrevendo um livro.
— Ah é?
— É. E eu pensei se você…
— Eu o quê?
— Você ainda desenha, né? Quer dizer, você pode desenhar. — Desenhar o quê?
— A capa do meu livro. Você podia desenhar a capa do

livro. A história é assim. Uma garota da Tchecoslováquia encontra um cara no Brasil. E…
— Ei, preciso desligar. Tenho que abrir o bar. Tchau.
Caralho. Sim, é ele. O meu pai. Eu engulo o meu orgulho e ligo para esse filho da… espera, desgraçado, e nem me dá bola. E eu achando que tive a ideia do século. Desgraçado. Eu nem devia ter ido lá. Nunca. “Tenho que abrir o bar.” Puta desculpinha de merda. Podia ter dito: “Alguém está apertando a campainha”. Seria menos pior. Bom, o que supostamente me deixaria feliz se transformou em raiva. Muita raiva. Estou furioso.

Chego no *The Killer* e tento aplicar a mesma tática, embora a primeira tentativa tenha sido frustrada.
— Edu, tive uma ideia. Uma puta ideia.
— Não é sobre a Marjory, né?
— Não. Essa eu esqueci.
— Ah, bom. Manda.
— Você conhece o GB?
— Não.

— Então deveria conhecer. É o melhor DJ de São Paulo. — E eu com isso? Esse Edu também é um pé no saco, às vezes. Tá bom, a maioria das vezes.
— O irmão dele se chama Carlos. E é DJ também. O GB significa Gustavo Bell. Bell é o sobrenome dele. Devíamos fazer uma noite com eles. Noite CBGB. Carlos Bell e Gustavo Bell. Não é perfeito? O que acha? — pergunto todo orgulhoso.
— Acho nada. Quem são essas pessoas?
— É CBGB. Você deveria…
— Fahrenheit, não conheço esses caras. E não fica inventando. Da programação cuido eu. E vai discotecar, que já tem gente.

Caralho. Chuto a porta da cabine. Eu tento fazer coisas certas e só me ferro. E eu já estou de saco cheio do Edu. Enquanto vasculho a minha *case* escolhendo o CD, me pego pensando na Meg. Será que eu não fui covarde? Será que não fiquei com medo de que eu fosse apenas um? E se ela contou a verdade só para mim? Eu nunca ia saber. E se ela tivesse tanto medo quanto eu? Mas o que me faz pensar que sou o único, que sou diferente? Começo a pensar em besteira. *Neo* é anagrama de *one*, único. Será que eu perdi a chance? Fico atormentado. Eu preciso acabar com isso antes que vire uma obsessão. Preciso de algo para não ficar pensando. Resolvo adotar a mesma tática que estou usando, apesar de ter me dado mal. Pelo menos aqui ninguém vai poder encher o saco. Escolho *In my heart* de Ethan do *set list* do GB. Em seguida, *Juliet*. Agora sim, estou ficando feliz.

— Toca rock‘n’roll! — algum mané grita da pista.

Ignoro. Emendo *Jetstream* na versão *remix* de Tom Neville. Danço sozinho na cabine. Isso sim é música dançante. De repente, sinto alguém bater na cabine. É o mané que estava gritando na pista.
— Você vai continuar tocando essa merda?
Ignoro de novo. Continuo dançando.
— Ei, estou falando com você.
— É. Percebi.
Continuo dançando.
— Isso aqui não é bar alternativo? Isso é *dance*. Toca *indie*,

anos 80, sei lá, The Cure, New Order.
— Isso é New Order. Presta atenção! Conhece o disco novo

deles? Isso é *Jetstream*. Escuta.
— … Não é que é mesmo? Ei, até que ficou legal isso, hein? — Tô te dizendo.
— Ok.
— Depois vou tocar as minhas seleções *indie*. Pode deixar. O mané agora convertido volta para a pista. Eu gostaria de
sempre ter essa sorte de boas músicas convencerem as pessoas. Mas isso é raro acontecer. A maior parte do tempo o
que reina no cenário musical, ou melhor, no meu território da
pista, é a intolerância. Talvez isso também valha para a vida.
Mas aqui fica a lição do dia. Finalmente a minha tática funcionou. Acho que o importante é continuar tentando. Mesmo
que não dê muito certo em muitas vezes (digo, a maioria das
vezes). Espero me lembrar disso quando eu realmente estiver
mal. Mas uma coisa é certa. Não vou durar muito nesse *Killer*.
Literalmente, ele está me matando.

Sim, eu perdi tudo que não tinha. Ginger, um bar onde eu nem sabia que gostava tanto de discotecar, um pai que poderia voltar a ser pai, um "amigo" que poderia ser um amigo de verdade, e uma vaga e misteriosa ideia do segundo encontro. Só me restou o *Kubikova*. Já desisti a ideia de publicar o meu livro de poemas antes. Fico imaginando quando eu perder a vontade de escrever. Nessa vida, tudo é cíclico, não? As voltas do disco são as maiores metáforas da minha vida. Mas então onde fica o botão *rewind*? Posso voltar na mão como nas picapes? Ou na pior das hipóteses acelerar a rotação e descobrir o que acontece no fim? Vou conseguir publicar o livro? As pessoas vão gostar? Eles vão comprar? Será que vou conseguir?

Cheguei um pouco cedo hoje. O megalomaníaco quer discotecar hoje. Quer que eu fique tomando conta do bar. Hitzinhos irritantes ficam martelando os meus ouvidos. Como alguns são o que eu toco também, fico prestando atenção para não repetir depois. Mas o meu saco acaba rapidinho. Dane-se se eu repetir. Peço uma dose para o João. "Puro." "Mas você nunca pede puro." "Tô pedindo agora." Quando estou prestes a dar um segundo gole alguém me interrompe sentando na cadeira ao lado.

— Sempre tentando acabar com o estoque do bar. — Pa… Paulão? O que está fazendo aqui?
— Vim ver o estrago que você está fazendo no bar do Edu

— também pede uma dose.
— Tô me virando bem aqui.
— Com o Edu? Duvido — detesto admitir, mas desta vez o

Paulão está certo.
Tomo um gole grande. Paulão continua falando sem olhar para mim.
— O Bang vai sair. Finalmente montou o estúdio de tatuagem dele. Preciso alguém para substituí-lo.
— Eu?
— Tem mais algum outro DJ no balcão? Eu sei que você toca aqui nas quintas e sextas. Pode tocar nos dois lugares.
Mais dinheiro.
— Achei que você não gostasse…
— É isso aí. Não pense que por isso vou com a sua cara.
Não aguento mais o Dimi choramingar pedindo para chamar você de volta.
Eu já falei que, às vezes, acho que o Paulão vai com a minha cara, né?
— E se eu não quiser?
— Porra! Não fica fazendo tipinho agora. Não abusa da minha paciência não, hein?
Paulão levanta o braço.
— Tá bom. Tá bom. Eu volto.
Edu sai da pista.
— Eu coloquei um CD. Meia hora depois você continua.
Paulão? O que está fazendo aqui?
— Roubando seu DJ.
— Você não mudou nada, hein? Filho da puta como sempre. O que achou do meu bar?
— Tosco. Mas já estou de saída.
Joga o dinheiro no balcão e dá as costas.
— Que história é essa de roubar DJ?
— É. Vou tocar lá nas quartas-feiras.
— Ah, bom, mas vai continuar aqui, né?
— … Não, não vou não — acho que foi a decisão mais rápida que eu tomei na minha vida — eu cansei de ser *underground*. E, se me

permite um trocadilho infame, que na
verdade você merece, vou “matar” o resto do dia de trabalho
aqui. Fui.

Vejo pelo reflexo do espelho, o Edu vociferando. Desço a escada rindo. Lembro da única coisa que aprendi na faculdade de publicidade. Bernbach, um legendário publicitário dissera: “a vida é curta demais para passar ao lado de filhos da puta”. Completo: e nem dos malas. Volto para casa e durmo como não fazia há muito tempo nas noites de quinta. E não sei por que sonho com leões.

A minha volta ao *Passenger* é uma festa. Todos vêm me cumprimentar. Jonas, Jaque, Juninho (não falei do Juninho? Juninho é o faz tudo aqui), até o Paulão vem me cumprimentar. Por fim chega o Dimi.

— Você fez falta aqui. Seu porra, você achou que eu tinha te traído. O Paulão tinha falado que só eu podia voltar. A princípio eu insisti que só voltaria se você voltasse também. Mas o titio aí foi irredutível. Então achei melhor eu voltar e fazer pressão nele.

— É. Eu entendi.
— Vai, me dá um abraço.

Eu abraço meio sem jeito. Não sou muito bom com essas demonstrações de afeto, você sabe. Peço uma cerveja. Eu noto um olhar de cúmplice entre o Dimi e a Jaque.

— Ei, ou eu estou enganado ou vocês têm alguma coisa? — A Jaque? Não, não tenho nada.
— Pode falar. Não ligo.
— Não tem nada não. É verdade.
— Tá bom, tá bom.
Acho que o Dimi está sem graça. Nem quero insistir

também. Estou feliz em estar de volta. Espera. Olha só. Já recuperei um bar onde eu nem sabia que gostava tanto de discotecar e um “amigo” que poderia ser um amigo de verdade. Será que é a minha virada?

— Dimi, me dá o telefone.

— Para quem você vai ligar?
— Me passa logo.
— Alô, alô, Ginger, sou eu.
— Falei para você nunca mais me ligar!
Tu, tu, tu, tu, tu… Nem tanto. Nem tanto. Volto a ficar um

pouco murcho, mas acho que era previsível. O Dimi está rindo. — Está rindo de quê? — nem eu consigo evitar a risada. — Senhor Temperatura. Está na hora do seu show. O pessoal

está esperando na pista. Vai lá. Detona. Bota fogo nessa pista.

Sou recebido com palmas. Nunca pensei que isso pudesse acontecer. Ter pessoas que gostam de mim. Fico emocionado. Entro na cabine e pego o microfone. Olho para o Paulão pronto para largar o microfone caso ele não aprove, mas ele assente com a cabeça.

— Eu sempre comparo a minha vida com um disco. Voltas e mais voltas. Sempre fazendo círculos. Talvez a vida realmente seja uma mera repetição. Não sou um bom filho, mas estou voltando para a minha casa. E é bom estar de volta. Obrigado.

Sou ovacionado de novo. Isso me deixa muito feliz. Penso com que música vou começar. Acho que todos estão esperando *Bizarre Love Triangle*. E com certeza eles ficarão satisfeitos e felizes com isso. Mas não é o que eu quero. De repente, percebi que aprendi a escolher a vida. É isso que pretendo fazer. Aos poucos, vou transformar a minha vida inteira em uma massa bruta de vontade. Corro o risco de não ser compreendido. Corro o risco de trilhar de vez uma estrada solitária. Mas também corro o risco de ir ao encontro da vida. Corro também o risco de encontrar a essência das coisas. Tô nessa.

Pego o CD da Lauryn Hill. Escolho a faixa quinze, *Can't Take my Eyes Off of You*. Pego o microfone.
— Eu escrevi isso no ritmo dessa música.
É a minha declaração de princípios. É a minha vida em palavras. É a minha música.
Desde que deixei de te amar
Ando confuso

Palavras vão e vêm
Como as pessoas ao meu redor
E a minha vida de disco arranhado
Insiste em tocar sempre a mesma melodia

No descompasso do coração O meu pulso enfraquece Como a vela que sibila
Ao menor sinal de esperança Uma batida mais forte poderia Reavivar a minha vida

Quantas faixas faltam para o *grand-finale*?
Quantas voltas são necessárias para a última canção?

Se tocassem todas as músicas de trás para frente Se eu entoasse todas as letras como um mantra suicida Se eu desejasse todos os sonhos
em códigos binários e em notas musicais

Os meus sentimentos decifrados em altos e baixos Todos os meus amores em longos e breves Toda a minha vida em curto e contínuo
Em que rotação deveria tocar a minha sinfonia de notas dissonantes?

Uma resposta em beijos desmedidos
Uma intenção de felicidade em ingênuas carícias

Uma volta Mais volta Outra volta

Para onde foi a minha grandeza?
Fumaça a rodopiar no ar viciado
Copos vazios em bocas amargas
Onde foi parar a infelicidade que estava sentindo? Fatalidade. A água que inundava os meus olhos Onde foi verter tanta desesperança?

Amanhã, uma vida
Um novo amor
Da velha melodia esquecida Não mais confuso
Não mais amado
Nem sonhado
Nem sentido

Como as idades tateadas em círculos Do sulco profundo de cada alma

Tudo no intervalo,
Enquanto toca mais uma vez Essa música que me fez te amar E que agora me deixa confuso

A pista fica em silêncio. Baixo a cabeça. Acho que ninguém gostou. Será tudo uma pretensão minha? Será que eu assustei o pessoal? Eles estão constrangidos? Abatido, procuro o próximo CD, quando alguém puxa as palmas lá do fundo. Levanto a cabeça para olhar. É o Paulão! Aos poucos todos batem palmas. Alguém assobia. Ouço “uhuhus”. Ele se aproxima da cabine todo entusiasmado.

— Gostei, Fahrenheit! Bom, muito bom! Quem diria, um DJ poeta. Hahahahaha. Gostei, Fahrenheit. Gostei! — ele vira para o público. — Um DJ poeta. Hahahahahaha.

Puxa. Puxa. Quem diria. Você não sabe como estou feliz. Muito envergonhado também. Coloco rapidamente o próximo CD. *Bizarre Love Triangle* toma conta da pista e fico pensando que talvez eu ainda não saiba nada das pessoas. O mais hilário do dia é que o Paulão arrisca uns passos. Eu nunca o vi dançar. Finalmente eu começo a me convencer de que talvez (tá bom, retiro o talvez) ele vá com a minha cara. De verdade.

Volto para casa e fico rindo sozinho ao imaginar a cara do Paulão. Quem diria. Será algo como “Os brutos também sentem?” Percebi uma coisa. Acho que eu gosto das pessoas claro, além das virtudes, pelos pequenos defeitos. Sim, eu tenho que gostar desses defeitos. É isso que torna as pessoas autênticas e únicas. Você já percebeu que eu uso muitas palavras repetidas, acho que não tenho amigos, tenho muitos altos e baixos, falo muitos palavrões, entre muitos outros defeitos. Mas me imagine sem isso. Não seria mais eu. Pequenos defeitos. É isso que me torna autêntico e humano. Talvez você perceba isso nas pessoas de que você goste. Mas, se não concordar comigo, pelo menos agora está sabendo a minha opinião. Pequenos defeitos. Percebo que eu gosto das pessoas quando eu gosto dos defeitos delas. É isso que me faz de carne e osso como você. Humanos.

Depois penso na cara do Edu e fico rindo de novo. Acho que peguei pesado. Será que eu deveria ter ficado lá? Era mais dinheiro para mim? Acho que não. Eu lembro que quando comecei a discotecar toquei em muitos lugares fuleiros, a

noite inteira sozinho e quase todos os dias da semana. No começo era divertido. Mas depois vira trabalho. Maçante. Cansativo. Não preciso disso, ainda mais agora que subi de posto no *Passenger*. Toco nas sextas também. Fiz um acordo com o Paulão. R$ 350 por dois dias. Assim, com bônus, eu ganho R$ 1500,00 por mês. Estou quase feliz. Tenho que me segurar para não começar a gastar por conta. Você sabe, não sou muito bom com dinheiro. Eu costumo gastar tudo. As únicas economias que fiz foram alguns trocados que juntei e o dinheiro das aulas. Sinto falta das aulas. Em grau de saudade (essa é uma outra palavra de que não tenho muita noção), primeiro vem a Ginger (lógico), depois as aulas e em terceiro lugar a aquisição recente, a Meg.

O telefone toca.

— Alô? Charlie? Como você tá? Quanto tempo? — acho que alguém sentiu a minha falta também. Acho que isso é bom.
— Estou me mudando.
— Ah é? Para onde? A gente precisa fazer uma noitada daquelas.
— Acho que não vai dar.
— O que houve?
— Sinto que não vou durar muito.
— Que brincadeira é essa? Está doente?
— Não. O maldito bilhete escolar.
— Espera. Anda recebendo ameaças?
— Por todos os lados. Desde vendedor de bilhete, chefão das compras e até da polícia. Ainda mais agora com esse rumor do bilhete de dez sair de circulação...
— Caralho! Por que você não revela o segredo?
— Você tá louco? O mérito é meu. Só meu. Não vou entregar assim de bandeja. Se quiserem, que consigam sozinhos. Além do mais, não tenho medo de morrer. Já estou morto, esqueceu? — é. Charlie costumava repetir isso.
— Mas…
— Escute bem o que vou te dizer. Não tenho muito tempo. Acho que os meus telefones estão grampeados. Estou ligando de orelhão. Vou me livrar de todos os meios de comunicação, vou ficar fora por uns tempos. Eu estou é preocupado com meus amigos. Se alguém te procurar ou abordar, você não me conhece. Tá legal?
— Eles virem atrás de mim? Não é paranóia?
— Tomara que seja. Mas você não conhece essa gente. Aliás, aprende uma coisa.

Quando tem dinheiro no meio, todos viram paranóicos. Agora preciso ir. Er… E caso eu não te veja mais, saiba que foi muito bom ter encontrado você. Valeu.
“Que Satã tenha piedade dessa longa miséria.”
Ele cita o Baudelaire. Nem sei o que dizer. Fico segurando o gancho tentando pensar algo que pudesse ajudá-lo. Mas não consigo pensar em nada. Não tenho nenhum amigo influente e não conheço ninguém da polícia. Mas também, se eu conhecesse, o que ia adiantar? Só me resta o consolo de que a vida do Charlie é exatamente como ele queria. “Uma queda livre.” Você pode achar que é mórbido. Mas eu tenho a certeza de que o Charlie sorriria na sua grande hora. Tenho uma estranha sensação de tristeza e alegria ao mesmo tempo. Na verdade, eu sinto orgulho. Ele viveu como quis e vai morrer como sempre queria. Mas por um momento percebo que não é assim tão fácil. Eu estou falando o tempo todo da vida e não da morte. Pode ser por causa da minha mãe ou por minha determinação, mas não é fácil pensar em não encontrar nunca mais alguém que você gosta. Sim, eu entendo bem isso. Sei que dói. E muito. Tento pensar em algo que pudesse me anestesiar e toca de novo o telefone.
— Charlie? Charlie? — ninguém responde. — Pelo amor de Deus, fala comigo!
O engraçado é que continuo ouvindo os toques. Não era o telefone. Era o interfone.
— Sim, Severino, o que foi?
— Tem uma tal de Margori aqui.
— Margori? Que nome é esse? — ah, não pode ser. — Seria Marjory?
— Vou perguntar… É.
— Manda subir, já!
Não acredito. Do nada ela apareceu. O que será que ela quer? Arrumo do jeito que posso o apê. Penteio o cabelo e giro a chave da porta. A Meg aperta a campainha.
— Entra, Meg… Marjory.
Ela está um caco. Maquiagem borrada. Casaco pendendo para o lado, bolsa meio aberta. Usa meias de rede e saia preta com cinto prateado entrelaçado. Um *top* também preto e um casaco em que caberiam três dela.
— A noite foi boa, hein?
Ela já vai tirando os sapatos sem dizer uma palavra.
— Preciso dormir. — e capota no meu colchão disfarçado de cama.
— Mas…
A Meg já está no décimo quinto sono. Fico olhando abismado. Tiro o casaco dela e dobro cuidadosamente. Cubro ela com o cobertor, sento na mesa e escrevo

mais um capítulo sobre a solidão.

Acordo de sobressalto e procuro por Meg. Cochilei. Ela não está mais na cama. “De novo?” De repente, ouço um barulho de chinelo arrastando vindo da porta da cozinha. É a Meg vestindo a minha camiseta. Só a camiseta.

— Então, fiz o café. Quer?
— Pode ser. O que aconteceu ontem?
— Fiquei muito bêbada e só consegui lembrar da sua casa. Possivelmente ela deve estar mentindo. Ela quis dizer:

“Você é o último cara que conheci. Nos outros lugares ou eu não posso ir ou ninguém quis me receber”.

— Como tem passado? — Calma. Tenho que administrar as minhas falas. Ter tato.
— Bem, e você?
— Legal. Mas a sua mãe não fica preocupada?
— A minha mãe nem liga. Me beija?
— O quê?
— Beijar. Assim, ó — ela me beija. Ela é completamente imprevisível. — Sabia que eu gostei de você de verdade?
— Ah é?
— Há muito tempo que isso não acontece.
— É mesmo?
— O que foi? Está duvidando de mim?
— Na… não. Como vai o curso? — vou tentar pelas beiradas. — Ah, tá indo superbem! — entusiasma. — Estou até escrevendo um roteiro. Olha só. Tem dois personagens. Uma garota mais velha e um menino. A menina tem uns catorze ou quinze anos. O menino tem onze. Começa a cena eles preparando o pó.
— Só podia ser.
— Escuta até o fim. A câmera só mostra as mãos e os detalhes do rosto. Só no fim mostra os dois encostados da parede. Sentados. A garota diz para o menino que fica mexendo a cabeça de um lado para o outro sem parar: “Sabia que os meus olhos eram claros quando criança? Azuis. Aí foi passando o tempo e foi escurecendo. Agora eles são cinza”. O que achou? Parei aí.
O que eu poderia dizer? Essa garota tem uma imaginação tão poderosa que

consegue acreditar na própria mentira?! De fato a história é boa. O que posso dizer?
— É boa. E como termina?
— Não sei ainda. Acho que um dos dois morre.
— Triste.
Tento raciocinar paralelamente enquanto falo com ela. E se o Edu estiver mentindo? Mas, afinal, quem está falando a verdade? Afinal, o que é a verdade? Estou ficando confuso.
— Você disse que conheceu o Edu.
— Sim, conheci aquele filho da puta. Ficou com uma outra na minha frente e espalhou que sou louca.
— É mesmo?
— É.
Fico pensando: será que é verdade ou ela está inventando isso também? Fico confuso. Muito confuso.
— Você não acreditou nele, não é? — ao falar isso, ela vira o pescoço, senta no colchão e aperta a camiseta na cintura. Está me provocando. E está conseguindo.
— Posso ver a sua identidade?
Ela levanta furiosa.
— Você não confia em mim, não é? A minha bolsa está lá. Você pode olhar. Se você for olhar, vou embora porque sei que você não confia em mim. E se você olhar e descobrir que estou falando a verdade você vai morrer de remorso. Ah, tem mais uma. Pode não ter nada lá. Aí o mistério vai aumentar. “Será que ela esqueceu em casa ou o Edu falou a verdade?” O que vai ser?
Acho que já vi isso em algum lugar. Algum filme. Mas a decisão continua difícil. Quero abrir a bolsa. Fico pensando. Será que é tão importante saber a identidade das pessoas? As verdades? As motivações? Será que também estou perdendo o senso crítico? Fiquei louco também? Quer saber? Pego a bolsa. E jogo o mais longe possível da sala. Ao cair no chão faz um barulho surdo.
— Acho que você quebrou o meu frasco de floral de Bach — ela ri.
Sim, eu estou apaixonado por ela. O resto é previsível. “Trepamos”, como diria a Meg. Mas o uso da palavra de Meg não quer dizer que é um ato mecânico. Pelo contrário.
Passamos a tarde toda transando e contando histórias da vida de cada um. O que mais me surpreende é que ela nunca cai em contradição. Ou ela tem a história de vida mais bizarra do mundo ou ela é um gênio. Ninguém, mas ninguém no mundo seria capaz de conseguir mentir com tanta riqueza de detalhes.

Depois de nos cansarmos bastante, resolvemos almoçar às quatro da tarde. Escolhemos um restaurante na Paulista.
— Esse restaurante não é chique demais?
— Tranquilo, eu posso pagar.
— Então tá.
Na verdade, é um restaurante metido a chique. Você sabe que não tenho dinheiro, mas tenho uma noção clara do que é chique ou não. O que faz algo chique é a simplicidade e o bom gosto, e não ostentação e decoração espalhafatosa. Não é que aqui seja espalhafatoso, mas nota-se aqui e ali, quase que uma placa dizendo: “Olha como isso é caro”. Muita gente acredita. Eu prefiro ignorar. Mas por que eu vim aqui? Quero impressionar a Meg. Acho que ela é do tipo que acredita. Talvez eu a esteja julgando mal. Vou perguntar.
— E aí, gostou?
— Adorei. É bacana aqui. — é. Ela acredita.
— E para comer? — pergunta o garçom.
— Ah, sim. Eu quero salmão. E você Meg… Marjory?
— Eu quero esse com picanha, legumes grelhados e batata recheada.
— Ótima escolha, senhorita. Com licença — se vira.
— Ei, não terminei ainda.
— Como assim, senhorita?
— Eu quero sem picanha.
— O quê???? — sim, falamos juntos.
— É. Sou vegetariana. Eu quero sem picanha.
Então, por que não pede salada??? Ficamos sem fala. O garçom se afasta desnorteado. Por mais que ela tenha coerência no que fala, definitivamente ela é louca. Voltamos para casa, transamos, ouvimos música e conversamos sobre filmes. Não necessariamente nessa ordem.

— Estranho. Quando te conheci, você fumava que nem uma doida. Depois parou. Agora está fumando que nem doida de novo. Por quê?

— Eu só fumo em determinadas circunstâncias. — Em quais, por exemplo?
— Quando estou esperando alguma coisa.
— Está esperando o quê?
Ela fica em silêncio.
— Então, eu acho que todos os problemas do mundo se resolveriam se as pessoas só fizessem sexo o tempo todo. O grande problema do mundo é que elas

não conseguem fazer isso o tempo todo. Têm que parar para conversar. Aí fode tudo.

Tenho a nítida sensação de que ela está tentando mudar de assunto. Mas não tenho coragem de perguntar de novo. Vai saber o que ela pode me responder? Sinceramente, nem quero saber o que ela está esperando. Às vezes, a ignorância é uma grande dádiva. Nesse caso específico, sabendo quem é o interlocutor, é melhor não perguntar de novo.

— Eu preciso sair. Preciso dar uma passada na casa do

Valter para pegar uns CDs e discos. Quer ir?
— Estou com preguiça. Não quero colocar a roupa de novo
— ela já estava de novo de camiseta.
— Tá bom. Não vou demorar. Quando voltar podemos ir
ao *Flamingo*. Vai ter o Zé Carlos.
— É mesmo? Adoro o Zé. Ele tem músicas ótimas. — Sabia que ia gostar.
É muito legal ter alguém que entende seus gostos. Ela me
beija e sussurra no ouvido, dizendo que me adora.

Ando pelas ruas assobiando. Estou feliz. Tudo certo com o *Passenger*. Tudo certo, bom, na medida do possível com a Meg. O que mais me agrada é que faz tempo que não penso na Ginger. Quase um dia inteiro! Hahahahahaha. Da casa do Valter já reservo os nomes da lista no *Flamingo*. O lugar é pretensioso, mas o que vale é a companhia. Será que agora vai dar tudo certo? A sorte está sorrindo para mim? Começo a pensar que a Meg é uma garota melhor para mim do que a Ginger. Ela era perfeita demais. E eu não sou. Talvez eu não a merecesse mesmo. Já a Meg é uma perdida como eu. Com um buraco no peito como eu. Sinto que eu posso ajudá-la, e viceversa. Já deu para perceber por hoje. Nós parecíamos até um casal feliz. Falaremos de cinema quando não tivermos mais assunto. Viveremos no nosso mundo particular. Eu sempre estarei pronto para corrigi-la, ampará-la e seguir em frente. Como um poema marginal. Sofreremos, se for inevitável. Mas juntos. Choraremos se a dor for insuportável. Mas juntos. Andaremos ombro a ombro pelas ruas. Enxugaremos as lágrimas um do outro. Nos defenderemos de tudo e de todos. Sobreviveremos. Em nome das belas coisas, do que nos dói e redime, escolheremos a cumplicidade como a nossa cura. Então, continuaremos. Ninguém mais será maltratado pela vida. Nós enfrentaremos. Mesmo que o nosso destino seja a mais completa derrota,

manteremos intacta a nossa dignidade. Iremos à luta. A partir de hoje, seremos nós contra o mundo. E não nos importaremos com o resultado.

Paro na locadora. Um filme seria legal antes de cair na balada. Passo pelas estantes à procura de algo interessante. Mas o que eu encontro? *A Noite*, de Antonioni, para vender. Não tenho dúvidas. Penso em fazer um agrado. Saio apressado com o pacote para presente. Ela vai enlouquecer quando vir isso. Eu quase corro.

O elevador demora para chegar. Não aguento de ansiedade. Subo as escadas correndo. Chego ofegante na porta. Giro a maçaneta. Está aberta.

— Eu trouxe uma coisa pra você.

Em um segundo a minha alegria se transforma em terror absoluto diante da cena à minha frente. Parece que um furacão passou pela sala. Tudo está fora de lugar. Até os meus originais estão espalhadas pela casa.

— Meg? Meg? Onde você está?

Penso em assalto. Meu Deus. Alguém a levou. Pego o interfone. Ao pegá-lo, algo percorre a minha espinha. Não pode ser. Não pode ser. Eu tenho medo de perguntar no interfone. Devolvo no gancho. Calma. Alguém deve ter entrado aqui e levado a Meg. Alguém conhecido dela. Possivelmente um ex ciumento ou pode até ser um traficante. Meu Deus. Só pode ser isso. Mas a desconfiança não me deixa. Eu tenho medo de olhar num lugar. Um só lugar. O estojo de couro marrom dentro da segunda gaveta da escrivaninha. É claro que ele não está mais lá. Foi revirado. Meu Deus, meu Deus. Isso não. Fico vasculhando a sala. Finalmente eu o encontro. Abro desesperado. Nada. O meu mundo desaba. Não pode ser. Mas o que faz ruir ainda mais é um pedaço de papel que eu encontro lá dentro. Eu caio sentado. O que está escrito no bilhete? “Desculpe, eu devolvo.” É isso, “a garota mais louca da cidade” levou toda a minha economia. Exatos R$ 800,00 para pagar o meu aluguel e as contas. Que ingenuidade a minha. Parece que levei uma paulada na cabeça. Chega a ser ridículo. “Sofreremos juntos. Andaremos juntos. Choraremos juntos.” Que imbecil que eu sou! Sinto-me terrivelmente envergonhado, abatido, acabado. Fico rindo. Uma risada arrastada, soturna, terminal. Jogo os manuscritos para cima. Mas ela não me amava? Ela não estava apaixonada por mim? Nós não estávamos apaixonados? Lembro da

Ginger me dizer depois de uma briga, chorando: “Então me diga. Para que serve o amor?”. Para que serve o amor? Devolvo a mesma pergunta à Meg. Afinal de contas, para que serve o amor?

Caio deitado no chão e durmo profundamente.

Acordo esperando que tudo tenha sido apenas um sonho. Quer dizer, pesadelo. Mas ao sentir os originais na minha mão sei que não é verdade. Solto um grito seco. Estou arruinado. Só consigo, infantilmente, lembrar da minha mãe dizendo: “Passe fome. Mas mantenha as suas contas em dia”. De repente eu não tenho nada. Nem para comer, muito menos para pagar as contas. Eu quero matar essa desgraçada. Como fui cair nesse conto do vigário? Me sinto como se tivesse sido uma vítima de estelionato. Porra, por que não pediu emprestado? O que vou fazer agora? Logo agora que tudo parecia se ajeitar. De repente eu perco a vontade de levantar, abrir os olhos e respirar. Mas já é sexta-feira. O dia de discotecar. Fico deitado assim, sem reação, por muito tempo até adormecer de novo. Acordo assustado com o telefone tocando.

— Alô? É você, Dimi? Calma, para de me xingar. Espera um pouco.
Levanto e lavo o rosto. Eu não dormi. Entrei em coma.
— Eu sei que o Paulão agora vai com a minha cara. Mas estou mal.
— Mal de quê? Tá doente?
— Não. Pior.
— Pior? O que pode ser pior?
— Me envolvi com uma garota.
— Já sei. Levou um pé na bunda. De novo. Brincadeira. Foi mal.
— Pior.
— O que pode ser pior? Ei, o Paulão está gritando no meu ouvido.
— Diga que estou mal. Doente. Por favor.
— Mas o que aconteceu?
— A porra da garota levou toda minha grana.
— Mas você não falou que não faz economia?
— É. É o que sobrou das aulas, para pagar as contas. — Quanto foi?
— R$ 800,00
— E agora?
— Agora estou fodido. Dimi, nem dá para falar agora. . Diga que estou mal, tá legal? A gente se fala depois.
— Tá… Te cuida.

Eu arranco o fio do telefone da parede. Não quero mais falar com ninguém. Ando pela casa pensando em alguma solução. Poderia pedir para o Roberto. Não, não quero. Mas o que faço? O Charlie poderia me ajudar com certeza. Mas e agora? Caio de novo desnorteado. Mas, desta vez o que me dói é a traição. Dinheiro talvez eu consiga dar um jeito. Por um momento perco a vontade de viver. Tudo me parece um grande e enfadonho engano. Sabe o que é pior? Não consigo, na verdade, ter raiva da Meg. Eu culpo a vida. Vou sendo tomado por uma tristeza tão profunda que nem sequer consigo me mexer. Fico deitado de olhos fechados como uma barata morta, o corpo sentindo os papéis espalhados, o que me entristece mais ainda. Toda a minha vida está esparramada pelo meu apartamento. Como água que escorre pelo ralo, vou me esvaziando. E agora? O que me importa? Tento imaginar uma cura, mas não consigo. Penso em tocar *Bizarre Love Triangle* mentalmente. Mas percebo que eu tenho um caso de triângulo amoroso com a dor, a rejeição e a perda. Três vértices de pontas agudas que me machucam terrivelmente. Finalmente eu descubro por que gosto tanto dessa música. Pela primeira vez em muitos anos da minha vida, penso em suicídio. Eu, que tinha prometido à minha mãe e a mim mesmo que sempre escolheria a vida em qualquer circunstância, começo a fraquejar. O simples pensamento de que não haverá uma cura para mim me faz caminhar em direção ao precipício. Se a minha mãe estivesse viva ela me impediria. Esticaria seus braços e ficaria na minha frente. E, se eu continuasse, ela seguraria as minhas pernas e não me deixaria caminhar. Mas a minha mãe…

Talvez, pensar na minha mãe seja a única coisa que me faça afastar esses pensamentos suicidas. Ela me bateria se me visse no estado em que estou. Em seguida, choraríamos juntos. Meu pai se foi e nós tivemos por companhia a miséria. Ela abriu uma portinha na garagem e vendia doces, e costurava à noite para poder nos sustentar. A coisa que eu mais lembro foi quando, movido pela culpa, me dispus a ajudá-la. Era bem tarde. O barulho da máquina de costura martelava a minha consciência sem parar. Abri a porta do quarto, andei até a sala, sentei ao pé da máquina e comecei a rematar (tirar com a tesoura os fios que sobravam como rebarba da costura. Era preciso fazer isso antes de entregar a roupa pronta. Isso garantia mais cinquenta centavos por peça). Ela parou imediatamente de costurar e tirou da minha mão a tesoura e a roupa. “Nunca mais faça isso. Isso não é para você. Você não nasceu para isso. Concentre-se em seus estudos.” E voltou a costurar. Eu queria muito agora perguntar a ela: “Mãe, para que eu nasci?”. Que sentido oculto ela conhecia da minha vida? Você está entendendo por que eu prometi a mim mesmo nunca mais pensar nela. Eu sofria

e sofro quase como dores da morte. Queria ter feito um céu aqui na terra para que ela pudesse viver. Ela nunca se abalou. Quando eu passei no vestibular, voltei correndo para casa para contar. Era o sonho dela e também o meu. Eu acreditava. Sim, eu tinha passado na USP. Mas tinha resolvido brincar. Ela estava lavando roupa no tanque. Cheguei, ela se virou e perguntou: “Então, como foi?”. “É mãe, não deu. Não passei.” Ela nem sequer ficou triste. Ela me abraçou e disse: “Tudo bem, filho. Tenta de novo”. E continuou lavando a roupa. Então tive que interceder. “É mentira, mãe. Eu passei! Conseguimos!” Ela tirou o avental e me abraçou. Choramos. Ela nunca me questionou. Em nada. Sinto culpa por não ter acreditado no modelo de sucesso que me impuseram. Mas a ela também devo a minha grande descoberta: a vida de verdade. O que você não sabe é que eu já trabalhei nas grandes empresas. Ditas multinacionais. Já me disseram que eu tinha um futuro promissor. Foi o que me disseram quando eu descobri que a vida acontecia do lado de fora do escritório. Pé na avenida. Eu tinha um espírito *outsider* e disciplina acadêmica. Eu tinha filosofia de rua e educação tradicional. Enfim, estava pronto para atar as duas pontas da vida. Em busca da essência, em busca do que me fazia à margem dos sentimentos da maioria. Eu tinha que encontrar a cura para a inaptidão e as dores da minha vida. Sim. De certa forma, essa cura está espalhada pelo apartamento como meus sentimentos em frangalhos. A minha chance de entendimento se fragmentou e está embaralhada pelo chão como descartes de cartas de baralho. A minha sorte tinha acabado. Lanço a mão e pego uma folha aleatoriamente. “Ela poderia desdobrar todos os fios do tempo enquanto costura o seu vestido. Uma estrela de cada vez. Bordar todas as constelações e as esperanças rarefeitas. Azul, vermelho e branco. Quatro famílias. As linhas separadas e retalhos de seda. A Revolução de Veludos. Em cada dedo uma promessa de orgulho perdido. Um gesto de içar as redes de quem costura furiosamente os destinos que não podem ser unidos. Olha pela janela em busca de mais um punhado de estrelas. Planetas, satélites, cravaria o universo inteiro no seu vestido. Estende a sua mão e tenta alcançar o segredo das suas tristezas que se escondem nas alturas, sem saber que sempre gravitará em torno daquele que mais ama misteriosa e secretamente.” Era em parte uma homenagem a um escritor obscuro do século passado, James Allen. Amasso e jogo na parede com força. Pego mais uma folha. “Eu quero ter duas filhas. Uma chamada Thelma e outra Louise.” Mais uma bola de papel. Levo o antebraço à testa e de repente lembro mais um motivo por que penso na minha mãe. Amanhã é o meu aniversário. Por muito tempo, as minhas comemorações se restringiam à minha mãe e eu. Ela sempre fazia o bolo e

comprava as velas com os números da idade, nunca se importando se tinha dinheiro para isso ou não. Eu sempre ganhava meias de presente. Ela sempre sorria justificando. “É para você ser pé quente.” É lógico que ela só podia comprar isso. E eu sempre fiz questão de fingir surpresa todos os anos. Sem bolo, sem mãe e sem meias. Isso resume o meu estado de ausência. Abro os braços ainda deitado. Fico remando de costas. Nadar no mar de solidão. Flutuar. Esquecer. Ir embora.
— Filho, você promete uma coisa?
— O que, mãe?
— Você promete que não vai querer…
— Não vai querer o que, mãe?
— Desistir… morrer.
— Mãe…
— Você não vai me fazer sofrer ainda mais, vai? Eu sei como é. A gente dói.
— …
— Promete? Mesmo depois que eu for embora? — Mãe, ninguém vai morrer.
— Promete?
— Prometo, mãe. Prometo.
Não seria nada mal terminar tudo no dia em que comecei. Imaginei que a minha mãe me ajudaria a escolher a vida. Mas tudo que penso é em me juntar a ela. Nunca pensei que a última coisa que escreveria seria um bilhete de suicídio. Mas para quem? Para quê? À medida que escurece escrevo bilhetes imaginários amassando mais algumas folhas espalhadas pelo chão. “Parabéns para mim, parabéns para mim. Nesta data querida. Muitas felicidades e muitos anos de vida.” Muitos anos de vida. Muitos anos de vida. Quantos anos de vida? A cada minuto que passa penso em deixar um bilhete escrito “Feliz Aniversário.”

Já não sinto mais fome. Não sinto sede. Não sinto nada. Estou deitado aqui já faz dois dias. Só me levantei para abaixar a cortina. Está tudo escuro, de modo que não sei nem que horas são. De vez em quando fico esperneando na esperança de me metamorfosear ou perder de vez a sanidade. Como fui ao banheiro duas vezes, isso quer dizer que eu ainda não estou tão decidido a morrer assim. Gregor Samsa. Se alguém me perguntasse qual é o meu nome agora, eu diria sem titubear: “Gregor Samsa. Meu nome é Gregor Samsa”. De fato, este apartamento mais parece o universo claustrofóbico de Kafka. Mas sinto que melhorei um pouco. Será que a minha mãe ajudou? Faço mais algumas bolinhas de papel. Fico jogando na parede na esperança de que alguma me acerte na volta.

Após algumas tentativas frustradas fico novamente imóvel. Tudo escuro. Começo a pensar que a esperança é como a luz. Às vezes está forte e, às vezes, está completamente apagada. Deve ser como um farol. Ele ilumina e depois vai desaparecendo, até que complete uma volta e volte a iluminar. Deve ser por isso que a sensação de que melhorei já desapareceu. Levanto e abaixo a cabeça, mas acabo batendo a cabeça no chão, o que produz um barulho surdo. Gostei. Levanto a cabeça de novo e bato de propósito. Uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Paro. Quando estou prestes a começar a brincadeira de retardado, um outro barulho surdo começa sozinho. É eco? Ou estou louco? Até rimou. Que merda. Só podia ser. Interfone. Deixo tocar. Parece uma eternidade até parar. Começa a tocar de novo. Mas que diabo o Severino quer? Também estou há dois dias sem sair de casa. Quando penso em me levantar e arrancar o interfone da parede algo me ocorre: é capaz de o Severino e a polícia arrombarem a porta. Aí vou ter mais problemas. Que droga. Levanto com dificuldade. Tropeço na mesa e no meio do caminho resolvo brincar de amarelinha pisando nas folhas.

— O que foi Severino? — grito.
— É que tem um senhor aqui.
— Quem????
— É Dinho.
— Dinho? Não conheço nenhum Dinho.
— Ah, Dimil. Dimio. É isso. Dimio.
— Dimi? O que o Dimi está fazendo aqui?
— Ele quer falar com você.
— Eu não quero falar com ele.
— Ei, sou eu.
— Caralho, o que está fazendo aqui?
— A gente tentou ligar, mas nem dava sinal. É seu aniversário hoje, não é?
— Porra, Dimi. Não vai me dizer que você veio até aqui

para me desejar um feliz aniversário?
— Também. É que…
— Fala!
— O pessoal fez uma vaquinha e eu trouxe uma coisa.

Todo mundo contribuiu. Até Jonas e Juninho. Paulão, Jaque. Todo mundo.
— E eu com isso, porra!
— Deixa eu subir para entregar para você.

— Você não tá vendo que não estou a fim?
— Mas…
— Mas que mas? Vai embora.
— É que eu não posso deixar isso aqui. Pode... — Dimi, e eu com isso????? — compraram um bolo? — Você devia ter mais consideração pelas pessoas. Você é um ingrato.
— Ingrato? Eu pedi alguma coisa? Pedi para você fazer a maldita vaquinha?
— Caralho, Fahrenheit! As pessoas que nem tinham como contribuir, porque faz falta, deram dinheiro. Você é um filho da puta! Quer saber? Vai se fuder. Eu vou deixar essa merda aqui na portaria. Se sumir, a culpa não é minha. Seu ingrato filho da puta. Ah, mais uma coisa. Estou namorando a Jaque. Feliz aniversário, desgraçado. — desliga.
Como se namorar a Jaque me atingisse. Bando de idiotas. Não sabem de nada. Mas… até o Jonas e o Juninho deram dinheiro? Putz… Fico com um pouco de remorso. Eles ganham uma miséria. Mas afinal, o que eles compraram? E se fosse uma coisa barata, o Dimi não teria ficado tão puto. Compraram um bolo de marca? Que merda. Desde quando eu gosto dessas coisas? O que deu neles? Mas a verdade é que eu melhoro um pouco ao saber que eles pensaram em mim. E fico bastante curioso. O que será que eles compraram? Entro no elevador e me canso de ficar em pé. Sento no chão. No terceiro andar entra uma senhora de vestido verde de bolinhas brancas e fica me olhando. Fico encarando. Se tivesse mais força apertaria as bolinhas como se fosse botão do elevador.
Térreo.
— Severino, cadê o bolo?
— Que bolo, seu Faguenaiti?
— O bolo que o Dimi me deixou.
— O moço não deixou bolo nenhum.
— Então o que ele deixou?
— Isso aqui, ó.
É um envelope. Fico intrigado. Me compraram um valeCD? Um vale-livro? Abro o envelope ainda mais curioso. Não, não pode ser… Eles querem me matar. Caralho. Dentro do

envelope eu encontro dinheiro. Exatos R$ 800,00. Meus olhos se enchem de lágrimas. Fico parado olhando para o envelope sem palavras.
— Seu Faguenaiti? O senhor está bem?
— Estou…
Agora eu sei o que significa a palavra “amigo”. Enquanto subo, começo a elencar a minha mais nova descoberta: amigos. Dimi é meu amigo. Jonas é meu amigo. Juninho é meu amigo. Jaque é minha amiga. Paulão é meu amigo. Charlie é meu amigo. Roberto é meu amigo. Talvez eu ainda não tenha compreendido totalmente o significado dessa palavra. Mas agora percebo que amigo não é sobre identificação e entendimento. E sim, cumplicidade e compaixão. Como essa é uma descoberta muito recente e ainda não consegui assimilar direito a ideia, concentro em um só: Dimi. Talvez, aliás com certeza, porque me conheço, ainda vou levar um bom tempo para me acostumar com isso. Acho que vou estranhar toda vez que pronunciar a palavra amigo. Não sei se vou dizer isso com frequência, mas o importante é que eu já faço uma vaga ideia do que seja.

Fico esperando impacientemente ao lado do telefone. Acho que o Dimi vai demorar mais ou menos duas horas para chegar na casa dele. Enquanto isso, fico olhando para a bagunça da sala. Não sei por que os problemas que antes pareciam maior que tudo se parecem tanto com essas bolinhas amassadas. Se bem que essas bolinhas são a coisa mais importante da minha vida. Começo a recolher um a um os papéis. Abro com cuidado os amassados, tomando cuidado para não rasgá-los. Talvez eu vá ser ingênuo de novo agora. Mas uma vez superada a crise, você não tem a impressão de que fez uma tempestade num copo d’água? Sei lá. A única certeza que tenho é que isso não foi a primeira vez e nem vai ser a última. Vou levantando as prateleiras e devolvendo os objetos nos seus lugares de sempre. De repente, fico com vontade de mudar os móveis de lugar. Isso. Vou mudar um pouco. O sofá, a estante, a mesa, o colchão. Xi, agora vou precisar de uma faxina. Lá vou eu. Mas por um momento eu sinto que recuperei de novo a vontade de continuar. Graças a… meus… amigos. No auge da faxina me detenho na janela. Quase consigo ver o caminho que fiz com o dedo no outro dia. Limpo a janela demoradamente. Em algum lugar desta cidade

a Meg deve estar se divertindo ou correndo riscos. Mas, apesar da completa decepção e fracasso sentimental, algo me diz que ela sempre vai pertencer a algum lugar do meu coração. E o mais incrível é que também sei que vou pertencer a alguma parte do coração dela. Como eu sei? Eu vi nos olhos da Meg. Vai demorar ainda muito tempo para ela confiar nas pessoas. Ou talvez ela não consiga. Mas nunca vou esquecer os seus olhos assustados como se fossem de um animal enjaulado. Talvez essa cidade seja uma prisão para ela. A mim, só resta desejar sorte. Ela vai lembrar de mim. Talvez um dia a Meg volte a me procurar. Umedeço mais um pouco o pano. À medida que sinto o cheiro do álcool evaporando, faço força Quero apagar todas as manchas. Deixar a janela limpa. Com algum custo, mas eu conseguiria. Agora só faltava aplicar na vida.

— Alô, Dimi. Tudo bem?
— O que você quer, seu ingrato duma figa?
— Ei, estou ligando para pedir desculpas.
— Não me interessa. Vai se fuder.
— Dimi, desculpa. Você foi… amigo. Quer dizer, todos vocês foram.
Ele fica por um momento mudo.
— Você nunca chama ninguém de amigo.
— Pois é.
— Quer dizer que percebeu que fez besteira.
— A maior do mundo. Eu estava mal e só pensei em mim

mesmo. Foi mal.
— Você foi escroto.
— É. Eu sei. Sinto muito. Vou agradecer a todos na quarta,

pessoalmente.
— Você precisa, você precisa.
— É isso. Me perdoa?
— Vou pensar no seu caso.
— É isso aí. Amigo.
Evidentemente, estou me esforçando para usar essa palavra. Mas toda vez que eu pronuncio parece que eu levo umas alfinetadas. Acho que não convém falar muito. Eu já tenho uma vaga ideia. Talvez isso baste.

Sento na mesa para escrever. Eu precisava relatar a minha experiência com a Meg. Cada dia que passa fico pensando que a minha vida e a minha escrita se

confundem. Mas vou ser sincero. Eu ainda não consegui me recuperar dessa história com a Meg. De modo que paro depois de escrever poucas linhas. Será que a solidão vai ser a minha única companhia constante nessa vida? Você sabe, eu tento desesperadamente dialogar com as pessoas, mas não consigo. Não consigo vencer a barreira da incompreensão. Por isso, sempre fico aprisionado em mim mesmo. O meu corpo é a minha prisão. E as palavras que poderiam ser uma espécie de "meu corpo astral" não saem da minha boca. E, quando digo são outros fantasmas que não sou eu, mas sim moldados nas opiniões de outros que sei que com quem estou falando vai gostar ou entender. Assim, tudo escapa pelo ar. Definitivamente, fantasma me parece uma boa comparação. Talvez eu tenha medo de mim mesmo. Talvez eu tenha medo de que as pessoas descubram quem eu sou de verdade. Mas, a descoberta de hoje sobre amigos me fez ficar um pouco mais esperançoso. Talvez as pessoas não tenham que me compreender. Talvez tenhamos que viver com essas diferenças e com o meu mundo indizível. Mas como seria bom se as pessoas me compreendessem. Eu só queria dividir um pouco o que naturalmente me dói. Pensando bem, acho que não quero isso. Não quero dividir a minha miséria. Isso sempre será um grande segredo meu. Nosso talvez. Talvez.

Cumprimento um a um no *Passenger*. Digo que vou devolver o dinheiro assim que conseguir juntar. Todos dizem que não precisa e que foi de coração. Parabenizo a Jaque pelo namoro. Acho que eles formam um casal bacana. Peço desculpas ao Paulão pela minha falta na sexta. Pensando bem, mais do que amigos esta é a minha família. Eu, que achei que o *Passenger* fosse passageiro na minha vida, encontro aqui a minha segunda casa. Ironia. Acho que, mesmo que eu faça outra coisa no futuro, vou continuar discotecando aqui. Assim, um dia você poderá me conhecer pessoalmente.

Hoje a discotecagem foi tranquila. A casa também não está lotada. O Fabrício, que é DJ muito conhecido no meio *underground*, pede para discotecar um pouco. Concordo em ceder uma hora. O Paulão protesta, como sempre.

— Porra, sou eu quem pago para você tocar, não?

— Relaxa, Paulão, você sabe que é bom para a casa. É só uma hora.
— Não fica pensando que você manda nessa casa não, hein?
Eu não sei se o Paulão é de fato um cara difícil ou se ele faz tipo. Quero me apegar à ideia de que no fundo ele é um cara legal. Achei que esse fundo tivesse

vindo à tona esses dias. Sinto que me enganei. Sento no balcão e peço uma dose de whisky.
— O Paulão colocou uma cota.
— O quê?
— É. Você tem agora só R$ 30,00 de isenção. Mas nada que não se possa dar um jeito.
— Por um momento, o Paulão me enganou de gente boa.
— Fica frio. Ele faz esse tipo mas é gente boa.
— Sei, sei…
— Ele é metido a empresário.
— Mas também não precisa torrar o meu saco. — Hahahahahahaha. A lua de mel durou pouco, hein? — Tem coisas que nunca mudam.
Pego o copo e tomo o primeiro gole, alguém bate nas minhas costas. O que me faz cuspir como em esguicho.
— E aí, como você está?
Ah, não. Isso não. É o maior mala do mundo. É Jacob. Uma figura folclórica. A diversão dele consiste em aporrinhar todos que trabalham na noite (principalmente os DJs) com seu conhecimento enciclopédico de músicas e bandas obscuras. O pior é que você não consegue fugir. É daquele tipo de pessoa que não se toca nunca. Vou ter que usar a Teoria do Ponto Fixo. Não falei disso ainda? Espera.
— Então, Fahrenheit, você já ouviu Simple Dumple?
— Não…
Escolho um prego que está lá longe, logo acima do ombro do Jacob. A Teoria do Ponto Fixo é assim. Você escolhe um ponto e fica olhando fixamente enquanto o mala fala. O que precisa fazer é de vez em quando sorrir e concordar. Se o mala prolongar a conversa você precisa usar a sua imaginação. Tente imaginar o que teria acontecido, no meu caso o prego, como foi parar ali. Penso no Paulão colocando a escada, subindo degrau por degrau, e martelando sem jeito. Imagino até que ele acerta no dedo. Sorrio, coincidentemente quando o Jacob ri. Já se passaram uns 20 minutos. Caramba. O Jacob continua firme e forte. Acho que a minha imaginação já se esgotou. Nesse caso você precisa partir para a Teoria do Ponto Laser. O que é isso? Você fica olhando o ponto até furar.
— Ei, Fahrenheit, já tá na hora de você tocar. — É o Dimi me salvando.
— É verdade. Valeu, amigão. Até, Jacob. Tchau.
Saio correndo e entro na cabine. Fabrício estranha.
— Posso ficar aqui até você terminar? O Jacob está aqui.

— Você tá brincando. Meu Deus.
Fico com pena do Fabrício. Nisso, Jacob entra na pista. Ah! Soltamos o grito juntos. Ele se aproxima da cabine. Instintivamente eu aumento o volume. Ilhados na cabine, fingimos que não escutamos nada. Teoria do João-sem-braço. Ele ameaça entrar na cabine. Não!!!! Gritamos juntos. Jacob fica sondando a cabine como se fosse um tubarão. É. Quem disse que DJ não é uma profissão perigosa?

Sexta foi cansativo. Ainda na quarta, o Paulão me obrigou a tocar mais uma hora porque eu cedi uma hora pro Fabrício. Sacanagem. Fiquei tocando para meia dúzia de bêbados PMs (pedidores de música, você sabe) que encheram o meu saco para valer. O meu sonho de consumo a partir de agora, se eu continuar discotecando, é uma cabine blindada. À prova de som e tudo. Que saco.

Chego em casa completamente exausto e ainda por cima encharcado. Está chovendo muito. O quê? Você coloca músicas quando volta do trabalho para descansar? Nem pensar. Eu escuto música a noite inteira no volume desumano. Quando chego em casa tudo que eu quero é o mais absoluto silêncio. Sento na mesa, abro uma lata de cerveja e examino os originais (sorte ou azar, depois do episódio da Meg, com medo, comecei a passar os originais para o computador. Está sendo bacana porque assim já faço eventuais correções). As últimas vinte páginas não me agradam. Eu só quero colocar o que acho absolutamente perfeito. Tento algumas modificações nos manuscritos à mão. Tenho a impressão de que ficou pior. Num impulso súbito rasgo as folhas. Todas as vinte páginas. Pego as folhas em branco. Começo a escrever. Pronto, tenho uma página em meia hora. Leio novamente e não me agrada. Rasgo de novo. Mais uma página e mais uma bolinha de papel. Mais outra página e vai pro lixo. Depois da sétima tentativa sei que não vai adiantar escrever hoje. Acabo a lata e, já que não consigo aumentar o nível dos meus escritos, aumento o teor alcoólico da bebida. Pego a meia garrafa de whisky. Eu estava poupando porque, quando acabasse, provavelmente ia demorar para comprar outro. Enquanto encho o copo e o líquido vai cobrindo o gelo, sim, o gelo, lembro da Meg. Também lembro da Ginger instantaneamente. Fico olhando para o copo. À medida que o gelo vai derretendo e se misturando com o whisky, os meus pensamentos também se misturam. A Meg e a Ginger vão se misturando. Sei que a Ginger não vai voltar. Mas algo me diz que a Meg sim. Uma vida de sonhos *versus* uma vida de pesadelo iminente. Verdade *vs* mentira consentida. Cura *vs* vício. Amor *vs* não sei…

A Ginger é um anjo, e a Meg é um fantasma, quase um desvio de conduta. Mas estranhamente as duas me atraem de um jeito que não consigo explicar. Salvação ou naufrágio? Às vezes a morte é tão irresistível quanto a vida. Sinceramente, achei que salvando a Meg eu poderia me salvar também. Estava completamente enganado.

“Tum.”

Por um momento achei que tivesse ouvido a batida do meu coração. “Tum.” Será que foi o meu coração que partiu? Como no *Príncipe Feliz*, de Oscar Wilde? O melhor conto que eu já li na minha vida. Mas não é a batida do meu coração: o barulho continua. Será que caiu uma árvore? Abro a janela e não vejo nada. Mesmo porque está chovendo muito. Não, alguém está batendo na porta. Como pode? O interfone nem tocou. Não pode ser. Como pode ser tão cara de pau? Isso só pode ser coisa de uma pessoa realmente louca. Mais precisamente, “a garota mais louca da cidade”.

— Meg? É você?
Silêncio.
— Como você consegue vir aqui, mesmo depois do que fez? Abro a porta com tudo, mas sem conseguir esconder uma

certa satisfação.

Ninguém na porta. “A Meg é um fantasma.” Só consigo ver uns vultos no fim do corredor perto do elevador. Um é o Severino, e outro é... Não consigo ver. Corro até lá.

— Severino, pode deixar. Conheço a garota. Você não lembra…? — Eu tentei dizer que não podia subir, mas esse aí ficou dizendo que conhecia você. É um bêbado. Disse que era o pai do senhor. Pelo que sei o senhor não tem pai.

Pai? Só pode ser uma pessoa. Surge das sombras um senhor grisalho que mais parece um poodle molhado. É ele.
— O que você está fazendo aqui?
— Esta... pass... andu pertu e resol... vi en… trar. — mais estações de metrô. Mas esperaí. A minha casa agora virou albergue? Abrigo para bêbados que não têm para onde ir?

— Você está bêbado.
— O senhor conhece esse aí?
— É. Pode deixar, Severino. Eu cuido dele.
— Como você descobriu o meu endereço?
— Tenhu… bi… na.
— Porque se deu o trabalho?
— Quizzz vê… comu táaaa vivenduuu. Vuicê pooodi, e ieu naum pozzo? — Tá bêbado ou tá gago?
Pronto, fantasma de novo. Depois de dezesseis anos, ele resolve fazer uma visita... Carrego o bêbado pelo corredor. Quando abro a porta, noto que está segurando algo na mão. Acho que é uma pasta.
— Te alguuu pra praa beebe?
Logo enxerga a garrafa e leva à boca.
— Ei, isso aí é a minha última.
— La… ga maum de sê paum duruuu.
Caralho. Quando acho que as coisas estavam melhorando, acontece tudo da pior maneira possível.
— Qui caaza, he... in?
Sim, isso foi no sentido pejorativo. Já sei, o episódio de hoje é fantasma. Isso aqui deve ser *Hamlet* versão pobre, bem pobre. Mas para mim, que mantenho arrumadinho o meu apê, apesar de ser bem simples, o que ele disse me irritou bastante. Bastante mesmo. Estou me segurando para não botá-lo para fora daqui. Agora deita na minha cama (sim, nesse exato momento foi promovido a cama) e começa a cantarolar. E canta mal. Muito mal.
— Você está todo molhado.
— E da-daí? — e continua cantando.
Resolvo sentar na mesa e fingir que ele não está aí. Daqui a pouco ele vai dormir. Calculo. Batata. Não demora nem dez minutos. Mas essa não. O idiota está roncando. É muito azar. Olho para ele por um instante. Está tremendo de frio. Tá bom. Não sou tão pulha assim. Pego um cobertor. E, percebendo a inutilidade, pego uma toalha. Seco o cabelo e tiro a jaqueta. O engraçado é que ele continua segurando a pasta. Tento soltála da mão mas está difícil. É uma daquelas pastas plásticas de guardar folhas de papel. Abro os dedos fazendo força e tiro a pasta da mão. Tem uma folha dentro. Penso no pior. Isso parece uma pasta médica. Será que é algum tipo de exame? O desgraçado descobriu que tem câncer? Desta vez é a minha mão que começa a tremer. Abro a pasta. Meus olhos se enchem de lágrimas instantaneamente. Não é nenhum exame. É uma

folha com um desenho em aquarela e lápis de cor. Uma garota em primeiro plano com cara de choro andando e a sombra de um homem lá atrás, cabisbaixo. As árvores indicam que está ventando. É um quadro triste, mas belíssimo. Sim, agora você sabe. Esta é a capa do meu livro. Olho de novo para o meu pai que está roncando. Sinto o que nunca conseguiria expressar em palavras. Sento na mesa com o pano seco e fico tentando remover com todo o cuidado as manchas d'água da folha. Enquanto isso, eu juraria que ouvi meu pai murmurar no sono: "Não faça o que eu fiz. Viva sua vida, meu filho…"

Não me pergunte o que aconteceu com a gente no dia seguinte. Eu não falei com ele. Deixei o velho dormindo e saí de propósito. Demorei bastante tempo, para não encontrá-lo na volta. Eu não saberia o que dizer. Acho que nem ele saberia. A minha última parada foi numa vidraçaria onde comprei uma moldura pronta. Voltei para casa e fiz um furo na parede logo acima do meu computador com função máquina de escrever e pendurei a capa que o meu pai fez. De modo que toda vez que eu me sento consigo ver o quadro. Penso que, quando desanimar, vou olhar para o quadro e continuar escrevendo. Já falei que desisti de publicar o meu livro de poemas antes do livro, não falei? Não lembro. É. A minha memória não é mais a mesma. Deve ser excesso de álcool. É com certeza excesso de álcool. Você acredita que um dia eu vi nessas feiras de artesanato uma pinga caseira (aquelas com nomes engraçados) chamada *Exterminador de Neurônios*? Pois é. Mas, com licença, vou trabalhar um pouco.

Agora estou animado. Essa capa que o meu pai fez é demais. Eu não consigo parar de olhar no intervalo entre um parágrafo e outro. Sinto que está chegando o fim da minha jornada. Todos os meus medos, anseios, angústias, amores e melancolias, tudo que eu sei, aprendi, e o que possivelmente nunca venha a saber, está no meu livro. A grande incerteza da vida está registrada em cada linha disposta em fileiras com as letras que eu escolhi uma a uma para que possa fazer sentido. No fundo, a vida não é isso? Dentre as infinitas possibilidades escolher as letras que formam de alguma maneira uma palavra, que forma uma linha, que por sua vez forma um parágrafo, uma página, um capítulo e por fim a sua grande história de vida?

Curva-se diante do tempo e em reverência a deuses mortos, e o que tem nas mãos é apenas um livro escrito com toda a insegurança e a fragilidade de um animal de carne e osso. Com que finalidade conduziríamos as nossas vidas até o capítulo final? Seguir o curso do rio que não desemboca no mar, as nuvens que

se dissipam com o calor do sol, os polens que nunca encontrarão o solo fértil. No fim, somente semearemos a nossa miséria.

O GRANDE CAPÍTULO DA SOLIDÃO

E la veio da terra desolada. Mãe nada gentil de areia seca. Aço forjado em baixas temperaturas com candura de ventos glaciais.

Seu rosto é um diário íntimo que faz questão de mudar todos os dias. Sempre senta de costas para o motorista porque não quer ver para onde está indo. Costuma ficar no balanço do parque vazio todos os dias enquanto almoça. Volta para a fábrica e aperta os parafusos até às seis. Acende a sua vela à noite e fica esperando que a luz preencha a casa toda. Chora. Sonha em ter as mãos maiores para esconder todo o seu rosto. As horas caem como dominós no seu campo de sonhos ceifados.

Acordar é o pior dos infernos.

Ela é um número. Códigos binários e calçada bicolor onde todos pisam. Fio vermelho no encaixe vermelho, fio verde no encaixe verde. Sempre carrega no bolso do avental a carta da sua mãe. Quatro páginas de manchas de lágrimas secas. Pensa em estender página por página e mandar pela esteira. Um pouco de vida. Involuntariamente muda, sistematicamente cega e peripateticamente surda, atravessa o seu quarto escuro de dia.

Assim, dia após dia, ganha o estranho hábito de tocar no nariz. Tem medo de que depois de perder a identidade também perca o seu rosto. *Samota*. O sentimento é a linguagem universal.

Voltas, voltas e voltas no tempo ancestral. Da memória recôndita dos relógios biológicos. Para o começo de tudo. Pensamento a partir do sopro, sentimento a partir do choro. O corpo marcado pela miséria do nascimento, seguro pelas pernas na posição ampulheta. Contagem regressiva.

Não tente encontrar semelhança divina no outro que padece do mesmo mal. Todos são fragmentos do espelho partido. Dez, nove, oito, sete, seis, cinco. Horas para frente, vidas para trás. Os dias são uma esteira de repetição consentida. Uma morte em vida. As palavras ecoam sem parar no corpo vazio. Todos moram na sua torre de Babel particular. A única flor que nasce no coração dos homens provém do cacto. O deserto é a única edificação da paisagem

humana.

Todos têm a feição de suas sombras.
Os homens evoluem olhando para o chão. Todas as noites, rios e rios de lágrimas escorrem secretamente. Quatro, três, dois, um. Dormir para esquecer e simular o conforto da morte. Grito de horror no sono profundo. A alma confinada na sua estatura mediana de vida. Triste espetáculo de monólogo sem público, ninguém ouve, ninguém fala, ninguém sente. Diminuir a luz em volta da cama, apagar o último cigarro do maço e sofrer por antecipação os primeiros raios de sol. Desenha no teto mentalmente alguém que nunca vai conhecer enquanto os seus olhos se fecham lentamente. Zero. Cai o pano. Assim, tudo recomeça quando ela senta de costas para o motorista e a solidão sempre a viajar no assento ao lado.

“Grande” na intensidade do sentimento e não no tamanho do capítulo, eu sei.
O silêncio surdo subitamente preenche o meu quarto, a cidade e o meu mundo sonolento.
Deito a caneta e fico olhando para o quadro um tempão. Encontros impossíveis. Estou achando que o meu livro vai ter um final infeliz. Um desencontro completo. Uma tristeza sem fim de quem perde um ente querido. De repente penso em ir para a Tchecoslováquia. Melhor, República Tcheca. Queria fazer o movimento inverso do meu personagem. Quem sabe se eu encontro lá uma Kubikova de verdade? Praga. Imagino prédios *Art Déco* e frio. Acho que vou gostar da cidade. Solidão combina com frio. Esperança combina com *Art Déco*. Imagino caminhar pelas ruas que mais parecem do começo do século e tomar café nos bares perto da praça. Mas onde eu encontraria a minha verdadeira Kubikova? Numa livraria? Numa danceteria? Na fila de cinema? Numa apresentação de teatro experimental? Numa vernissagem de um artista novo? Numa exposição fotográfica? No supermercado? Num shopping? Na rua, no ônibus, no metrô, no banco da praça, na biblioteca? Num restaurante brasileiro? (Deve existir um, não?) Onde? Resolvo procurar a resposta. Pego a caneta e escrevo mais algumas páginas.

As folhas já começaram a cair. É outono. A verdade é que eu nunca dou bola para a passagem do tempo. Datas especiais não existem para mim. Natal ou Ano Novo não têm o menor significado. Mesmo porque todo Natal eu costumava pedir de presente a compreensão. Até o ano em que pedi o esquecimento. Depois disso, nada me importa muito. Mas, no outono, eu fico mais sentido. Lembro de um poema que pedia reverência quando o outono chegasse. Por isso eu me curvo

solenemente quando vejo as folhas caindo. Eu adoro andar pelas ruas quando chega o outono. Adoro ajeitar o casaco quando um vento gelado começa a soprar. Tenho escrito como se arrancassem as folhas do calendário todos os dias nos últimos meses. Mas desde que as árvores começaram a perder as folhas, os meus escritos também rarearam. Eu que achava que o livro estava no fim, percebo que terminar é muito mais difícil do que começar. Daqui da janela, olhando para a árvore com pouquíssimas folhas, lembro mais uma vez o meu pensamento recorrente dos últimos dias: O que é pior? Sofrer ou não sentir nada? De fato, é isso o que aconteceu. Não sinto mais nada. No momento em que o meu país todo vira outono (possivelmente a lembrança do livro de Bradbury *O País de Outono*), sinto que as minhas folhas também começaram a cair. Mas não com a costumeira melancolia, e sim com uma indiferença assustadora, tudo ameaça virar cinza. Abro a torneira para lavar o rosto e deixo o vento gelado secar. Olho mais uma vez para a árvore e penso que vou desaparecer quando a última folha cair, como no conto de O. Henry. Dizem que no outono tudo amadurece, mas, a mim, parece que volto à mais tenra idade, na infância. Pego um cubo de gelo e coloco na boca. A vontade também não será um pedaço de gelo que com o tempo vai desaparecendo? Acordar, almoçar, jantar e dormir. É tudo o que tenho feito. Somente nas quartas e nas sextas eu mecanicamente manuseio as picapes. Há três semanas que toco o mesmo *set list*. Esta semana só vou levar dois CDs que já deixei gravados com as músicas escolhidas. Só vou ter o trabalho de passar de um CDJ para o outro e mais um de reserva que gravei sem intervalos, que nem vou ter o trabalho de trocar. É só dar o *play*.

Mas acho que desta vez não se trata de repetição. A dor desapareceu, a solidão foi aceita e o amor não existe mais. Os discos estão em rotação mais lenta e acho que chegou a hora de apertar o botão *stop*. Não, não estou triste. Não mesmo. Muito menos angustiado. Simplesmente tudo se apaziguou. Eu deixei de sentir. Acho que todas as minhas folhas caíram. Quando o inverno chegar, penso em dormir para sempre. Talvez como uma hibernação da vida, não pretendo acordar nunca mais. Não, também não penso em morrer. Não, não é isso. Sinto que estou com uma certa assepsia. Explico. Não sinto o gosto pela vida. É como se estivesse gripado e não sentisse mais o sabor das comidas. Perdeu a graça tudo de que eu gostava. Eu não vou mais ao cinema, nem ando mais de metrô e nem sequer bebo. Nem penso mais na Ginger, nem na Meg. Acostumei a andar de cabeça baixa. A cada dia que passa eu me pareço mais com a Kubikova. Os

mesmos sentimentos de estar numa cidade estrangeira. Comecei a imitar o meu *Grande Capítulo da Solidão*. À tarde, fico sentado no balanço do parque vazio. À noite, acendo uma vela e fico olhando para a parede branca. Quando ando de ônibus, sempre escolho o assento de costas para o motorista e discoteco como se estivesse na linha de produção. A minha vida pasteurizou-se. Virou um leite coalhado impróprio para o consumo.

As folhas continuam caindo. Mas o intervalo das quedas diminuiu bastante devido à escassez das folhas. Estranho. Está fazendo um frio fora do comum. Todos estão estranhando a baixa temperatura. Eu mesmo não me lembro de ter feito tanto frio em toda a minha vida. Nem as árvores costumam perder tantas folhas.

O meu passatempo favorito agora é olhar pela janela e contabilizar quantas folhas ainda restam na árvore. Árvore… Na verdade é mais uma plantinha. Essas de canteiro. Como eu não entendo nada de árvore, é possível que também seja uma muda. Trinta, trinta e um, trinta e dois, trinta e três. Caíram mais cinco só de ontem para hoje. Fico pensando como é que elas sobreviveriam se perdessem todas as folhas. Obviamente fiz um raciocínio equivocado achando que as folhas equivalem às nossas mãos. Será que consigo escrever se eu perder as minhas mãos? A verdade é que já não escrevo mais nada faz uma semana. Não sinto a menor falta. Agora entendo. Elas sobrevivem. Caso eu pare de escrever, também iria sobreviver. Da janela fico sonhando com a neve. Debruçado no parapeito, fecho os olhos imaginando caminhar pelas ruas de Praga e tenho a impressão de ter visto Kubikova entre os flocos de neve que caíam.

O frio se intensificou. Agora tem vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito folhas. O noticiário anuncia um frio recorde. A massa atlântica polar não para de aumentar. O inverno vai ser rigoroso, o que não acontece há muito tempo. As pessoas andam preocupadas, mas a mim isso não diz nada. Continuo sonhando com a neve.

O Paulão anda irritado comigo porque não mudo mais o *set list*. “Pois não.” Hoje começo com o CD reserva e só mudo a ordem das músicas. Parece funcionar. Ninguém mais fala comigo no *Passenger*. Até o Dimi já cansou de tentar. Agora tudo que ele faz é empurrar uma dose de *Red* toda vez que sento no balcão. Quer saber? Não faz nenhuma falta não conversar com ninguém.

— Ei, lembra-se de mim? Você tocou na minha festa. — Ah, sim, com licença. Levanto e saio pela porta. Ouço ainda alguns insultos ao longe, quando ganho a rua. Esqueço o meu cachecol na cabine.

A primeira coisa que faço quando acordo é olhar para a árvore. Folhas a menos. O frio continua intenso. Fico com receio de contar o número de folhas. Nunca pensei que fosse fazer tanto frio aqui. Imagino que de tanto pensar em República Tcheca talvez eu tenha trazido o tempo de lá. Bobagem. Mas eu queria acreditar. Seria fantástico ver nevar em São Paulo. Mas o que eu mais quero é que algo ou alguém traga a Kubikova para mim. Fico esperando a maior parte do dia na janela algo que transforme a minha vida de ficção em realidade. Só quando começar a nevar. Tenho uma previsão pessimista. Será que existe limite para milagres? Como a gente pode acreditar em algo que sabe que é impossível? Algo que nunca aconteceu antes e que cientificamente, geograficamente e, logicamente, é impossível? Acreditar. Não será este um dos grandes segredos e mistérios da vida? Acreditar em si não será um milagre? Eu não sei ao certo se acredito. Às vezes, eu acho que tenho uma vaga ideia ou com sorte tenho crenças momentâneas. No momento eu acho impossível. Quem sabe um dia eu volte a acreditar. Mas no momento todas as minhas convicções caem como as folhas dessa árvore. Definitivamente, o meu inverno chegou.

Sento na frente do computador. Resolvi mudar de método. Escrever direto no computador. Sim, eu resolvi resistir. Depois do que passei não seria justo desistir assim. Mas nem a capa do meu pai me anima mais. Fico olhando o computador e o cursor piscando sem parar. Tenho uma vontade irresistível de apertar a tecla *delete*. Não resisto e aperto. Continuo apertando. Desaparece uma linha inteira. Depois um parágrafo inteiro. Seleciono uma página inteira. Por um momento fico questionando a minha sanidade. Percebo que o que achava que era a coisa mais importante da minha vida, de repente, não faz o menor sentido. Afinal, o que é a vida? O que nos faz continuar vivendo? Que importância tinha publicar um livro? Quem se importa? O que eu queria com isso?

De repente, todas as certezas parecem ter desaparecido. Pior, parece que eu não sei de mais nada (como se antes eu soubesse de algo). Uma piada? Lembrei aquele filme *Curso de Verão*, em que um cara grita: “Eu não sei nada, eu não sei nada”. Como uma estranha amnésia, esqueço todas as minhas motivações. Continuo olhando o cursor piscando. Tento descobrir a origem da minha pretensão. O que me fez pensar que poderia escrever um livro de que todos

gostassem? O que me fez pensar que eu poderia tirar algo de bom da minha medíocre vida? Seleciono todas as páginas. Quase um ano de trabalho. O que acreditava que era a minha vida. A grande verdade é que vou continuar existindo mesmo depois de tudo isso desaparecer. A minha dor vai continuar existindo. Então, o que vale esse monte de besteiras? Fico olhando por um tempão o livro inteiro selecionado à espera de um simples toque para que desapareça por completo. Levo o dedo indicador até a tecla. Imagino dramaticamente que, quando eu apertar o botão, vai coincidir com a queda da última folha. Vou até a janela. Ainda tem algumas folhas tremulando ao vento. Volto para o computador. Aperto a tecla. Não, não foi *delete*. Só fechei o documento. Eu não poderia acabar assim tão facilmente com a prova da minha incompetência. Teria que conviver com ela. Caso eu tenha mais uma vez a ideia estúpida de querer tentar de novo, teria uma prova irrefutável de que sou um fracassado. Sempre exposto como uma cicatriz, toda vez que eu olhar para o computador saberia que não poderia escrever mais nada nessa vida. Como um cadáver não sepultado.

O resto da noite é estranhamente reconfortante. Vou para a cama depois que a última folha cai.

Estou batendo uns bons cinco minutos o copo de whisky com o dedo. O gelo já derreteu todo, o que provoca um sorriso sarcástico do Dimi. Eu respondo com um outro sorriso, porém amarelo, levantando o copo.

— Perdendo a forma, Dimi.

Pensei que fosse ficar chateado por causa da minha decisão, mas não. Estou bem. Alguém me disse que santo remédio é a ignorância. No meu caso, acho que foi o conformismo. Aceitar que sou um medíocre, sem talento. Agora tudo que tenho a fazer é pagar as contas no fim do mês. Nada mais. Com isso também posso procurar outros empregos. Ser bancário, funcionário público, vendedor, garçom, barman, manobrista, peão de obra… Ei, não me entenda mal. Não é que estou sendo preconceituoso. Só estou dizendo que não me faz nenhuma diferença que emprego eu tenha a partir de agora. O que eu quero dizer é que não vou mais sofrer por meu complexo de superioridade e sentimento de culpa por inadequação. Eu decidi só sobreviver. E ficar feliz com isso.

Giro a cadeira e fico olhando para as poltronas. Ao fundo, eu vejo a pista. As pessoas sorrindo, conversando. A vida a partir de agora se resumiria na

aceitação. Jogar conversa fora e de vez em quando falar de literatura e emitir opiniões que não valem absolutamente nada. Antes ficava com raiva do pessoal que discutia com toda propriedade defeitos e virtudes de escritores, cineastas, peças de teatro, sem nunca ter feito absolutamente nada. Fico com medo de me tornar um deles. Cogito fortemente carregar cimentos em algum canteiro de obra. Não seria nada mal. Voluntariamente mudo, sistematicamente cego e completamente surdo. Espera. Você não estava pensando que eu tenho talento, não é? Quer saber? Eu não passo de um pretensioso. Um megalomaníaco prepotente. Mas agora eu sei. Tudo que eu preciso fazer é aceitar a minha condição de sem talento. É isso que sou.

Ao pensar nisso, sinto um vento gelado me atingir com tudo. — Ei, Jonas, fecha essa porta.
— Qualé? Tá fechada.
Sim, agora a minha decisão começa a me doer um pouco.

Mas sei que vai ser passageiro. Daqui a pouco vou ficar anestesiado. Só sobreviver. Nada mais. Eu quero isso. E tenho que aceitar todas as consequências.

Faltam apenas vinte minutos para a minha discotecagem. Não estou com a mínima vontade. Não sei se isso foi uma maneira de suicídio em vida, o fato é que não consigo e nem me importo muito com o que pode e vai acontecer comigo depois. Só sei que neste exato momento decido que não quero mais discotecar. Não faz a mínima diferença tocar ou não. Eu arrumo uma outra coisa para fazer. Ou fico bebendo até morrer. Que me importa?

— Paulão?
— O que foi?
— Eu queria dizer uma coisa.
— O quê?
— …… Na… nada.
— Porra, Fahrenheit! Tenho mais o que fazer. Aí está a confirmação. Além de medíocre, sou covarde. Volto para casa completamente abatido.

— Alô, alô?
— Sim?
— Dani, sou eu. Desculpe ligar a essa hora.

— Tu… tudo bem. Quanto tempo. O que… conta? — Eu… eu… na… nada. Peço desculpas e desligo. Eu sei que ela não vai me ligar de

volta. Tenho certeza. Eu conheço a Dani. Acho que ela estava dormindo. Vai pensar que foi um sonho. Ela não vai me ligar de volta. Mas não sei por que fico olhando para o aparelho mudo por um tempão. Fico hipnotizado pelo telefone até me levantar e pegar uma caixa de camisa. Recolho os originais em cima da mesa, ajeito tudo e coloco cuidadosamente na caixa. Devolvo a caixa ao armário pensando que essa camisa não me serve mais. Agora só falta mais uma coisa. Pego o quadro da parede. Fico olhando por um tempo, até que o coloco na gaveta da escrivaninha. O desenho ainda permanece por um tempo na minha retina. Adeus. Nada mais apropriado. Era uma despedida.

Aqui, convém um pedido de desculpas. Eu sinto muito ter feito você me acompanhar até aqui por nada. Mas também quem disse que alguém está me acompanhando? E se isso tudo não passou de uma fantasia minha? Um grande, talvez o meu mais longo monólogo? Não, não quero pensar nisso agora. Prefiro acreditar que você está aí. Sabe, pode cobrar de mim todas aquelas palavras de otimismo e sonhos que no fim não concretizei. Eu errei. Peço desculpas do fundo do meu coração. Mas creio que as minhas palavras continuam valendo. A desistência é só minha. A incompetência e a falta de talento são só minhas. A nossa semelhança termina aí. Convém você descobrir sozinho se tem talento ou não. Se você acredita ou não. Isso é uma decisão sua. Você pode tentar me dissuadir que eu estou errado e que tenho talento sim. Peço desculpas de novo. Não acredito mais nisso. Vou me contentar em ficar no fundo do bar bebendo sozinho, de vez em quando ter pensamentos obscuros e sofrer pela minha vida de eterno monólogo. É, eu sei. Mas aceitei isso. Por fim, só me resta ser completamente honesto com você. Por consideração e por gratidão que nunca poderei recompensar. Vou poupar você desse martírio e terminar logo o relato dessa minha patética história de vida. Mas não tenha pena de mim, por favor. Como disse, eu escolhi. Eu quis assim. Agora, só me resta desejar boa sorte. Espero, espero do fundo do coração que você consiga. Que prove também para mim que um milagre é possível. Por favor, se conseguir, se você acredita, me traga de volta para a vida também. Se não, você sabe, agora não me importo mais. Não, não estou transferindo a responsabilidade para você. Pelo contrário, você também pode desistir se achar que não vale a pena. Eu entenderia perfeitamente. Bom, uma coisa é certa. Nem tudo foi perdido. Sabe por quê?

Nisso tudo eu ganhei uma coisa muito importante. Oculto, mas ainda assim, agora eu tenho você. Meu amigo.

Licença, porque vou fechar a janela. Dizem que hoje vai ser a noite mais fria em 45 anos. Boa noite e boa sorte. Obrigado por tudo.

Estou ouvindo *Inside of Love* de Nada Surf. É a música que mais me resume atualmente. “Eu sempre estou do lado de fora do amor. Tudo que eu queria saber é como é por dentro do amor.” Noites e noites de frio, não consigo parar de pensar em *Cem Anos de Solidão*.

O frio continua e eu arrasto já por quase uma semana as pantufas que comprei para uma festa do ridículo de uns dez anos atrás. Quem disse que sempre fui antissocial? Do nada, imagino pantufas em forma de jaca e fico rindo sozinho. “Enfiar os dois pés na jaca.” Sacou, sacou?

As pantufas são em forma de patas de dragão. Você precisa me ver segurando a caneca e andando de pantufa. Pareço um autêntico dinossauro. Ei, não é pelo peso não, é pelo meu jeito meio bronco de ser, tá legal? Pareço bem-humorado? Impressão sua. Algo começou a germinar em mim depois do jantar na casa do Roberto. É, não deu para ficar sozinho para sempre aqui. Também ele insistiu tanto... Ok, estava com fome. Tudo estava indo bem até que ele me perguntou: “E o que vai fazer na vida?”. Isso me irritou profundamente. Não por causa da pergunta, e sim por causa da convicção dele de que é preciso fazer alguma coisa nessa vida. E se alguém nasce e decide que não vai fazer absolutamente nada, a existência dele fica inválida? Deus vai mostrar o cartão vermelho ou vai soar aqueles *bips* ou alarmes avisando que ele está errado? Essas teorias utilitaristas da vida sempre me irritaram. É preciso necessariamente fazer alguma coisa para ser feliz? A mim, não parece um motivo suficiente. “Não pretendo fazer nada”, respondi. O que se ouviu em seguida foi um discurso acalorado sobre: “você precisa encontrar um sentido na vida”, “isso é inadmissível”, “você está jogando a sua vida fora”, “eu arrumo um emprego para você na agência”, “você tem tudo para se dar bem na vida”, sempre acompanhado de perto pela expressão séria da Carol que concordava em tudo com o marido e discordava em tudo de mim. Normalmente não ligaria. Mas não sei por que explodi.

— Vocês acham que isso é vida. O maldito sucesso é isso para vocês. A medida da vida é o que se consegue pegar na mão, é isso? Quanto tenho na minha conta

bancária? Que triste espetáculo são as nossas vidas que no fim são medidas pela satisfação de ter vivido no conforto. Não vou fazer um discurso imbecil de que sou diferente de vocês. Mas tenho outras preocupações. Nem mais profundo e nem mais raso do que o prato em que a gente acabou de comer. Roberto, a minha fome, a minha miséria, não vem do dinheiro. Ok, também não vou ser hipócrita. Não posso viver sem isso. Mas me dê um pouco de dignidade para poder escolher o que é importante para mim. Um dia vou provar que um não exclui o outro. Mas, até lá, me dê a chance de escolher o que é certo ou errado. Sem isso eu não existo. Sem isso não sou nada. Tire de mim o prato de comida, mas isso não. Sem isso eu morreria. Sou o que acredito.

Assim que saí pela porta me arrependi. Eu deveria ter entendido. Eles só estavam preocupados comigo. Fui um idiota sim, mas não consegui evitar. Depois disso, fico remoendo entre o remorso e o que eu disse. Afinal, por que disse aquilo? Se não acredito em mais nada? Não importa. A minha história já acabou. Tiro as pantufas. Eu só poderia ser pé quente com as meias da minha mãe. Enquanto fecho os olhos sentado na cadeira, as minhas perguntas continuam martelando a minha cabeça. Por um momento caio na tentação e fico olhando para o computador. Penso em pegar a caixa com os originais. Como a caixa de Pandora, sonho em encontrar a esperança quando abrir. Bobagem, nada disso vai acontecer. Está tudo acabado. Minto. Uma coisa poderia salvar sim. O quê? Uma intervenção divina. Só Deus poderia mudar alguma coisa a essa altura do campeonato. Uma intervenção divina. Mas será? Será que… Num súbito impulso de insanidade, resolvo tentar a mais absurda das tentativas de salvação. O pior é que eu estava realmente levando a sério. Intervenção divina. É disso que eu precisava. Uma intervenção divina.

— Deus, eu preciso de uma intervenção divina. Será que o Senhor pode me ajudar? Deus, está me ouvindo? Me mande um sinal, pelo menos, de que vai dar tudo certo no fim? Por favor? Que bobagem. Que boba…

“Dim dom.”

Impossível, mas juraria que ouvi a campainha tocar. Será possível? Terá Deus finalmente enviado um sinal? De tanto pensar em *Cem Anos de Solidão*, a minha vida se transformou em realismo fantástico? Entre um sorriso patético e incrédulo me levanto para ver. Logo após afastar qualquer ligação divina da manifestação sonora, raciocino pragmaticamente enquanto caminho. Aqui temos

quatro hipóteses. Uma, a campainha que tocou foi a do vizinho. Duas, alguém apertou por engano. Três, o meu pai. Quatro, a Meg que talvez agora possamos conversar de igual para igual no meu atual estado quase insano. Encaro o olho mágico. Não vejo ninguém. A primeira e a segunda hipóteses ganham mais forças. Para confirmar a terceira ou quarta, eu teria que abrir a porta. Fico olhando por um tempo. Nada. Assim, sendo a primeira ou a segunda a hipótese certa, em nada muda a minha situação. Volto para a cadeira.

Sinal divino. Essa foi boa. Isso foi uma pegadinha. Pegadinha divina. Sacanagem.
"Dim dom."
Essa não. Agora tem mais uma hipótese. Deve ser algum moleque brincando de apertar campainha. Ah, se eu pego esse moleque… Vou até o olho mágico de novo. Batata! É um moleque. Abro a porta com tudo.
— Seu moleque! Vai apertar a campainha da sua casa! — Mas ele nem se mexe. Nem parece estar surpreendido. Fica parado olhando para a minha cara. Escuto no fim do corredor alguém tropeçando. É o Severino.
— O que foi Severino?
— Esse moleque, seu Faguenaiti. Já tinha segurado, mas subiu de novo.
O moleque continua me encarando. O Severino ameaça levá-lo na mão.
— Não!
— Moleque, o que você quer? Você mora no prédio?
— Não.
— Você é o Júnior?
— Caralho. Quem disse que sou Júnior?
A hipótese do pai volta com tudo. Epa, espera, pode ser também a Ginger querendo tirar uma com a minha cara. Só não lembro se eu disse sobre essa coisa de Júnior para a Meg. Aquela noite em que usei droga. É bem possível.
— Quem mandou você aqui?
— Não sei.
Ai meu saco. "A garota mais louca da cidade" conseguiu uma operação plástica e se transformou nesse garoto?
— Só vim entregar isso.
Será "a garota mais louca da cidade" devolvendo o meu dinheiro? Será meu pai mandando alguma outra versão da capa? Ou a hipótese que mais me agrada, será a Ginger me fazendo surpresa e querendo me ver? Será que um milagre está prestes a acontecer? Vai voltar tudo ao eixo novamente?

— Quem mandou você?
— Não sei.
— Como não sabe?
— Não sei. Uma mulher me deu para entregar para você. Toma. Preciso ir embora. Já tá tarde.
O moleque me empurra um pacote. Uma mulher. Isso acaba com a hipótese do pai. Só restam duas. A Meg ou a Ginger. Tomara que seja a segunda.
Entro apressado e coloco o embrulho na mesa. É quadrado. Inconscientemente descarto a Meg, ela não enviaria dinheiro na mão de um moleque. Mas o que ela poderia ter mandado? E se for a Ginger, o que será? Rasgo a embalagem. Quando abro, os meus olhos se enchem de lágrimas. Está sendo frequente e repetitivo, eu sei. Mas desta vez não vou conseguir segurar. No embrulho tem um CD e um livro. O CD eu reconheci de imediato por causa do Rimbaud desenhado na contra capa. Eu comprei esse CD. *And You Will Know us by the Trail of Dead*. Dei de presente ao Charlie no seu aniversário por causa da música faixa quatro, *Baudelaire*. O livro é obviamente *As Flores do Mal*. Não consigo evitar de chorar. Seguro o bilhete com as mãos trêmulas.

Júnior,
(Você achou que a última piada seria sua?)

Bom, você já sabe. Se você está lendo isso é porque eu dancei. E nem pense em me procurar porque provavelmente vou acabar numa vala comum de indigentes. (Nem você poderia imaginar um fim tão trágico, hein?)
O que eu tenho a dizer é curto e grosso.
Primeiro, quero agradecer. (Enumerando. Isso é coisa sua, não? Maldita convivência)
O Baudelaire me salvou mas é você quem me manteve vivo muitas vezes com suas convicções.
Segundo, eu acredito em você. Acredito no que você escreve, acredito no que você fala, acredito no que você sonha. Só devia fazer mais pessoas acreditarem em você.
Como fazer isso? Simples. Diga a eles.
Resumindo, escreva. Faça o que for preciso, mas não deixe de se expressar. Não desista. Só você pode fazer isso.
Porra, se você desistir, vou voltar para puxar os seus pés toda noite.

Quando meus pais morreram eu só pensava em uma coisa: “por quê?”

Achei que respondendo essa pergunta encontraria a minha cura.
Depois de muito tempo descobri que era a pergunta errada.
A pergunta certa era “quem?”
Espero que você seja Baudelaire para alguém.
No fim, é só isso que importa.
Faça.

De profundis clamavi
Charlie

P.S.: Não fui curto nem grosso, mas foda-se. Vai querer discutir com um morto, Júnior?
Entrega o livro para alguém que vá gostar. Você vai saber para quem.

Entre o riso e o choro não consigo precisar o que de fato sinto. O Charlie está morto. O Charlie está morto. Não consigo conter as lágrimas. É isso que me resta na vida? Uma morte estúpida e solitária? A vida é uma bala que levamos de costas? Aqui estão em minhas mãos os últimos legados de um homem, um amigo, um irmão de sofrimento. A sua bíblia, seu réquiem e seu testamento. Mas o que há para salvar, meu amigo, se também levarei uma bala nas costas quando a minha hora chegar? Lembrei do dia em que ele enfiou R$ 50,00 na minha calça. “Ei, é para você comprar o livro que você me falou. Mas nada de gastar com bebida, hein?” Corro os olhos pela estante. *Despedida em Las Vegas*. Está aqui. Está aqui, Charlie. O livro que você comprou para mim. Mas me responda, para que serve isso? Para quê? Para que serve? Para que serve a nossa inútil vida? Para que eu sirvo, Charlie? Para que nós servimos? Só para continuar existindo? Se é para sofrer, preferia morrer. No fim, é só isso que nos resta? Uma morte estúpida e solitária? Chorei ao nascer, choro ao viver e chorarei ao partir. A vida é uma sucessão de sofrimento. O apartamento inteiro parece girar.

Charlie, você merece um funeral. Digno de um artista que fez da própria vida uma obra de arte. E eu, como seu único parente, um irmão da dor, conduzirei a cerimônia. Vou até a cozinha e pego dois copos e uma garrafa de whisky. Coloco o livro, o CD e o bilhete na mesa. Eis o altar.

— Um copo para você e outro para mim. — É a minha oferenda.
Eu viro o copo de uma vez.
— Agora as últimas palavras.

Pego *As Flores do Mal*. O poema que trouxe o Charlie de volta para a vida agora vai conduzi-lo no caminho da morte. Além das lágrimas, não vou conseguir evitar também a minha voz embargada.

Ó tu, o Anjo mais belo e o mais sábio senhor, Deus que a sorte traiu e privou do louvor,
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!
Tu, que és o condenado, ó príncipe do Exílio, E que, vencido, sempre emerges com mais brilho,
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!
Tu, sábio e grande rei do abismo mais profundo, Médico familiar dos males deste mundo,
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!
Tu, cujas graças ao leproso e ao pária cedem Com a lição do amor o próprio gosto de Éden,
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!
Ó tu, o que da Morte, a tua velha amante, Engendraste a Esperança — a louca fascinante!

Tem piedade, Satã, desta longa miséria!
Tu, que dás ao proscrito a fronte soberana, Que em torno de uma forca um povo inteiro dana,

Tem piedade, Satã, desta longa miséria!
Tu, que bem sabes onde, nas terras mais zelosas, Cioso Deus guardou as pedras mais preciosas,
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!
Tu, cujo olhar conhece os fundos arsenais, Em que dorme sepulto o povo dos metais,
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!
Ao sonâmbulo a errar à borda de edifícios, Tu, cuja larga mão esconde os precipícios,
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!
Tu, que magicamente abrandas ossos ralos, Do ébrio retardatário a quem pisam cavalos,

Tem piedade, Satã, desta longa miséria! Tu, que ao homem — nas mãos da desventura um títere – Ensinaste a juntar enxofre com salitre,

Tem piedade, Satã, desta longa miséria!
Tu que impões tua marca, ó cúmplice sutil, Sobre a fronte de Creso, que é impiedoso e vil,
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!

Tu, que na alma e no olhar destas mulheres pões O culto da ferida e o amor dos farrapões, Tem piedade, Satã, desta longa miséria!

Do exilado bastão, lâmpada do inventor, Confessor do enforcado e do conspirador,
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!
Pai adotivo dos que, em sua ira sombria, Deus pai pôde expulsar do paraíso um dia,
Tem piedade, Satã, desta longa miséria!

Tendo parado várias vezes sem conseguir conter a emoção, termino a leitura e viro mais um copo.
— Agora o *réquiem*.
Mais um copo. Pego o CD e coloco no aparelho. Faixa quatro. Modo *repeat*. Baudelaire. Teremos como as testemunhas o céu e a terra. E a nossa mãe miséria. Cortejo de um homem só. Adeus, Charlie. Este é o seu funeral secreto. Aumento a música. A vizinha começa a batucar com a vassoura na parede. Tum, tum. A batida da música coincide com a batida da vassoura. Tum, tum, tum, tum. Continuo dançando no ritmo da música deixando o batuque da vassoura ecoar pela sala. Que Deus também tenha piedade desta longa miséria. Adeus, Charlie, adeus. Descanse em paz. Adeus.

É preciso ordenar as páginas para que a história faça sentido. É preciso chegar ao fim para saber se a história terá um final feliz ou trágico. Mas, como no livro que relata um determinado período da vida dos personagens, como vou saber se as pessoas serão felizes para sempre? E se eles brigarem em seguida e se separarem? Sempre duvidei de histórias de contos de fadas. E depois, o que acontece?

Acordo estranha e completamente sóbrio. Sento à mesa com toda a calma do mundo e estou tentando responder essas perguntas enquanto olho para os papéis em branco, exata meia hora. Qual é a motivação certa? Porque, apesar do Charlie, eu precisaria encontrar a motivação certa para voltar a escrever. Fecho

os olhos e me concentro. Percebo que estou extremamente calmo. Lembro do meu vestibular. Lembro dos meus últimos pensamentos antes da prova. Não, não pensei na minha mãe. Também não pensei o quão duro eu tinha dado para chegar até ali. Só pensei em deixar a minha marca. Só pensei em escrever o que sou. Traduzir em palavras o que sou. O que me fez e fiz durante o ano todo e a minha vida inteira. De modo que quem corrigisse a minha prova veria o quanto eu me esforcei, o quanto aprendi e o quanto eu quero ser aceito pelo que sou. Eu não seria perfeito, também nunca viria a ser. Mas eu estava lá com a certeza de que isso é tudo e somente o que posso fazer e que eu terei orgulho em preencher todos aqueles espaços em branco com a minha história de vida. Todos diziam que o que eu queria era impossível. Nunca um aluno da periferia tinha passado no curso mais concorrido do vestibular com tão poucas vagas. Todo dia eu ouvia estatísticas e mais estatísticas tentando me dissuadir e me convencer a prestar para um curso mais fácil. “Você nem ao menos, aliás, nunca foi um bom aluno.” “Não, eu vou continuar.” Sim, eu queria uma chance. Um espaço para um milagre acontecer. Eu não recuaria. Mesmo que eu perdesse todas as minhas faculdades mentais, nada me impediria de sentar naquela cadeira e fazer a prova. Muito além da simples realização de um sonho, eu estaria preparado. Com talento ou sem, com inteligência ou não, nada me impediria ser eu mesmo. Com todos os meus defeitos e virtudes, eu colocaria em prova as minhas crenças sem ter medo de ser reprovado. Tudo que eu queria era ser eu mesmo. De fato, o resultado não teria mudado em nada. Quando saí da sala eu sabia que tinha feito o que tinha que ser feito. O resultado não importava. Alguém me perguntou na saída: “E aí, como foi?”. “Eu fiz”, respondi.

Pego a caneta. Talento, inteligência, conhecimento. Nada disso importava. Eu só precisava escrever com tudo que sou. Cheio de defeitos e dúvidas, eu sei. Mas era tudo que tinha aprendido nessa vida. Fracasso ou sucesso tampouco importavam. Eu só precisava cunhar, com todas as forças, todas as minhas crenças nesse papel em branco. Transcrever a minha própria vida. Do meu jeito. “Da minha maneira peculiar.” Com a minha voz e a minha experiência. O mundo teria que me aceitar do jeito que sou. A diferença não estava no talento, nem na inteligência e muito menos no conhecimento. Estava na vontade. A vontade com que você quer fazer algo. Se é que existe talento, inteligência ou conhecimento, na falta de algum desses, teria que suprir com a vontade de querer fazer. Lembro do *Waking Life* de Richard Linklater. “A vida é como uma caixa de lápis de cor. Deus nos dá caixas com 4, 8, 12, 24 ou com 36 cores. Não

importa se você recebe uma com quatro ou com 36. Você tem que fazer o melhor com o que Deus dá. Independente de quantas cores tenha na sua caixa.” Não importava se eu recebesse apenas um lápis de cor, preto. Eu teria que preencher o resto, a falta das minhas cores com a minha vontade de viver. Eu teria que fazer com o que tenho. Eu teria que pintar a minha *Guernica* com meu lápis preto. Tento reunir toda a minha vontade. O que ainda faz esta vida valer a pena. Eu viveria apenas uma vez. Eu teria que fazer o que acredito. Eu teria que viver o que sou. Eu teria que fazer o melhor que posso com tudo que tenho. Mesmo que esse meu melhor não fosse o suficiente, eu teria que fazer. Para que as pessoas soubessem que eu fiz, apesar da minha deficiência. Que eu lutei, apesar dos meus defeitos, que parti na direção do monstro, apesar de saber da morte certa.

O resultado. Eu conseguiria. Eu conseguiria fazer com que as pessoas me entendessem. Porque eles iriam entender que tudo que fiz veio da pura vontade de viver. Eles reconheceriam a massa bruta de vontade que sou e me aplaudiriam. Mesmo que eu morresse tentando. No fim, eles saberiam o que eu queria e me amparariam. Me levariam para descansar no leito solitário e velariam pela minha alma.

Sou apenas um ser humano como você, tentando encontrar uma saída. Sou apenas um homem com uma incerteza do tamanho do universo tentando encontrar um motivo para continuar vivendo. E o meu direito, o meu único direito, será tentar. Isso, nunca, ninguém poderia tirar de mim.

Começo a escrever.
Enquanto escrevo lembro da minha mãe. Lembro de todas as frases que eu disse aos garotos, lembro de cada diálogo que tive com a Ginger, as minhas desventuras com a Meg, o encontro com meu pai, a capa do livro que ele me fez, o presente de aniversário do pessoal do Passenger, o bilhete do Charlie… Escrevo sem parar. Escrevo como um alucinado. O dia vai passando e eu continuo escrevendo. Não sinto fome e nem sede. Tudo que eu quero é continuar escrevendo. Cai a noite e continuo escrevendo. Paro um instante para olhar para a janela. Meus olhos doem. Mas é impressão minha ou a noite está quente? Na verdade estou feliz. Por estar fazendo o que eu quero. Por ter a chance de fazer o que eu gosto. Por estar no lugar que quero estar e por ser exatamente a pessoa que queria ser. Eu posso fazer isso. Continuo escrevendo a madrugada inteira. E, não sei de que forma, quando caio no sono continuo escrevendo. Acredite, no

sonho.

Acordo assustado. Vou até o banheiro lavar o rosto. Gosto do que vejo no espelho. Não sabia que faltava tão pouco para terminar. Escovo os dentes, tomo um copo d'água e volto para a mesa. Escrevo. Eu sei que se continuar nesse ritmo vou terminar talvez na madrugada de hoje. A história toda já está na minha cabeça. Lá pelo meio-dia, penso na discotecagem de amanhã. Pela primeira vez vou tocar *The Passenger* no *The Passenger*. Na versão original de Iggy Pop, é claro. Por quê? Porque agora sei que posso ficar. Finalmente entendi como ser passageiro mesmo ficando parado. Pertencer. Agora eu pertencia. À medida que eu avanço, sinto cada vez mais a presença da minha mãe e do Charlie olhando sorridentes pelos meus ombros para o que escrevo. Ao mesmo tempo, penso no meu corpo astral que sai procurando o muro imaginário que grafitei com a única coisa que aprendi nesta vida. *Just people can save people.* Acrescento, com as mesmas letras garrafais, *but just you can save yourself.*

Respiro fundo antes de colocar o ponto final. Volto para a página dois para escrever a dedicatória. "Ao Charlie esperando ser Baudelaire para alguém."

Assim, eu volto à vida. Desejando do fundo do coração que o meu livro possa trazer mais pessoas de volta para a vida. Sinceramente, nada neste mundo me deixaria mais lisonjeado do que alguém me dizer: "O seu livro salvou a minha vida".

Agora só tenho mais uma coisa a dizer. O meu único conselho de vida. Duas letras que formam uma palavra. Você já sabe, quando tudo estiver ruim, lembre-se destas duas letras que formam uma palavra: GO. Escreva, desenhe, pinte, fotografe, dance, costure, atue, cante. Portanto, quando tudo estiver ruim, lembre-se destas duas letras que formam uma palavra. GO. Vá. Vá em frente. Apenas faça.

Conformismo é uma das piores formas de morte em vida que você pode ter. Acomodar-se é muito mais fácil do que tentar. Por isso, quando menos esperar, você pode se deparar com a triste certeza de que o seu tempo já passou. Vale o mesmo para o desânimo. Portanto, tente. Uma, duas, dez, cem, mil, um milhão de vezes se for preciso. Mas tente. Até dar certo.

Quer saber? Vou adorar ler o seu livro, ir à sua exposição, usar sua roupa, ver a

sua peça e ir ao seu show. Pode me convidar. Eu vou querer que você me autografe o seu livro, vou ouvir suas ideias e angústias, e vou estar pronto para aplaudir de pé todas as suas iniciativas. Palavra de amigo. Você pode tudo. Só não pode uma coisa. Desistir. Lembre-se. GO. Vá. Vá em frente. Apenas faça.

Vamos ter que fazer um milagre acontecer. Vamos ter que fazer da exceção a nossa regra. Provar que as regras que nos fizeram engolir goela abaixo estão erradas. Chegou a hora de quebrar as regras e consertar a vida.

Em seguida, fico sorrindo de braços abertos, deixando escapar *Mississipi Goddamn* pela janela.

Estou parado na frente de uma livraria. Daqui a uma semana o meu livro vai estar nessa vitrine. E hoje, para comemorar antecipadamente, marquei um *happy hour* com meus… amigos. (Ainda é meio difícil pronunciar isso, dependendo da ocasião em que uso. Mas estou me acostumando.) Vão estar lá, o Dimi, a Jaque, o Jonas, o Paulão (sim, o Paulão), o Edu (com quem fiz as pazes), o Roberto, a Carol e até o meu pai. Já combinei a noite de lançamento, quer dizer, a festa de lançamento. Como DJ, não poderia fazer uma noite de autógrafos comum, não é mesmo? O GB vai dividir as picapes comigo. O Douglas vai organizar tudo. Penso em abrir o meu *set* com a minha aposta deste ano, que tem um integrante brasileiro na banda. Não, não é The Strokes. A banda é britânica e chama-se Guillemots. Com certeza, vou abrir com *Trains to Brazil*. *Trains to Brazil*. Kubikova… Não é perfeito? Mas no momento estou no lugar onde eu realmente queria e devo estar. Na porta da casa da Ginger.

— Vo… Você? — Ginger faz cara de surpresa.
— Ei, não me manda embora. Só vim dizer uma coisa. — O quê? — ela cruza os braços.
— O meu livro vai estar nas livrarias na semana que vem. — Você conseguiu?! — ela descruza os braços e quase pula. — É. É só isso que queria dizer. Tchau.

Dou as costas e vou embora.
— Ei, volta.
Volto.
— Sim?
— Agora você tem.
— O quê?

— Vontade de viver. Está em seus olhos. Abro um grande sorriso.
— Obrigado.
Dou as costas novamente.
— Ei…
Volto de novo.
— A gente podia sair para tomar alguma coisa juntos

esses dias.
Abro um sorriso do tamanho do mundo, como não fazia há muito tempo.

Acho que agora a minha história terminou. Ah, faltou contar a história do Porsche.
Um dia eu sonhei com uma garota que tinha um Porsche. Vermelho com estofamento preto. Ela era a garota mais triste que eu já vi na minha vida. De vez em quando ela me deixava dirigir o carro. Sempre monossilábica, mal conversava comigo. O dia em que resolvi dizer algo e olhei para ela, eu emudeci. Tinha percebido que a solidão dela também era minha. Acordei, escrevi um poema sobre isso e fiquei pensando nela por muitos e muitos dias. Por isso, depois daquele sonho resolvi ter um Porsche vermelho. Com estofamento preto. E pretendo comprar com o dinheiro da venda do meu livro. As pessoas podem falar que isso é fútil, ostentação, loucura, impossível ou qualquer outra coisa. Mas, para mim, o Porsche vai ser o meu maior símbolo da solidão.
Como disse, eu tenho um plano.

TRILHA SONORA

Joe Cocker - Bye Bye Blackbird
Pixies - Wave of Mutilation
The Smiths - Heaven Knows
New Order - Bizarre Love Triangle
The Jet - You Gonna Be my Girl
The Vines- Ride
The Strokes - Reptilia
The Stills - Lola Stars and Stripes
Smashing Pumpkins - Today
Kent - Revolt III
Franz Ferdinand - Jacqueline
Manic Street Preachers - Little Baby Nothing
Weezer- Good Life
T. Raumschniere Feat Miss Kittin - The Game is Not Over Goldfrapp - Twist
Primal Scream - Miss Lucifer
Rolling Stones - Ruby Tuesday
Cartola - O Mundo é um Moinho
Pixies - Here Comes your Man
Ministry - Tente adivinhar
Prodigy- Tente adivinhar
Lulu - To Sir With Love (Mr. Fahrenheit Remix) Norah Jones- I've Got to See you Again
The Flaming Lips- Do you Realize?
Rent - 525.600 minutes
Elvis Costello - Candy
Queen - Don't Stop me Now
Chet Baker - Tenderly
Juliet - Avalon (Jacques Lu Cont Remix)
New Order - Jet Stream (Tom Neville Remix)
Ethan - In my Heart
Billy Idol - Dancing With Miself
Lauryn Hill - Can't Take my Eyes Off of You
Nada Surf - Inside of Love
And You Will Know us by the Trail of Dead - Baudelaire Nina Simone -

Mississipi Goddamn
Iggy Pop - The Passenger
Guillemots - Trains to Brazil